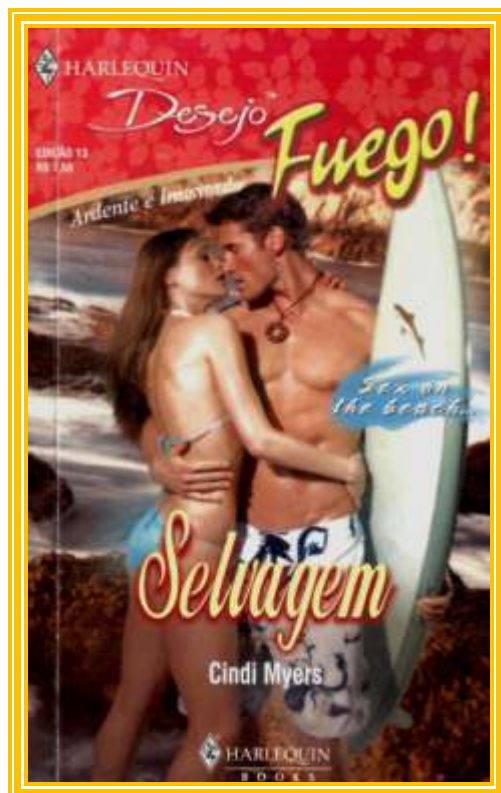


SELVAGEM

(WILD CHILD)

Cindi Myers



Aprender a surfar nunca foi tão tentador...

Que mulher recusaria passar umas férias em Malibu, com muita praia e bastante sol, drinques gelados e homens maravilhosos?

Para Sara Montgomery, executiva *workaholic* e ex-adolescente rebelde, essa é a hora de aproveitar cada momento no paraíso, sem culpa e com muita emoção!

Afinal, ela encontrou o homem perfeito para completar seu sonho de verão: o surfista Drew Jamison.

Entre uma onda e outra, Drew e Sara mergulham em um tórrido romance. Porém, a julgar por seus encontros cada vez mais selvagens, Sara sente que essas férias podem mudar sua vida...



Digitalização: Simone Ribeiro

Revisão: Maria Rocha



PUBLICADO SOB ACORDO COM HARLEQUIN ENTERPRISES II B.V./S.a.r.l.

Todos os direitos reservados. Proibidos a reprodução, o armazenamento ou a transmissão, no todo ou em parte.

Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas é mera coincidência.

Título original: WILD CHILD

Copyright © 2007 by Cynthia Myers

Originalmente publicado em 2007 por Harlequin Blaze

Arte-final de capa: Isabelle Paiva

Editoração Eletrônica: ABREITS SYSTEM

Tel.: (55 XX 21) 2220-3654/2524-8037

Impressão: RR DONNELLEY

Tel.: (55 XX 11) 2148-3500

www.rrdonnelley.com.br

Distribuição exclusiva para bancas de jornais e revistas de todo o Brasil:

Fernando Chinagii Distribuidora S/A

Rua Teodoro da Silva, 907

Grajaú, Rio de Janeiro, RJ — 20563-900

Para solicitar edições antigas, entre em contato com o

DISK BANCAS: (55 XX 21) 2195-3186

Editora HR Ltda.

Rua Argentina, 171, 4o andar

São Cristóvão, Rio de Janeiro, RJ — 20921-380

Correspondência para:

Caixa Postal 8516

Rio de Janeiro, RJ — 20220-971

Aos cuidados de Virgínia Rivera

virginia.rivera@harlequinbooks.com.br



CAPÍTULO UM

A TRISTE verdade era que Sara Montgomery não tinha nascido para ser um robô de empresa, uma daquelas pessoas sérias, presas ao computador e ao celular. Mas, em algum lugar entre seu passado de jovem rebelde e seu aniversário de 26 anos, foi exatamente o que se tornou. Mesmo agora, de férias em um chalé em Malibu, quando aceitara o desafio de suas colegas Ellie e Candy e prometera largar o trabalho por uma semana, não tinha sido capaz de deixar o laptop em casa.

— Isso é doentio — disse Candy Calder ao observar Sara desempacotar o laptop. A pequena morena de olhos cor de violeta que trabalhava em uma firma de software no mesmo prédio que Sara e Ellie tinha uma agitada vida noturna... E sempre deixava o trabalho no trabalho.

— Você deveria estar relaxando, e não trabalhando.

— Eu apenas o trouxe para checar meu e-mail — disse Sara. — Somente no caso de uma emergência. — Claro, com tio Spence, tudo era uma emergência. Mas e se ele *realmente* necessitasse dela enquanto estivesse fora?

— Só vou conferir uma vez ao dia.

— Venha caminhar conosco na praia — falou a terceira mulher do grupo, Ellie Rockwell, que fazia o estilo gótico e era dona do café embaixo do prédio no qual trabalhavam. Espalhou protetor solar nos braços, exibindo as unhas pintadas de um tom escuro em contraste com sua pele clara. — Está um dia lindo. Eu soube que está ótimo para os surfistas, o que significa que teremos muitos corpos bonitos e bronzeados para admirar.

Sara colocou o laptop sobre a mesa e escondeu a maleta atrás do sofá.

— E, é claro, a caminhada somente irá *acontecer* para levá-las até certa casa de praia, não longe daqui, onde certo homem atraente está hospedado, correto?

Candy enrubesceu.

— Ellie quer cumprimentar o irmão. Não há nada de errado com isso. — O irmão de Ellie, Matt, trabalhava com Candy e estava passando as férias num chalé na praia.

— E não há nada de errado em conversar com um colega de trabalho. — Sara sorriu. — Talvez até flertar um pouco. Afinal, essa é uma das razões das férias, certo? Conhecer um homem que você tem cobiçado não tão secretamente? Candy fez uma careta.

— Não é por isso que estamos aqui. Vou provar a Matt, que é meu *chefe*, não meu possível parceiro na cama, que posso ser séria quando o assunto é trabalho. Não sou apenas uma garota festeira.

— E *você* está nestas férias para aprender a relaxar — lembrou Ellie a Sara. — Para esquecer o trabalho e se divertir um pouco. Encontrar um homem lindo e fazer amor.



Sara ignorou o frio na barriga causado pela idéia de homens bonitos e sexo... Coisas que não faziam parte de sua vida há muito tempo.

— Sei por que estou aqui — falou ela. — E prometo que irei me divertir. Apenas tenho de ver com o escritório...

Quando as outras aumentaram suas vozes em protesto, ela mudou de assunto:

— Não vamos esquecer por que Ellie está aqui — disse Sara. — Não é apenas para cuidar da gente.

Ellie passou as mãos nos cabelos negros e evitou encará-las.

— Estou aqui porque sou uma grande fã do seriado *Pecado na praia*. Fiz um ótimo negócio alugando este chalé para nós... E pensei que seria divertido.

— E precisa parar de cuidar de todos e fazer algo para si — salientou Sara. Ellie assentiu.

— Certo. Pretendo fazer isso... Assim que souber que vocês duas estão prontas para ter férias fantásticas. O que significa, nada de computador para você — ela apontou para Sara —, e mais tempo com meu irmão lindo, porém solitário, para você — acrescentou para Candy.

Candy fez uma careta.

— Sei que você quer nos unir, mas Matt não está interessado em mim desta forma. E eu não o vejo assim também. Apenas quero impressioná-lo com minhas habilidades no trabalho.

O sorriso largo de Ellie não se desfez.

— Acho que você o impressiona bastante. Só não percebe o quanto. — Ela pôs sua bolsa de praia sobre o ombro. — Vamos. E, Sara, guarde esse laptop agora. Antes que eu esconda o cabo da tomada.

— Vou relaxar assim que terminar alguns detalhes finais. — Sara tentou ignorar a onda de culpa. — Prometi a tio Spence. — Ela ficaria conectada por alguns minutos para ter certeza de que nenhuma catástrofe ocorrera nas poucas horas em que estivera fora do escritório. Daí, então, estaria livre para aproveitar as férias.

— Seu tio Spence é tão bonzinho! — murmurou Ellie. — Sempre deixa gorjeta pelos seus cafés expressos duplos. Tenho certeza de que entenderá se você não trabalhar nas férias.

— Tio Spence é um homem bom. — Mais uma razão para não decepcioná-lo. Ela empurrou as amigas em direção à porta. — Vocês duas vão indo. Prometo que irei colocar meu biquíni, checar os e-mails rapidamente e então as alcançarei.

— Tudo bem. — Candy demorou-se à porta de entrada. — Se vai ficar aqui por mais alguns minutos, pode me fazer um favor?

— Claro.

— Ligue para o meu celular daqui a pouco.

— Certo. Alguma razão específica?

— Finja que você é uma colega de trabalho. Mas espere até que tenhamos tempo de chegar à casa de Matt. Quero que ele veja que *posso* ser séria sobre trabalho.

— Mesmo quando está de férias? — Sara assentiu, reprimindo um sorriso. — Entendi.

— Aparentemente, Candy não via a ironia em fingir fazer exatamente o que aconselhava Sara a não fazer. Talvez porque a amiga era especialista em misturar negócios com prazer, enquanto Sara nunca fora capaz de descobrir como equilibrar as duas coisas.

Depois que elas saíram, Sara pegou na mala um biquíni novo de cor laranja e o vestiu. Seu reflexo no espelho do banheiro a fez encolher-se. Estava muito branca. Por que não comprara um creme autobronzeador antes de viajar?

Pegando um frasco de protetor solar e o laptop, dirigiu-se até a ampla varanda do chalé e acomodou-se numa espreguiçadeira. Ao menos ali poderia *ver* a praia e aproveitar o som das ondas quebrando na areia. Embora estivesse no computador, num biquíni, com o oceano como pano de fundo, isso não contava exatamente como trabalho, contava?

Ela entrou em seu e-mail e avançou por uma dúzia de mensagens inúteis. Quando viu uma mensagem marcada com a palavra *Urgente!*, nem precisou checar para saber que era de tio Spence. Ansiosa, abriu o e-mail e leu a mensagem escrita em letras enormes.

Enquanto respondia ao e-mail, o celular tocou. Sara o tirou da bolsa e atendeu.

— Olá, tio Spence.

— Sara, por que você não tem respondido às minhas mensagens? — O sotaque sulista de Spence era carregado. — Estou saindo para jogar golfe com Benton Granger, que vai querer informações sobre os negócios nos quais você está trabalhando.

— Diga-lhe que está tudo sob controle para o fechamento do negócio na próxima quinta-feira. — Sara fechou o e-mail.

— Tem certeza? Não tivemos resposta da companhia de seguros ainda, tivemos? E quanto à pesquisa?

— A pesquisa veio na sexta. Está no arquivo. E a companhia de seguros deve ligar amanhã.

— Você deveria ligar para eles hoje. Se há algo que aprendi em meus anos neste negócio, é que devemos insistir para que as pessoas completem as tarefas de maneira eficiente.

Ela suspirou. A filosofia de negócios de Spence Montgomery era: gerência por persistência.

— Vai dar tudo certo, tio. Não se preocupe.

— Preocupo-me porque é o meu trabalho. E o seu, também. É necessário trabalho árduo para permanecer no topo deste negócio. Pensei que tivesse aprendido isso comigo.



Sara havia aprendido muito bem. Desde que tinha 17 anos e o tio lhe dera um emprego como recepcionista em sua empresa, a Anderson Title, ele lhe ensinara a importância do trabalho duro. E ela fora uma boa aprendiz. Quando se formou na faculdade, foi promovida, e Spence lhe dava mais responsabilidades a cada ano. A empresa se transformara num negócio multimilionário, realizando mais de cem empréstimos imobiliários por mês.

Sara amava seu trabalho. E adorava tio Spence. Devia-lhe todo o sucesso atual. Mas ele realmente se preocupava em excesso.

— Quando encontrar o sr. Granger, diga-lhe que está tudo indo bem.

— Seria melhor se você estivesse aqui para se certificar disso.

— Estarei de volta na semana que vem.

— Acho que você devia ligar para a companhia de seguros hoje. Apenas para verificar se está tudo em ordem.

— Tio Spence, estou de férias.

— Uma breve ligação não fará tanta diferença. E isso tranquilizaria a mente de Granger... E a minha também.

Sara consultou o relógio. Passava um pouco de uma da tarde. Poderia ligar para Marsha e, depois, então aproveitar a praia.

— Tudo bem. Vou ligar. E lhe enviarei um e-mail para tranquilizá-lo. Mas depois vou desligar meu celular.

— Não faça isso! E se eu precisar de você?

Houve uma época na qual Sara se sentia lisonjeada por Spence dizer que precisava dela. Mas os ânimos já haviam esfriado há algum tempo.

— Você está neste negócio há muito mais tempo do que eu. Pode lidar com qualquer coisa que apareça.

— Você é responsável por seus próprios clientes, Sara. Lembre-se: na Anderson Title, nós nos orgulhamos dos serviços que prestamos aos nossos clientes.

Ela suspirou. Não poderia dizer não ao tio Spence.

— Certo. Mas, por favor, prometa não ligar a menos que seja uma emergência.

— Esta é minha garota — replicou ele, novamente alegre. — Prometo. Não sei o que faria sem você.

— Até logo. E não se preocupe.

Sara olhou para o relógio outra vez. Candy e Ellie já deviam ter chegado à casa de Matt agora. Discou o número de Candy, mas não houve resposta. Estranho. Talvez Candy estivesse envolvida demais em uma conversa com Matt para atender o celular.

Dando de ombros, sentou-se ao lado do telefone e acessou a agenda de endereços em seu computador para encontrar o número de Marsha. Enquanto esperava o programa abrir, olhou para o mar.

Uma figura apareceu no horizonte: a silhueta de um surfista contra a extensão do céu azul e a água branca espumante. Conforme observava, ele se aproximava. Ela podia notar que era um homem, de ombros largos, usando um calção de estampa havaiana.

Sara inclinou-se para frente, prendendo a respiração quando ele pegou a crista da onda. Com joelhos levemente flexionados, braços um pouco afastados do corpo, estava muito bem equilibrado na prancha, uma bela e forte imagem.

Seu coração batia com anseio enquanto observava o homem dominar o oceano de maneira incrível. Quando Sara era adolescente, passava muito tempo na praia, correndo atrás de diversos deuses surfistas. Todavia, seus paqueras sempre ficavam com outras garotas de biquíni.

Claro que ela matou aula na época, e também experimentou drogas e saiu com as pessoas erradas. Estava a um passo da delinquência juvenil quando o irmão de sua mãe, Spence, colocara-a sob rédeas.

Certo, tinha sido um pouco irresponsável e rebelde, pensou com um sorriso. Mas também fora divertida e espontânea. Adjetivos que não tinham muito espaço em sua vida hoje em dia.

Isso não era parte do motivo de ter tirado férias? Para ter contato com aquela jovem rebelde novamente? Para redescobrir a emoção de ser um pouco irresponsável?

Levantando-se, debruçou-se sobre o parapeito para olhar o surfista mais de perto. Ele era alto, musculoso e bronzeado. Exatamente o tipo de homem pelo qual ela suspirara anos atrás. Na verdade, o tipo de homem que ainda a fazia perder o fôlego. Apenas porque estivera muito ocupada trabalhando durante os últimos anos, não significava que estava morta.

Aquele era o grande objetivo de suas férias, não era? Estava ali para provar a Ellie e Candy, e, o mais importante, para si mesma, que ainda tinha o necessário para se divertir e realmente *viver*.

Observou o surfista outra vez. Lindo abdome. Lindas pernas. Bronzeado perfeito. Os lábios curvados num sorriso. Exatamente o tipo de homem que poderia interessá-la.

Então, por que não ir atrás dele? Qual era o melhor jeito de despertar sua libido e a menina aventureira dentro de si do que com um surfista bonito?

Sara observou quando ele saiu da água como um deus mítico do mar. Ou talvez a estrela de uma de suas mais vivas fantasias sexuais...

— Olá!

Ele aproximou-se, acenando. Ela sorriu e acenou de volta, o coração disparando no peito.



— Venha aqui embaixo! As ondas estão ótimas! — chamou ele.

Ali estava a abertura que Sara procurava.

— Estou indo! — Ela caminhou até a escada da varanda que levava à praia, hesitou, então fez meia-volta e pegou o celular. Candy lhe daria uma bronca se visse aquilo, mas o que Sara poderia dizer?

Não estava pronta para cortar um hábito de forma abrupta. Além disso, não era como se estivesse esperando outra ligação ou algo assim. Apenas se sentia nua... Sem o celular.

DREW INCLINOU sua prancha contra o muro ao pé da escada e esperou pela mulher. Ela estava usando um biquíni de cor brilhante que mostrava curvas muito sensuais. Quando a vira, ela o estava observando com uma expressão pensativa. Como se não quisesse realmente estar naquela varanda sozinha.

Uma vez que Drew também havia começado o dia se sentindo solitário, imaginou que talvez os dois pudessem se ajudar. E não fazia mal algum ela estar atraente naquele biquíni.

— Oi, sou Drew Jamison. — Ele estendeu uma das mãos. — Bem-vinda a Malibu.

— Olá. Meu nome é Sara. — Ela hesitou, porém lhe apertou a mão. Tinha aperto firme, mas sua mão estava gelada.

Ela se afastou e virou-se para olhar o oceano, corando. Obviamente, não estava acostumada a estranhos apertando-lhe a mão.

Ele fez uma pose casual perto da prancha, fingindo olhar as ondas enquanto a observava pelo canto do olho. Manteve uma boa distância entre os dois. Não queria que ela pensasse que ele era do tipo atirado.

— Há quanto tempo você surfa?

A voz dela era suave, com um leve sotaque do sul, causando-lhe um calor que não tinha nada a ver com o sol de Malibu.

— Desde criança — disse ele. — Há quase 25 anos.

— Você é muito bom. — Ela o olhou, um sorriso tímido que iluminou o rosto.

Drew sentiu uma outra onda de calor. Se ela estava tentando flertar, aquilo com certeza funcionou. Talvez estivesse mais solitário do que imaginava. Ele sorriu.

— Obrigado. Administro a loja de surf lá embaixo, a *Surf Shack*. Meu avô é dono do lugar, então estou por lá há anos. Dou aulas também, se você estiver interessada em aprender a surfar enquanto estiver por aqui.

O sorriso dela brilhou.

— Eu adoraria. No entanto, nós só alugamos o chalé por uma semana.



O sorriso de Drew desapareceu.

— Nós? — Ela era casada ou tinha um namorado escondido em algum lugar?

— Estou aqui com duas amigas. Viemos de Los Angeles para descansar alguns dias.

Ah! *Dois amigas*. Aquilo parecia melhor.

— De onde você é? — perguntou ele. — Seu sotaque não parece de Los Angeles

Ela riu.

— Não, isso sempre me entrega. Sou da Geórgia. Mudei para Los Angeles com minha mãe quando eu estava no ensino médio, depois que meu pai morreu. O irmão dela, meu tio Spence, estava morando lá, e ajudou a me criar. E você? É nativo?

— Sim. Morei aqui a vida inteira.

— Não é de admirar que seja um surfista tão bom. Drew deu de ombros.

— Não surfo tanto quanto gostaria. Dirigir um negócio requer muito tempo. Isto e as obrigações familiares.

— E eu não sei? — Ela gesticulou para o celular em sua outra mão. — Não posso ficar longe do trabalho nem quando estou de férias. E meu tio Spence, que Deus o abençoe, espera que eu faça tudo.

— Então parece que você *precisa* mesmo de férias. — Ele aproximou-se. — E eu adoraria uma companhia esta tarde.

O pensamento de voltar para a água, ou para o trabalho, perdeu o atrativo agora que ele havia conhecido Sara. Se ela iria ficar lá só por uma semana, Drew queria aproveitar o tempo para conhecê-la melhor.

Ela olhou para as ondas outra vez.

— É uma idéia tentadora. Sempre posso terminar meu trabalho depois...

Drew estava se dando os parabéns por ter dito a coisa certa quando o telefone de Sara tocou. Silenciosamente, desejou que ela não atendesse, mas tinha a impressão de que não era do tipo que ignorava um toque de telefone.

— Alô? Oi, Candy. Vocês já estão na casa de Matt? Drew andou um pouco a fim de lhe dar privacidade, e tentou não prestar atenção na conversa. Desejou que Sara não decidisse trabalhar em vez de ficar com ele.

A escolha do momento era tudo, no surfe e na vida. Cinco anos atrás, o avô, Gus, havia sofrido um sério ataque cardíaco. Ele se recuperara, mas, no ano anterior, uma segunda coronária o debilitara. Quase perdera a *Surf Shack*. Foi quando Drew chegou para ajudar. Atendia atrás do balcão desde então, enquanto Gus ajudava como podia. Depois que os médicos proibiram o surfe, Gus se tornou uma "lenda" do surfe local, compartilhando histórias de seus dias de apogeu como um rei do surfe para qualquer um que se interessasse em ouvir.

Drew não se importara em voltar ao lugar onde havia crescido, mas, entre morar com o avô e administrar a *Surf Shack*, surfar era algo de que jamais poderia desistir. Adorava seu trabalho, mas, às vezes, sentia-se pressionado. Na noite anterior, depois que Gus tinha ido dormir, Drew ficara acordado para fazer o balanço das contas da loja. Entre análises de registros de inventário, percebeu que aquele não era o modo de um homem de 29 anos passar a noite de domingo.

A repentina solidão o atingira em cheio e, naquela manhã, tinha prometido mudar as coisas. Sairia mais, conheceria mulheres e acharia alguém com quem compartilhar a vida.

Então, seria mera coincidência que a primeira mulher que conhecera parecia querer a mesma coisa para si? Talvez ele estivesse interpretando mal aquele olhar pensativo e aquela conversa rápida, mas algo lhe dizia que Sara era uma mulher de anseios maiores.

— Desculpe. — Ela se aproximou. — Achei que fosse tio Spence ligando por causa de alguma emergência de trabalho, mas era apenas uma de minhas amigas.

— Então você está livre para vir comigo agora? Ela sorriu.

— Estou livre. Pelo menos por um tempo. E é melhor eu aproveitar isso.

CAPÍTULO DOIS

A AREIA fria entre seus dedos, o cheiro de sal e bronzeador, o barulho das ondas e das gaivotas transportaram Sara para a adolescência. Caminhando ao lado de Drew, sentiu-se muito perto do que tinha ido redescobrir em Malibu. Com a prancha debaixo do braço, ele se *parecia* com os ídolos de sua juventude. Qualquer coisa poderia acontecer enquanto o sol brilhasse e seu companheiro continuasse lhe sorrindo.

Estava feliz por ter concordado em sair com ele. Drew era uma companhia alegre e agradável. Além disso, dera-lhe a desculpa perfeita para largar o trabalho, embora seu celular estivesse na bolsa de praia que carregava.

Agora, se podia seguir com seu plano original de seduzi-lo, era algo discutível. Suas habilidades de sedução estavam definitivamente enferrujadas.

Eles passaram por uma área da praia onde havia uma roda-gigante, barracas de jogos, um palco e redes de vôlei. Um homem num turbante verde-limão e de camisa havaiana estava parado perto de uma placa na qual se lia: Magelann, o Profeta.

— O que é tudo isso? — perguntou Sara.

— Faz parte do grande festival *Pecado na praia*. — Drew arqueou uma sobrancelha. — Achei que vocês tivessem vindo para cá por isso.

Ela deu de ombros.

— Minhas amigas comentaram algo a respeito, mas nunca pensei que a festa fosse tão... elaborada.

Ele assentiu.



— É uma semana muito agitada. Jogos, danças, concursos, prêmios.

— Acho que tivemos sorte. — Sara sorriu-lhe. Parecia o cenário perfeito para um romance.

— Minha loja fica logo ali em cima — disse Drew. — Meus avós abriram há quase quarenta anos.

— É difícil imaginar ter um avô que surfa — comentou ela. — Parece um esporte de jovens. — A mãe de Sara e seu falecido pai eram pessoas sérias e trabalhadoras. Mesmo depois que haviam se mudado para Los Angeles, a mãe nunca se acostumara com o estilo de vida do litoral. Reclamava que o sol brilhava demais.

— Vovô Gus definitivamente não é conservador. Na verdade, se esquece de que não pode fazer tudo o que podia quando era jovem, o que freqüentemente o coloca em apuros.

— E você se preocupa com ele. Drew a olhou.

— É tão evidente assim?

— Não, mas me identifico de certa maneira. Tio Spence é mais novo que o seu avô, mas trabalha muito. Nunca relaxa, e isso me preocupa bastante. Ele depende de mim para ajudá-lo nos negócios e detesto desapontá-lo.

Drew assentiu.

— Amo vovô, e não me importo em ajudá-lo, mas às vezes...

— Sim, às vezes. — Sara sabia exatamente como Drew se sentia. Talvez não fosse a única no mundo com excesso de responsabilidades e de culpa.

— Gostaria de conhecer a loja? — convidou Drew. — Então, talvez possamos fazer alguma coisa juntos.

— Eu adoraria — disse ela. Então, sentiu o celular vibrando na bolsa e raspando contra as chaves, produzindo um ruído.

— O que foi isso? — perguntou Drew.

— Nada. — Sara enfiou a mão na bolsa, tentando, sem sucesso, localizar o botão que desligava o celular.

— O que é este barulho? — Drew se aproximou, — Você tem alguma coisa aí?

— Não, está tudo bem. — Se ela atendesse a uma outra ligação, ele pensaria que era viciada em trabalho.

Drew deu um passo atrás, sorrindo.

— Já ouvi falar nessas coisas, mas nunca conheci uma mulher que as carregasse para a praia.

— Não é... Você não está pensando que... — Enrubescendo, Sara tirou o celular da bolsa. — É um telefone!

Ele riu.

— Eu disse que não era? Vamos, atenda, talvez seja sua amiga de novo.

Ela olhou para o identificador de chamadas.

— Não, é meu tio.

— Então é melhor você atender.

— Acho que sim. — Sara abriu o telefone e se distanciou alguns passos.

— Sara, por que você não ligou para a companhia de seguros? — Com tais palavras, tio Spence fez seu humor mágico desaparecer.

Ela gemeu.

— Desculpe-me. Fiquei ocupada e acabei esquecendo. Ligo amanhã cedo.

— Precisa ligar agora. Granger está me perguntando sobre o fechamento. Vamos jantar juntos e eu gostaria de poder lhe dizer alguma coisa específica — insistiu ele.

— Diga ao sr. Granger que está tudo dentro do prazo.

— Você tem aquele fluxograma que mostra os passos e a conclusão do processo?

— Sim. — Ela olhou para Drew. Ele estava encostado na prancha, olhando o mar. Esperou que não estivesse impaciente.

— Vou lhe dar um número para você passar um fax — disse Spence. — Entregarei a Granger no jantar.

— Não tenho um aparelho de fax aqui.

— Então, mande um e-mail para o escritório. Pedirei a Tabitha que imprima e mande o fax.

Drew a olhou, e ela acenou.

— Tio Spence, isso não pode esperar? Estou realmente ocupada no momento.

— Quanto tempo vai levar para mandar um e-mail do fluxograma? E um telefonema para a companhia de seguros não é pedir muito. — Ele suspirou, parecendo triste. — Conto com você, Sara. Não me decepcione.

Cada palavra a enchia de culpa. Ela engoliu em seco.

— Tudo bem. Vou ver o que posso fazer.

Sara desligou. Podia esquecer uma tarde livre de romance.

— Algo errado? — Drew se aproximou. — Você parece chateada.

— Desculpe-me, tenho de ir — disse ela, guardando o celular na bolsa e evitando olhá-lo. — Surgiu algo no escritório...

— Não pode pedir que uma outra pessoa cuide disso?

Ela meneou a cabeça.



— Não.

Podia sentir os olhos de Drew sobre si, intensos e desapontados. Ele parecia um homem tão incrível! Eles poderiam ter se divertido juntos...

— Foi ótimo conhecê-lo — falou ela.

— Sim. Talvez eu a veja por aí.

— Sim. — Exceto que ela ficaria mortificada se o encontrasse de novo.

Pondo a prancha debaixo do braço, ele partiu. Sara o observou caminhar ao longo da areia. Drew era perfeito demais. E ela havia perdido a chance. Estava condenada a uma vida acorrentada ao computador.

MEIA HORA depois, Sara tinha acabado de mandar o e-mail para seu tio, e estava pensando se abria ou não uma garrafa de vinho para sua festa particular, quando Ellie entrou na casa.

— Ei, você ainda está trabalhando? Prometeu que largaria essa coisa.

— Eu larguei — disse Sara, fechando o laptop e se voltando para a amiga. — Fui dar uma caminhada na praia.

Ellie se sentou no sofá.

— E aí? Conheceu alguém interessante?

Sara sentiu o rosto quente.

— Havia um surfista...

— Eu sabia! — Ellie se inclinou para frente. — O que aconteceu? Você falou com ele? Contou-lhe que precisa de alguém para ajudá-la a relaxar? Sugeriu que fossem a algum lugar para experimentar um sexo ardente?

Sara riu do assalto de perguntas.

— Falei com ele. Chama-se Drew e administra uma loja de surfe.

— Hum. E Drew é bonito? Ou delicioso? — Ellie sorriu de modo travesso.

Um calor percorreu Sara com a lembrança dos músculos bronzeados e do sorriso sexy de Drew.

— As duas coisas. E é muito interessante também.

— Então o que você está fazendo aqui sozinha?

— Tudo estava indo bem, até que tio Spence ligou.

— Sara! Por que atendeu ao telefone?

— Eu não ia atender. Mas Drew disse que eu deveria.

— O que Spence queria? — perguntou Ellie.

— Algumas informações para um cliente com quem vai jantar hoje.

— Então ele deveria ter se virado sozinho. E você deveria ter lhe dito isso.

Sara assentiu.

— Eu sei. Vivo me dizendo que vou enfrentá-lo, mas ele me faz sentir culpada. É mais fácil fazer o trabalho do que lidar com a culpa.

Ellie lhe tocou a mão carinhosamente.

— Eu sei, querida. Spence depende muito de você, que tem o coração mole.

E uma cabeça fraca, pensou Sara.

— Então voltou aqui a fim de conseguir a informação para tio Spence — disse Ellie. — Devia ter convidado o surfista para vir com você.

— Nem pensei nisso — falou Sara. — Depois do telefonema de tio Spence, acabou o clima.

— Acha que Drew ficou zangado?

— Não, ele foi compreensivo. Mas eu me senti mal. — Que mulher em seu juízo perfeito iria abandonar um homem lindo para trabalhar?

Ellie se recostou, a expressão pensativa.

— Você disse que ele administra uma loja de surfe? Sara assentiu.

— Chama-se *Surf Shack*. É do avô dele.

— Isso é perfeito. — Sorrindo, Ellie pegou o panfleto de *Pecado na praia* da mesinha de centro. — Haverá uma competição de surfe no festival. Você costumava surfar, não é?

— Eu tinha amigos surfistas, mas nunca aprendi.

— Então agora é a hora de aprender. — Ellie lhe entregou o panfleto. — Amanhã cedo você vai à *Surf Shack* se inscrever para o torneio. E dirá a Drew que quer aulas particulares com ele.

Ellie fazia as coisas parecerem tão simples! ' "

— E se ele se negar?

— Vista seu biquíni laranja e ponha um sorriso no rosto, e garanto que ele não vai negar. — Ela apertou a mão de Sara. — Uma mulher que lida com transações imobiliárias de um milhão de dólares deve ser capaz de persuadir o homem do qual gosta, a passar um tempo ao seu lado.

Sara assentiu, determinada a superar suas inseguranças. Estava cansada de ser espectadora na vida, e nunca uma participante.

— Certo — concordou. — Farei isso amanhã. Agora, me conte como foi o encontro de Matt com Candy.

— Quando deixei os dois, Candy estava falando de trabalho e pedindo a opinião dele, que parecia mais confuso do que nunca. — Ellie sorriu. — Se Candy realmente *olhasse* para

meu irmão, perceberia como é louco por ela. Mas está tão convencida de que Matt não a leva a sério que não acredita que possa estar interessado.

— Matt é um ótimo sujeito — disse Sara. — E é claro que você o ama. Mas talvez ele seja muito sério para uma mulher como Candy. Ela só pensa em se divertir.

Ellie meneou a cabeça.

— Tenho intuição para esse tipo de coisa. E sinto que essas férias serão excelentes para Matt e Candy.

Era típico de Ellie sempre se preocupar com o problema dos outros. Havia transformado sua cafeteira, de estilo gótico, num centro de terapia para as pessoas que trabalhavam no edifício. Mas o que Ellie queria?

— O que você fez depois de deixar Candy e Matt? — perguntou Sara.

— Andei pela praia e vi as preparações para o festival. Há muitos jogos e atrações, e o cenário onde eles vão filmar um episódio do seriado *Pecado na praia*. Haverá até mesmo testes para figurantes amanhã.

— Isso é maravilhoso! — disse Sara. — Você deveria tentar. Ellie era uma grande fã do seriado *Pecado na praia*, e embora não admitisse, Sara sentia que havia diva interior em sua amiga que adoraria ser despertada.

— Eu nunca conseguiria fazer isso — protestou Ellie, olhando para seu short e camisa pretos. — Não tenho bem o estilo que eles estão procurando.

— Então mude seu estilo — disse Sara. — Você é linda. Algumas luzes nos cabelos e mais cores nas suas roupas e será uma garota de praia sexy!

Ellie pareceu incerta.

— Não sei...

— Você sabe que quer fazer isso — insistiu Sara.

— Sim, mas... Há um problema.

— Qual?

— Conheço o diretor.

— E isso não é ótimo?

Ellie deu de ombros. — Chama-se Bill. Fomos vizinhos de porta quando eu era adolescente. Duvido até que ele se lembre de mim.

— Mas você se lembra dele.

— Eu gostava dele na época. — Ellie sorriu. — Quando eu o vi hoje, foi como se nada tivesse mudado. — Ele é *tão* lindo! E tem uma tatuagem incrível!

Sara riu. Ellie adorava homens tatuados.

— Isso está ficando cada vez melhor.

— Melhor? Não posso pensar em nada pior do que passar vergonha na frente de uma antiga paixão.

— E por que passaria vergonha? — questionou Sara.

— E não estou convencida que ele a esqueceu. Você não é uma mulher da qual alguém se esquece facilmente.

— Eu era quase uma criança — argumentou Ellie.

— Muito diferente do que sou agora.

— Mais uma razão para mostrar a ele o quanto está crescida. Pense nisso. Candy e Matt podem se envolver nestas férias. Você me convenceu a investir em Drew. Agora, é sua vez de ir atrás de Bill.

Ellie sorriu.

— Quando você coloca dessa forma...

— Isso mesmo. Se vou me inscrever nas aulas de surfe, você também deve ter coragem de fazer o teste.

— Tudo bem — concordou Ellie. — Combinado. Estas serão as nossas melhores férias.

DREW ACABOU de contar o dinheiro na caixa registradora e fechou-a. Hora de começar um outro dia nas minas de sal. É claro, dirigir uma loja de surfe não era um trabalho tão duro, mas não tinha a mesma liberdade de surfista que um dia apreciara. A conversa com Sara no dia anterior o lembrara quanta coisa estava faltando em sua vida.

E na dela também, aparentemente. Pena que Sara tivera de partir. É claro, sabia onde encontrá-la, mas talvez fosse melhor terminar o que nem começara. Afinal, nenhum dos dois parecia ter espaço em suas vidas para um relacionamento.

— Por que você está triste? — perguntou Gus de seu lugar costumeiro, a banqueta diante do balcão. Vestido de short vermelho e camisa estampada, Gus ainda usava a costeleta e o bigode que tinham sido sua marca nos tempos de surfista, embora os cabelos estivessem brancos agora, em vez de louros. Setenta anos e dois infartos não haviam diminuído seu ritmo.

Entre o estresse de dirigir o negócio próspero e se preocupar com os excessos de Gus, era um milagre que Drew ainda dormisse.

— Estou com muitas coisas na cabeça, só isso.

— Você é jovem demais para ficar melancólico — disse Gus. — Precisa sair e se divertir. — Pegou um panfleto de uma pilha sobre o balcão. — Este festival *Pecado na praia* tem todo o tipo de atividades das quais você poderia participar. — Tirando os óculos do bolso da camisa, colocou-os e leu: — Dança limbo, natação, vôlei, pintura corporal... E veja: surfe. — Sorriu para Drew sobre a borda do papel. — Diz aqui que a competição de

surfe é patrocinada pela Beach Babe Bronzer e pela *Surf Shack*. Suponho que isso significa que você está desqualificado para entrar.

— Estou — replicou Drew. Meses atrás, decidira patrocinar a competição, pensando que isso seria bom para publicidade. Todos os que quisessem participar deveriam se inscrever em sua loja, onde ele ofereceria descontos especiais no aluguel de equipamentos e nas aulas.

— Melhor assim. Eu soube que um dos juízes da competição é muito rígido. Um antigo campeão de surfe — disse Gus se referindo a si próprio. '

— Verdade? — Drew sorriu. — Ouvi dizer que ele é apenas um velho excêntrico.

Gus riu.

— Posso estar velho, mas ainda surfo melhor do que muitos jovens por aqui.

— Talvez. Mas você não precisa provar nada para eles. Lembre-se das ordens médicas.

— Médicos! — falou Gus com desdém. — Eles podem entender de medicina, mas o que sabem sobre viver? A única razão pela qual ainda estou em forma com minha idade é porque sempre fui ativo.

Drew sabia que aquilo era verdade. Gus Jamison fora campeão mundial de surfe três vezes. Duas gerações de surfistas haviam aprendido com ele. Mas os infartos tinham acabado com aquilo... Se apenas seu avô aceitasse isso...

Ele organizou os formulários de inscrição para o torneio de surfe.

— Você pode continuar ativo, mas não vai mais surfar. Ficaremos ocupados durante o festival. Precisarei de sua ajuda aqui na loja.

— Claro, vou ajudar — disse Gus. — Mas também vou passar algum tempo no festival.

Drew sabia por que o avô se sentia atraído pela produção para a televisão. Mesmo aos 70 anos, ainda gostava de mulheres bonitas de biquíni.

— O que vai fazer lá? — perguntou Drew. — Espera conquistar uma daquelas atrizes?

Gus se sentou ereto.

— Para sua informação, fui contratado para um papel no seriado.

Perdendo o fôlego, Drew olhou para o avô.

— O quê?

— Um produtor do programa veio aqui ontem, procurando estacas para usar no cenário. Começamos a conversar e ele me convidou para fazer um papel no episódio que estão filmando. — Gus alisou o bigode.

— Acho que reconheceu um astro de qualidade quando me viu.

Drew meneou a cabeça.

— Vovô, você nunca deixa de me surpreender.

— Isso se chama carisma, rapaz. Gosto de pensar que passei um pouco para você. Sabe que eles estão fazendo testes para figurantes esta manhã? Talvez você deva ir lá e tentar.

— Acho que um astro na família é suficiente. Além disso, alguém precisa ficar aqui e cuidar da loja.

— Você se preocupa demais com esse negócio. É uma loja de surfe, não a IBM. Cooter pode cuidar de tudo se não estivermos aqui.

Drew assentiu. O único empregado da *Surf Shack*, Cooter Dixon, era um rapaz gentil, que sabia quase tanto sobre surfe quanto Drew e Gus. Era bastante capaz, mas não era a mesma coisa do que ter um dos *Cotios* atrás do balcão.

— Quero sair daqui e me divertir, para variar. — Gus estudou o panfleto novamente. — Aqui diz que os participantes podem acumular pontos e ter uma chance de ganhar férias grátis numa casa na praia.

— Já tenho uma casa na praia — respondeu Drew.

— Por que eu precisaria de outra? Gus fez uma careta.

— Tenho de lhe ensinar tudo? Encontre uma garota sexy e se ofereça para ajudá-la a ganhar pontos para a casa de praia.

Uma imagem de Sara naquele biquíni sexy surgiu na mente de Drew. Não se importaria de fazer algumas atividades com ela. Então, lembrou-se do celular na mão de

Sara. Aparentemente, a primeira mulher que realmente lhe interessava em anos, estava mais distraída pelo trabalho e responsabilidades do que ele.

— Farei um acordo com você — disse Gus.

Drew o olhou desconfiado.

— Que tipo de acordo?

— Você se inscreve para participar de algumas atividades do festival e prometo me comportar e não exagerar.

— Já se comportou alguma vez? . Gus sorriu.

— Dizem que mesmo cães velhos podem aprender novos truques.

— Deixe-me ver esse panfleto. — Ele estendeu a mão e pegou as folhas coloridas. Estudou a lista de atividades. Algumas pareciam divertidas. Desde que começou a administrar a loja, há quase dois anos, não tinha tempo para se divertir. Aquilo podia ser bom para relaxar um pouco. E se pudesse convencer uma mulher de biquíni laranja a relaxar com ele...

CAPÍTULO TRÊS



Sara apertou a bolsa contra a lateral do corpo e lutou contra a vontade de dar meia-volta. Ellie tinha cumprido sua parte no acordo e ido fazer o teste de figuração para o Pecado na praia. E, após uma produção, ficara fantástica. Bill certamente seria incapaz de resistir.

Agora, era a vez de Sara controlar os nervos e se inscrever para o torneio de surfe... E ter aulas particulares com Drew. Resolutamente, desligou o celular depois de mandar um e-mail para tio Spence, informando-o de que ficaria fora de contato o dia inteiro.

Estava com o telefone na bolsa, mas estritamente para emergências.

Caminhou pela praia até a *Surf Shack*. A casa ficava bem atrás do píer, com degraus levando a uma ampla varanda. Sara ficou ali parada por um momento, reunindo coragem.

— Suba, minha jovem. — Um homem de cabelos brancos e bigode apareceu na varanda e acenou-lhe. — Aqui tem tudo o que você precisa.

Ela sorriu e começou a subir os degraus.

— Você é Gus?

— Vejo que minha reputação continua intacta. — Ele ampliou o sorriso e pegou-lhe a mão. — E qual é o seu nome?

— Sara.

— É um prazer conhecê-la, Sara. Você é surfista?

Ela meneou a cabeça.

— Não, mas gostaria de ser.

— Então veio ao lugar certo. — Gus começou a conduzi-la para dentro, então parou e fitou-a. — Está namorando um surfista? Ou uma outra pessoa?

Divertida pela pergunta, ela sorriu.

— Não.

— Perfeito. Entre. Quero que conheça alguém. Assim que entrou, Sara viu Drew ao balcão, ocupado

com um cliente. Estava tão lindo quanto ela se lembrava: os cabelos com mechas do sol caindo na testa e uma camiseta desbotada marcando os ombros largos.

Não querendo ser pega encarando-o, ela olhou ao redor da loja. O lugar estava repleto de coletes salva-vidas, pranchas de surfe, protetores solares, camisetas e acessórios. Um tubarão de plástico gigante sorria de uma parede acima da caixa registradora.

A parede ao lado da porta era devotada às fotografias. Ela reconheceu um Gus mais jovem, com cabelos louros, posando com uma prancha de surfe e um troféu de ouro de um metro de altura. Numa outra foto, Gus estava com um casal mais jovem e um garotinho...

Drew? Sara sorriu e encontrou o garoto em diferentes idades. No canto, viu uma fotografia mais recente de Drew com o avô, atrás do balcão da *Surf Shack*.

Gus pigarreou e Sara se virou para descobrir Drew olhando-a.

— Sara! — Um sorriso iluminou o rosto dele.

— Olá, Drew.

— Vocês se conhecem? — quis saber Gus.

— Nós nos conhecemos ontem à tarde. — Drew aproximou-se dela. — Que bom ver você!

— É bom ver você, também — disse Sara, o coração disparado. — Eu queria me desculpar por ter saído daquela maneira ontem.

— Tudo bem. Você tinha um trabalho a fazer.

Os olhos castanhos de Drew eram maravilhosos, com reflexos dourados.

— Estava pensando... Talvez pudéssemos tentar novamente.

Sara estava tão perdida nos olhos de Drew que se esqueceu de Gus. Até que ele falou para o neto:

— Por que não me deixa cuidar da loja esta manhã? Vocês dois podem sair e se divertir. Está um dia lindo.

Drew franziu o cenho.

— Não sei, vovô. As pessoas virão se inscrever para o torneio. Talvez a loja fique muito movimentada.

— Cooter pode me ajudar.

— Quase me esqueci — falou Sara. — Vou me inscrever para o torneio.

— Pensei que você tivesse dito que não surfava — comentou Drew.

Ela deu de ombros.

— Não surfo, mas sempre quis aprender. O torneio parece um bom incentivo. Além disso, você ganha pontos participando, não ganha?

— Para o concurso do *Pecado na praia*? — Drew pegou a prancheta do balcão e olhou alguns papéis. — Aqui diz que você ganha cinquenta pontos na inscrição.

— Ótimo. Minhas amigas e eu vamos tentar juntar pontos e ganhar umas férias na casa de praia.

— Há muitas atividades esta semana para o festival.

Uma vez que a *Surf Shack* é um dos patrocinadores do evento, não posso concorrer, mas poderia fazer parte de sua equipe.

— Seria ótimo. — Aquilo lhes daria uma desculpa para passar mais tempo juntos. — Honestamente, eu não estava confiante que poderia contribuir muito para o grupo. Minha amiga Candy já tem muitos pontos. E minha outra amiga, Ellie, vai fazer um teste para atuar em *Pecado na praia*. Se conseguir uma participação, vai ganhar muitos pontos.

— Sua amiga quer participar do seriado? — interrompeu Gus. — Eu tenho um papel.

— É mesmo? — Sara tentou esconder a surpresa.

— Sou o rabugento, porém adorável, dono da loja de surfe onde as estrelas da série guardam suas pranchas.

— Tudo o que vovô tem de fazer é ser ele mesmo.

— Drew entregou um formulário a Sara. — Preencha isto e estará inscrita no torneio. — Voltou-se para o avô:

— Onde está Cooter?

— Lá fora, consertando uma prancha. Drew assentiu e gesticulou para Sara.

— Quando acabar aí, iremos arranjar uma prancha para você.

Ela preencheu o formulário e, então, o seguiu escada abaixo para um quintal cercado por madeiras altas. O espaço era abarrotado de pranchas, mais coletes salva-vidas e três caiaques.

À esquerda da escada, um jovem alto e cabeludo estava encerrando uma prancha. Olhou para cima quando eles se aproximaram.

— Ei, amigo. — Ele cumprimentou Sara com um aceno de cabeça.

— Sara, este é Cooter. Cooter, Sara precisa de uma prancha.

— Dê-lhe uma daquelas ali. — Cooter gesticulou para [uma pilha de pranchas contra a cerca. — Elas estão ótimas.

Drew foi para o lugar indicado e pegou uma prancha.

— Encontre um colete que lhe sirva.

Ela escolheu um colete verde e o seguiu para um portão que dava acesso à praia.

— Conte-me sobre Gus. Você disse que ele sofreu um infarto...

— Dois. — Ele segurou o portão aberto para ela. — Vovô estava dirigindo a *Surf Shack* sozinho, e o trabalho era demais.

— Então, você veio ajudá-lo.

Drew a conduziu ao longo da lateral da casa.

— Meus pais administravam a loja quando eu era criança, mas se aposentaram no Arizona alguns anos atrás, e acabaram abrindo um restaurante lá. — Ele meneou a cabeça.

— Não conseguiram ficar parados, mas, agora que estão envolvidos no negócio, não puderam vir para ajudar vovô.

— Ele tem sorte de ter você, então.

— É melhor do que trabalhar numa corretora de seguros, preso atrás de uma mesa, que era o que eu fazia antes.

— Entretanto, é muita responsabilidade. — Sem mencionar o quanto ele devia se preocupar com o avô.

Drew deu de ombros.

— Tento não deixar o trabalho mudar meu estilo. — O sorriso que ele deu a deixou de pernas bambas. Esperou que estivesse agindo com naturalidade. Afinal, não tinha muita prática em relacionamentos.

Quando eles chegaram à frente da casa, ele entregou-lhe a prancha e foi buscar a sua própria, aproveitando para deixar a bolsa de Sara com Gus.

A areia já estava repleta de cadeiras e guarda-sóis. Crianças brincavam e adolescentes e adultos tomavam sol ou banho de mar.

— Era esta praia que você freqüentava quando adolescente? — perguntou Drew.

— Não. Eu costumava ir à praia em County Line. — Naquela época, não havia muito mais em County Line do que alguns banheiros químicos e muitos surfistas. O lugar perfeito para quem quisesse fugir dos pais, da escola ou de muitas regras. O lugar perfeito para uma garota entrar em apuros, e Sara encontrara isso lá. Faltara tanto à escola que quase perdera o primeiro ano do ensino médio. Havia fumado maconha, bebido cerveja e até roubado pequenos itens de lojinhas em seu caminho para a praia. Seus amigos eram todos rebeldes, e só se sentiam verdadeiramente em casa quando estavam na praia.

— Uma boa praia para surfar — comentou Drew. — Também para mergulhar.

— Eu só tomava sol e observava os surfistas — disse ela.

— Agora, você será uma das surfistas. Eles passaram pela multidão e foram para uma área da praia que era quase deserta àquela hora do dia.

— Este é um bom lugar para começar. — Drew parou e enterrou a prancha na areia. — Deve começar com ondas pequenas.

Sara olhou para as ondas, as quais pareciam pequenas, mas seu estômago se revolveu com a idéia de tentar percorrê-las.

— Além disso, aqui é vazio — acrescentou ele —, e você quer evitar multidões. Sobre tudo porque os surfistas se irritam com principiantes em seu caminho.

— Acho que é por isso que nunca aprendi antes. Não queria ser motivo de reclamação para meus heróis.

Ele riu.

— Já reclamei de principiantes, mas não farei isso hoje, Iremos devagar, e prometo que você vai conseguir.

Ela assentiu, embora tivesse dúvidas. Todavia, jamais aprenderia se não tentasse. O objetivo daquelas férias era quebrar velhos padrões e tentar coisas novas.

— Tudo bem. Por onde começamos?

— Primeiro, faremos algumas flexões.

— Flexões? — Sara franziu o cenho. — Vou ter de me exercitar antes de entrar na água?

— Precisamos praticar alguns movimentos que você vai usar lá, e é mais fácil praticar na areia.

Ela ainda estava cética.

— Flexões?

— Mais ou menos. Observe. — Ele deitou-se de bruços na areia. Vestido num calção havaiano largo, o corpo era bronzado e musculoso, as pernas longas, cobertas por pêlos dourados. Sara sentiu uma onda de excitação, e se imaginou deitada na areia, rolando para os braços dele.

Num movimento rápido, Drew começou a fazer as flexões, erguendo-se sobre os braços e depois se encolhendo numa posição agachada, um pé na frente do outro. Após algumas vezes, olhou para ela e sorriu.

— Acha que pode fazer isso?

— Claro. — Sara deitou-se. Não era viciada em academia, mas fazia aulas de yoga e andava muito por seu bairro.

— Agora, imagine que você está sobre a prancha — disse Drew. — Uma onda está vindo. Salte e pegue-a.

Erguer o corpo numa flexão não era problema, mas saltar para uma posição agachada era mais difícil do que parecia. Ela tremeu na posição e caiu na areia.

— Precisa se mover mais rápido — instruiu ele. — Lembre-se: a onda está vindo e você tem de ficar de pé.

Sara tentou repetidas vezes, até que estava suando e ofegante. Olhou para Drew.

— Que tal?

— Está melhorando. Terá de praticar mais, sozinha. — Ele estendeu a mão para ajudá-la a se levantar. Então, começou a tirar areia da barriga e dos braços de Sara.

Quando os dedos quentes lhe roçaram os seios, um tremor a percorreu, fazendo com que balançasse um pouco. Ele parou, e os dois se entreolharam com intensidade.

— Desculpe-me.

— Não se desculpe. — Sara umedeceu os lábios, esperando que ele a beijasse. Sua boca formigava em antecipação ao toque. Quem se importava com o surfe? Havia coisas melhores para fazer numa área deserta da praia.

Mas Drew desviou o olhar, e o momento passou.

— Acho que estamos prontos para entrar na água. Primeiro, prenda o *strep* no tornozelo, Isso evitará que você perca a prancha quando cair.

— Quem disse que vou cair? — provocou ela, enquanto fechava o velcro ao redor do tornozelo.

— Não vai aprender se não cair. Agora vamos entrar na água, deitar sobre a prancha e remar para o fundo.

— Parece simples. — Sara o seguiu para a água, empurrando a prancha à sua frente.

— É mais difícil do que parece. Agora suba na prancha.

Com algum sacrifício, ela fez isso.

— E agora?

— O segredo para surfar é manter o equilíbrio. Mantenha seu peso centrado sobre a prancha. Reme com as mãos levemente dobradas. — Ele demonstrou e Sara imitou. — Então, comece se mover para frente, cortando as ondas.

— Isso não é tão difícil. É até... — Naquele momento, uma grande onda veio e a derrubou. Sara subiu à superfície de modo desajeitado, os olhos ardendo do sal.

— Você está bem? — perguntou Drew.

— Sim. — Exceto por sua dignidade. Ela voltou para a prancha.

— É difícil remar sobre ondas grandes, então você precisa aprender a mergulhar.

— Mergulhar? — Ela não gostou da idéia.

— Só por um minuto. Para passar por baixo da onda. — Drew estudou o horizonte, então apontou. — Está vendo aquela grande inclinação vindo para cá?

— Estou vendo.

— Você tem de ficar perpendicular a ela, então, alguns metros antes de a onda alcançá-la, agarre as laterais da prancha e empurre a ponta para baixo. Quando a ponta estiver afundada, use o joelho para afundar a parte traseira. Se fizer isso certo, vai sair do outro lado da onda.

— E se eu fizer errado?

Ele riu.

— Vai nadar de novo.

Eles praticaram a técnica algumas vezes, rindo e espirrando água, até que Sara pegou o jeito. A sensação de estar sobre a prancha embaixo da onda era maravilhosa.

Estavam a vários metros da praia agora e as ondas eram maiores, espaçadas e regulares. Drew se sentou de pernas abertas sobre a prancha e gesticulou para que ela fizesse o mesmo.

— Está pronta para pegar uma onda?

— Sim. Estou animada.

— Certo, você deve observar a onda, e virar sua prancha de frente para a praia, então deitar-se e começar a remar. Lembre-se de manter o equilíbrio e de não inclinar o corpo para trás. Lembre-se também do movimento que lhe mostrei na praia.

Sara assentiu.

— Aí vem uma onda grande — disse ele. — Vamos. Eles viraram as pranchas e começaram a remar. Ela tentou observar Drew pelo canto do olho, copiar-lhe os movimentos, mesmo enquanto lutava por equilíbrio.

Fracassou na primeira tentativa, pois imediatamente foi derrubada e afundou. Voltou à superfície a tempo de ver Drew surfando com toda a facilidade do mundo.

Sara conseguiu endireitar a prancha e subir novamente. Ele remou de volta para ela.

— Não se preocupe, vai ficar mais fácil. Pronta para tentar de novo?

Ela assentiu. Persistir era necessário. A segunda tentativa não foi muito melhor. Na terceira, conseguiu ficar em pé sobre a prancha antes de cair.

— Talvez devêssemos descansar um pouco — sugeriu Drew quando ela fracassou após a quarta tentativa.

— Não. — Sara subiu novamente na prancha. — Vou fazer isso.

— Mas se você está cansada...

— Estou bem.

Ela remou para mais longe desta vez. Sentiu o momento em que a onda tocou a prancha e começou a puxá-la para trás. Agarrando as laterais, agachou-se antes de ficar de pé. Com os braços estendidos, lutou por equilíbrio enquanto a prancha balançava sob os pés.

Então, num movimento mágico, encontrou o equilíbrio. A prancha se firmou e ergueu-se, seguindo a onda. Ela estava flutuando. Voando. Rindo de pura alegria, Sara levantou o rosto para o sol. Mesmo depois de cair, não perdeu o entusiasmo.

— Eu consegui! — exclamou quando Drew se aproximou.

— Você conseguiu. — Sorrindo, ele passou o braço ao redor da cintura dela e a conduziu para a areia.

— Quero fazer isso de novo.

— Vamos descansar um pouco. — Ele se sentou na areia e tirou o *strep* do tornozelo de Sara.

Ela deitou-se de costas, usando uma das mãos para bloquear o sol dos olhos.

— *Estou cansada*, mas radiante.

Drew estendeu-se ao seu lado, os corpos de ambos perto, mas não se tocando.

— Você foi ótima — disse ele. — Agora que conseguiu o equilíbrio, vai aprender rapidamente.

— Acha que poderei competir no torneio de sábado?

— Claro. Há uma competição para amadores. Você vai se sair bem.

— Mal posso esperar. — Sara se virou de bruços, apoiou-se sobre os cotovelos e o olhou. — Obrigada por me ensinar. É tão divertido estar com você aqui!

— Também estou gostando disso. — Ele a olhou fixamente. A expressão agora era de interesse e desejo.

— Então... Nenhuma mulher em sua vida? — Ela tentou soar casual. — Uma namorada, alguém importante?

Drew meneou a cabeça.

— Tenho estado tão ocupado com Gus e a loja que não arranjo tempo para namorar.

Sara deu um suspiro de alívio.

— Entendo perfeitamente.

— E você? Algum namorado em Los Angeles?

— Assim como você, não tenho tempo.

— Parece que estamos trabalhando demais. — O olhar que Drew lhe deu aqueceu-a de um jeito que o sol não poderia fazer, e acabou com qualquer timidez ou hesitação que existia entre eles.

Sara inclinou-se para mais perto, o seio roçando a lateral do corpo dele.

— Tenho esperado a manhã inteira para beijá-la sussurrou ela. — Não quero esperar mais.

Ela abaixou os lábios para os dele, enquanto braços fortes a circulavam. Sara angulou a boca mais firmemente contra a de Drew e entrelaçou os dedos nos cabelos dele. Os lábios a acariciavam com sensualidade, enviando ondas de prazer por todo o corpo.

Ela abriu a boca, convidando-o a aprofundar o beijo, deleitando-se com as sensações, provando a doçura e o gosto de sal. O aroma de Drew era de água do mar, e a pele sob suas mãos estava áspera de areia.

Ele deslizou as mãos por suas costas, acariciando-lhe a pele, demorando-se na base da coluna, levando os dedos para suas nádegas e apertando-as gentilmente. Uma onda intensa de desejo a percorreu, fazendo-a perder o fôlego por um momento. Não podia se lembrar de quando algum homem a afetara daquela maneira.

Com as mãos de cada lado dos quadris dela, Drew a puxou para si, deixando-a sentir a força de sua ereção, pressionando-se contra o delicado corpo excitado, até que um gemido suave escapou da garganta de Sara. Sentia-se embriagada de desejo e completamente livre.

Ela se afastou do beijo e sorriu-lhe.

— Gostei de sua idéia de descanso.

— E eu gosto de você. Quero ver muito mais de você.

— Eu quero ver muito mais de você — enfatizou ela. Drew acariciou-lhe as costas com sensualidade.

— Poderíamos ir para minha casa agora, mas vovô pode chegar a qualquer minuto.

— E Candy está trabalhando no nosso chalé. — Além disso, Sara nunca gostava de levar homens para a casa que compartilhava com as amigas. Aquela era uma regra pessoal. Relutantemente, saiu de cima dele e se sentou na areia.

Ele também se sentou e ergueu-lhe os cabelos para lhe beijar a nuca, enviando uma outra onda de desejo pelo corpo de Sara.

Ela fechou os olhos.

— Vamos voltar para a água? Drew olhou para o mar.

— As ondas estão ficando um pouco violentas.

Pela primeira vez, Sara notou que o vento tinha aumentado, jogando areia contra eles.

— Uma tempestade está a caminho? — perguntou, embora o sol ainda brilhasse.

— Apenas uma pequena turbulência da tarde.

— Que horas são?

Ele consultou o relógio.

— Já passa das 14h. Por isso estou tão faminto. — Drew se levantou e lhe ofereceu a mão. — Vamos para a loja comigo. Verei como estão as coisas e depois almoçaremos.

— Preciso entrar em contato com meu escritório — disse ela, imaginando que tio Spence devia estar tendo um ataque de pânico.

Eles pegaram suas pranchas e andaram em direção a uma área mais populosa da praia.

— Também preciso trabalhar um pouco esta tarde — murmurou Drew, relutante.

— Podemos nos encontrar à noite — sugeriu Sara. — E eu deveria tentar ganhar mais pontos para o concurso.

— Iremos ao festival. Há atividades e jogos lá, nos quais você pode ganhar pontos.

— Eu adoraria. — Ela apertou-lhe o braço, gostando de sentir os músculos rígidos ali.

— Ellie e Candy falaram algo sobre um concurso de fotos bizarras para esta noite.



— Como é isso?

— Você tem de tirar fotos de certas coisas... Não sei do que exatamente. Vão entregar a lista esta noite.

Drew riu.

— Estou nessa. Contanto que possamos achar um tempo para ficarmos sozinhos, também...

— Acho que isso pode ser arranjado. — Mesmo que tivesse de pendurar uma placa "Não perturbe" na porta do chalé, Sara estava determinada a ter Drew só para si... e nu... muito em breve.

CAPÍTULO QUATRO

SARA esperou até que Drew entrasse na *Surf Shack* antes de ligar seu celular. Não ficou surpresa em ver que havia diversos recados de tio Spence. Na última mensagem, eleja estava quase histérico. Com um suspiro, ligou para o tio enquanto ia para o chalé.

— Sara! Onde você se meteu? Não consigo encontrar o arquivo Montoya. E a firma de pesquisas ligou pedindo a descrição da propriedade McManus. E onde está o cartucho tinta para o aparelho de fax?

— O arquivo Montoya está na última gaveta da minha mesa. A descrição da propriedade McManus pode ser encontrada na web. A tinta para o fax está no armário de suprimentos.

— Por que os arquivos não estão no armário de arquivos com os outros? — Sara podia ouvi-lo abrindo gavetas e mexendo em papéis.

— Os arquivos do armário são transações completas. Os que estão na minha mesa são projetos atuais. — Ela já lhe dissera aquilo antes, mas, por achar que não precisaria da informação, Spence nem tentara gravar.

— Achei — disse ele. — Quando vai voltar? Há muito trabalho aqui que precisa de sua atenção.

— Não até o fim da semana. — Ela forçou otimismo na voz. — Como foi o jantar com o sr. Granger?

— Bem, suponho. Ele é muito presunçoso.

Por que sai com ele, então? Mas Sara sabia a resposta. Tio Spence cultivava bons contatos profissionais, não bons amigos. Talvez por isso dependesse tanto dela. O que precisava era de amigos em sua vida. Talvez de um interesse romântico.

— O que houve com a mulher com quem você saiu um tempo, tio? Martha?

— Magda. — Um longo silêncio. — Ela teve de voltar para Michigan a fim de cuidar do pai. Depois que ele morreu, nunca mais nos vimos.

— Por que não liga para ela? Vocês sempre se divertiam juntos.

— Talvez eu devesse. Mas não tenho tempo para isso. Não quando estou tentando me virar aqui sem você.

— Tudo vai dar certo — disse ela. — Se algo mais | surgir, pode esperar até que eu volte.

— As pessoas não gostam de esperar, Sara. Preciso da informação da propriedade McManus imediatamente. Pode pelo menos fazer isso por mim?

Sara pensou em negar e lembrá-lo mais uma vez de que estava de férias, mas não teve coragem.

— Está bem. Vou procurar na internet quando chegar ao chalé e lhe envio por e-mail. Porém, qualquer outra coisa terá de esperar o meu retorno.

— Mantenha o telefone ligado — pediu ele. — Não gosto de ficar sem contato.

— A recepção aqui nem sempre é boa — mentiu Sara. — Acho que o equipamento de filmagem deve interferir em alguma coisa.

Seu tio reclamou mais um pouco antes que Sara finalmente conseguisse desligar. Então, pensamentos sobre Drew a acompanharam até o chalé.

Ellie estava na cozinha, fatiando limões.

— Estou faminta — disse Sara indo para a geladeira. — Onde está Candy?

— Por aí. Espero que com Matt.

Sara pegou um pedaço de torta de frango e comeu.

— Como foi seu dia? Fez o teste?

Ellie largou a faca e virou-se, um sorriso amplo no rosto.

— Havia mais de um papel disponível. E consegui um deles!

— Que maravilha! — Sara a abraçou, então se afastou para estudar a amiga. Ellie usava o biquíni vermelho que Sara lhe emprestara, uma saída de banho preta furadinha por cima. As novas luzes nos cabelos e a maquiagem suave a tinham transformado numa linda mulher. — Como não a teriam escolhido? Você está sensacional!

Ellie sorriu e voltou para a tábua de cortar.

— Estou fazendo drinques para comemorar. Quer um?

— Claro. Estou no clima de comemoração.

— Acho que sua aula de surfe foi boa...

— Foi. Realmente surfei uma onda. Pequena, e por pouco tempo, mas foi inacreditável. Drew acha que estarei em forma para a competição de amadores.

— E como está Drew? — Ellie espremeu suco de limão no liquidificador e, depois, então pegou uma garrafa de tequila.



— Drew está ótimo. — Sara riu. — Vamos nos encontrar esta noite. Ele concordou em nos ajudar com o concurso de fotos bizarras. E quanto a Bill?

Ellie corou enquanto colocava a tequila no liquidificador.

— Ele se lembra de mim.

— E?

— E... Acho que gostou do que viu. Vou encontrá-lo daqui a pouco.

— Então ficarei fora do caminho. Drew e eu vamos ver o festival.

— Vamos encontrar vocês, Candy e Matt no palco principal às 9h — disse Ellie. — É quando o concurso de fotos começa.

Sara foi para a sala de estar, ligando o som no caminho. Um ritmo de rock preencheu o ambiente enquanto ia para seu laptop. Detestava ter de ligá-lo, mas prometerá ao tio Spence. Faria aquilo rapidamente, depois iria se arrumar para sair com Drew.

Enquanto buscava a informação na internet, Candy entrou, seguida por um homem de boa aparência, que, Sara logo percebeu, era o irmão de Ellie, Matt.

Sara sorriu e acenou, depois voltou ao trabalho. Assim que acabou, abriu a planilha eletrônica que organizava os pontos de cada uma no concurso. Acrescentou seus pontos pela inscrição no torneio de surfe e os pontos de Ellie por ter conseguido o papel no seriado.

— Nossos pontos estão aumentando. Venham dar uma olhada.

Enquanto todas comemoravam o total de pontos da Java Mamas, nome que tinham escolhido para sua equipe, em homenagem à cafeteria da Ellie, onde as três haviam se conhecido, elas pensaram em maneiras de acrescentar mais pontos e fizeram planos para o concurso de fotos mais tarde. Candy entrou no quarto de Ellie para trocar de roupa e Sara a seguiu. — pode me emprestar alguma coisa para usar esta noite?

— Claro. — Candy tirou seu top e alcançou o biquíni branco que deixara em cima da cama. — O que você quiser.

— Alguma roupa... sexy. — Ela havia levado apenas shorts e camisetas, e um vestido de verão, mas nada especial.

— Deseja impressionar um certo surfista? — perguntou Candy, vestindo a parte de cima do biquíni. Sara sorriu.

— Quero disparar um pouco o coração dele.

— Tenho a coisa certa. Minha mala está no armário da frente. Dentro dela, tem um vestido de seda decotado — exagerou ela, indicando o próprio umbigo.

Sara riu.

— Obrigada. — Olhou em direção à sala, onde pôde ouvir as vozes de Matt e Ellie sobre a música. — Como vão as coisas entre você e Matt?

— Acho que o estou impressionando com minha ética profissional. — Ela acabou de vestir o biquíni e se olhou no espelho.

— Nesse seu traje, não acho que ele vai pensar sobre ética profissional — disse Sara. O biquíni branco realçava a pele dourada de Candy, assim como cada curva.

Ela suspirou.

— Estou tentando, mas ele quer voltar com a antiga namorada.

— Então, ele é louco. Candy deu de ombros.

— De qualquer forma, não é uma boa idéia me envolver com meu chefe. Por enquanto, estamos nos divertindo. Se eu conseguir uma promoção, estarei feliz.

— Acredite em mim. Construir sua vida em volta do trabalho pode ser um grande erro.

— Eu sei. Tudo é uma questão de equilíbrio. — Candy se virou para o espelho. — Pareço alguém que vai passar por baixo de uma corda, curvando as costas para trás, dançando?

— Você vai participar da dança limbo?

— Claro. Trinta pontos para entrar, duzentos e cinquenta se eu ganhar.

Sara riu.

— Você parece pronta para qualquer coisa. E obrigada por me emprestar o vestido.

— Sem problemas. Até mais tarde. E boa sorte. Sara não achava que precisava de muita sorte com Drew. Era óbvio que sentiam uma forte atração um pelo outro. Mais do que sorte, precisava de coragem... Coragem para deixar a praticidade de lado e correr mais riscos. Coragem para viver aquelas emoções e não se preocupar com o que ia acontecer depois.

QUANDO O sol baixou, o clima da praia era de festa. Ouvia-se música dos alto-falantes gigantes instalados na areia, tochas brilhavam e luzes de néon reluziam por todo lado. Os cheiros de cerveja, batata frita e algodão doce preenchiam o ar. Sara encontrou Drew no píer. Os olhos dele brilharam quando a viu.

— Gostei do vestido — elogiou, olhando para o decote ousado.

— Peguei emprestado de Candy. — Nada em seu guarda-roupa era tão ousado, mas pretendia mudar isso quando voltasse para casa.

Eles andaram em direção ao som e às luzes. Quando se aproximaram da entrada do festival, ouviram a música em volume alto e o barulho da multidão.

— É o concurso de dança limbo — disse Sara, colocando-se na ponta dos pés para tentar ver a área onde o evento estava acontecendo. — Não estou vendo nada. Nunca conseguiremos passar por essa multidão.

— Talvez eu possa ajudar. — Ele se abaixou e ela deu um gritinho no momento em que Drew a colocou sentada sobre seus ombros. — Consegue ver agora?

Sara voltou a atenção para os homens e mulheres que dançavam sob um suporte de bambu.

— Estou vendo Candy! — gritou ela sobre o barulho da música. Maravilhada, viu a amiga quase levitando o corpo da areia, dançando de modo sensual e com impressionante flexibilidade. — Ela é incrível!

— Eu acho você incrível. — Ele estava lhe segurando os quadris e olhou para cima, notando o decote meio aberto. — É uma vista interessante.

Sara riu.

— Ponha-me no chão. Vamos ver mais do festival.

— Não quer ficar e ver se sua amiga vai ganhar?

Ela meneou a cabeça.

— Ninguém pode vencer Candy. Ela é uma verdadeira competidora, mesmo quando se trata de festas.

Drew a colocou no chão, deslizando-lhe o corpo na frente do seu, a saia do vestido subindo conforme ela escorregava. Ajudou-a a arrumar a saia, enquanto a olhava fixamente.

— Pensei sobre o beijo desta tarde — murmurou ele.

— Pensei nisso também.

— Talvez possamos repetir. Para ver se é tão maravilhoso quanto me lembro.

— Boa idéia.

Então, a boca de Drew estava sobre a sua, e Sara brotou que passara o dia inteiro esperando por aquilo. Embora somente suas bocas se tocassem, sentiu o envolvimento em cada parte do corpo.

Estava tentada a esquecer sobre o festival e levá-lo para o chalé, mas tinha prometido ajudar no concurso de fotos bizarras. Relutantemente, afastou-se e sorriu.

— Está com fome?

— Sim.

— Vamos comer alguma coisa bem gordurosa.

De mãos dadas, eles andaram para o meio do festival, e foram para as barracas de comida, onde saborearam espiga de milho, anéis de cebola e diversos bolos, acompanhado de refrigerantes.

Em seguida, chegaram na seção de jogos de habilidade e sorte. Uma placa dizia que os vencedores receberiam pontos para os prêmios do festival *Pecado na praia*.

— Vamos jogar — disse ela, aproximando-se do local.

— Acerte três alvos e ganhe um prêmio — anunciou o adolescente atrás do balcão.

— Parece fácil. — Drew pagou um dólar e aceitou três bolas de beisebol.

Pegou a primeira bola e acertou o centro do alvo.

Sara bateu palmas.

Ele jogou a segunda bola e também acertou.

— Só mais uma e você ganha o prêmio — falou o adolescente.

Determinado, Drew jogou a terceira, mas, infelizmente, errou.

— Uma pena — lamentou o garoto. — Quer tentar de novo? Drew meneou a cabeça e partiu com Sara.

— Eu sabia que deveria ter tentado o beisebol em vez de passar todos esses anos surfando.

Ela riu e segurou a mão dela. Então, viu uma barraca de tiro ao alvo.

— Vamos tentar aquela. Minha vez!

Após pagar, Sara assumiu a posição atrás de uma das armas montadas. Uma fileira de patos de plásticos numa engrenagem em movimento no fim da barraca era seu alvo.

— Acertando um pato você ganha o número de pontos marcado nele — explicou a mulher. — Você tem seis chances.

Sara abaixou-se e fechou um olho, mirando nos patos que estavam marcados com os números dez, vinte ou trinta, e também nos poucos que marcavam cinquenta e cem em intervalos irregulares. E apertou o gatilho.

Com um barulho metálico, o pato caiu.

No final, ela aceitou cinco patos e ganhou 130 pontos.

— Você não me disse que sabia atirar — comentou Drew, sorrindo.

— Quando eu estava no ensino médio, minha amiga e eu costumávamos matar aula e passar a tarde no Parque Pacific. Ela namorava um funcionário que nos deixava entrar de graça.

— Matando aulas para sair no meio do dia! Você era uma jovem travessa, hein?

— Foi difícil me adaptar depois que nos mudamos da Geórgia para cá — falou ela. — Acho que levei um bom tempo para pôr a cabeça no lugar. — Matar aulas não era a pior coisa que fizera na época. Chegara a se envolver com gangues e traficantes de drogas. Era muito ingênua para saber o perigo que aquilo representava, ou muito rebelde para se importar. Tivera sorte de sobreviver aos anos turbulentos com poucas cicatrizes.

Drew passou um braço ao seu redor.

— Nós todos cometemos erros quando somos jovens e tolos. Mas parece que você acabou se transformando numa excelente pessoa.

Sara sorriu. Com ele, sentia que não poderia fazer nada de errado. Era o homem ou o local onde se encontrava? Sentia-se uma pessoa diferente ali... Mais livre e corajosa.

Eles estavam perto da entrada do festival novamente; e um palco iluminado com uma faixa anunciava: Magellan, o Profeta. Uma multidão começava a se reunir enquanto um homem de turbante verde chamava ao microfone:

Venham, todos. Preparem-se para jogar Verdade

Nua.

Verdade Nua? — Sara riu.

— Você ri! — As palavras do apresentador a assustaram, e ela tentou se esconder atrás de Drew, mas o homem a vira. — Mas não pode se esconder do profeta — soou a voz dos alto-falantes. — Você vai ser minha primeira competidora. Você e esse rapaz aí.

Drew a olhou.

— Quer ir embora?

— Não. Quero ganhar mais pontos. — Ela apontou para uma placa ao lado do palco que prometia pontos para os convidados de Magellan.

Drew a seguiu por um pequeno lance de escadas que levava ao palco.

— Qual é o seu nome? — perguntou Magellan.

— Se você é o "profeta", não deveria perguntar — disse Drew.

A multidão riu e Magellan fez uma careta.

— Andrew, talvez você queira nos contar o nome de sua namorada.

Sara se virou para fitar Drew, que estava respondendo:

— Ninguém me chama de Andrew. Magellan sorriu.

— Mas é o nome que consta em sua certidão de nascimento, não é?

— Como você...

— Magellan, o Profeta, sabe estas coisas. — Após os aplausos da multidão, ele pôs o microfone diante de Sara.

— Diga-nos o seu nome, querida.

— Sara. — Ela olhou para os rostos aos seus pés e começou a ficar nervosa. Por que tinha subido lá?

— Está pronta para jogar Verdade Nua?

Ela respirou fundo para recuperar a compostura.

— Como se joga?



— É muito simples. Vou falar algo sobre você que é verdade. Se eu errar, você ganha cinquenta pontos e bilhetes grátis para os brinquedos do festival.

— E se você acertar? — perguntou Drew. Magellan sorriu.

— O jogo se chama Verdade Nua. Você pode deduzir...

A multidão caiu na gargalhada. Sara olhou para Drew. Considerando que estava somente de vestido e calcinha podia ficar em apuros. Drew, pelo menos, tinha uma camisa que podia tirar antes do short, e a provável cueca que estava usando por baixo.

Ou, talvez, não estivesse usando nada por baixo. O pensamento quase lhe tirou o fôlego.

— Eu começo — disse Drew.

Magellan o estudou por um longo momento. Depois, colocou a mão na testa, fechou os olhos e disse numa voz alta e dramática:

— Existe um vazio em sua vida que você tenta preencher com família e trabalho... Mas não é o suficiente.

Drew empalideceu imediatamente. Magellan baixou a mão e abriu os olhos.

— Verdade ou não?

Drew hesitou por um segundo, então tirou a camisa pela cabeça. Todos aplaudiram.

Sara pegou a mão dele e apertou-a. A profecia de Magellan e o fato de Drew admitir a verdade surpreenderam-na. Ele parecia tão equilibrado! Qual era o vazio que sentia? Magellan voltou-se para Sara.

— Você não está usando muita roupa, certo? Ela engoliu em seco.

— Não.

O profeta pegou as duas mãos dela, forçando-a a se afastar um pouco de Drew.

— Não precisa ter medo de nada. — Magellan fechou os olhos e se concentrou. Quando finalmente os abriu, anunciou: — Descobri a sua verdade.

A multidão vibrou. Sara tremeu. Toda a ousadia que sentira mais cedo desapareceu.

— Você está tentando pagar um débito que não deve — disse Magellan seriamente. — Acha que, negando a si mesma, o que verdadeiramente quer, irá compensar por erros passados. Porém, tais erros já foram esquecidos por todos, exceto por você.

Sara o olhou, incerta se o ouvira. Ele tinha mesmo falado ou era apenas seu subconsciente a perseguindo?

— Verdade... Ou não?

Ela procurou por Drew, mas ele tinha sumido. O pânico a assolou. Para onde ele fora? Preferira abandoná-la para não fazer parte de seu comportamento escandaloso?

— Qual é a sua resposta? — insistiu Magellan.



Sara o olhou. Abriu a boca para mentir, mas não foi capaz. *Estava* tentando pagar um débito para tio Spence, embora não pudesse aceitar que não lhe devia. Ele literalmente a salvara quando ela estivera muito perto da delinqüência juvenil. Como poderia não lhe dar nada em retorno? Ela assentiu com um gesto de cabeça.

— Isso é um sim? — perguntou Magellan.

— Sim. — Sara respirou fundo e olhou para a multidão. E daí se tirasse o vestido? Não conhecia nenhuma daquelas pessoas. Além disso, estava determinada a ser mais ousada.

Não tão ousada, claro, mas que escolha tinha agora? Dera sua palavra e não podia voltar atrás.

Tocou na alça que era amarrada na nuca, sentindo os dedos transpirarem de nervoso. Desatou o nó. Forçou-se a levantar a cabeça e tentou imaginar que somente Drew a estava olhando... Que estava fazendo aquilo para ele.

Mas onde ele estava? Por que a tinha abandonado?

— Vamos, querida, todos estão esperando — disse Magellan.

Sara deixou cair as pontas das alças. O tecido deslizou sobre seus seios, e ela sentiu a brisa da noite arrepiar-lhe os mamilos.

Antes que pudesse se despir completamente, o palco e todos ao redor caíram na escuridão.

CAPÍTULO CINCO

DREW encontrou Sara no palco escuro e pegou-lhe o braço.

—Venha por aqui — sussurrou ele, conduzindo-a pelos degraus de trás do palco e depois por um corredor estreito entre o palco e roda-gigante. Então, parou e a olhou. Ela havia coberto os seios da melhor maneira possível, mas ainda não amarrara as alças atrás do pescoço — Deixe-me ajudá-la. — Virando-a gentilmente, fez isso, então desceu as mãos para seus ombros e as descansou ali.

Ela inclinou-se contra ele, tocada pela incrível gentileza do toque.

Drew lhe beijou o topo da cabeça e a nuca, os lábios quentes arrepiando-lhe a pele. As mãos fortes deslizaram para os braços, depois tocaram os seios. Sara prendeu a respiração, querendo mais, porém incerta se era hora ou lugar para aquilo.

Então, Drew começou a acariciar-lhe os mamilos por sobre o tecido do vestido, até que Sara tremeu visivelmente.

— Você quer que eu pare? Ela meneou a cabeça.

— Está ótimo. Eu não quero parar. — Ele trilhou beijos ao longo do ombro dela, enquanto os dedos continuavam a provocá-la. A sensação do tecido de seda roçando contra

sua pele era quase demais para suportar. E podia sentir a ereção de Drew contra suas nádegas.

Ele deslizou as mãos por baixo do vestido, cobrindo-lhe os seios e fazendo-a gemer.

— Acho que amarrei isso cedo demais.

— Sim. — Pondo as mãos para trás, Sara ajudou-o a desfazer o nó e virou-se de frente. Drew não tinha recolocado a camisa e a sensação da pele quente contra seus seios era extraordinária. Alisou os pêlos dourados e suspirou.

— O que aconteceu, Drew?

— Escapei para trás do palco e apaguei as luzes. Sara riu.

— Obrigada. Não sou realmente exibicionista, sabe.

— Imaginei. Mas acho que fiz isso porque sou egoísta.

— Egoísta? — Ela olhou para cima, desejando que pudesse ver mais do rosto dele na escuridão.

— Eu queria ser o único a vê-la nua esta noite. Eles se beijaram, um encontro apaixonado de bocas e línguas. Drew pôs a mão por baixo da saia do vestido e apertou-lhe uma das nádegas, enquanto Sara envolvia uma perna ao redor do quadril dele e o agarrava com os braços.

Uma explosão de risadas de alguém por perto os fez parar. Sara olhou ao redor, ciente de que, embora estivessem escondidos nas sombras, havia centenas de pessoas a alguns passos de distância.

— Não podemos ficar aqui — disse ela. Drew assentiu.

— Podemos ir ao seu chalé?

— Não. Ellie ou Candy podem chegar a qualquer momento.

— Vovô está em casa. Hoje é a noite em que joga pôquer. — Após uma pausa, Drew murmurou: — Sei de um lugar. Vamos.

Sara amarrou o nó do vestido rapidamente.

— Onde?

— É perto. E ninguém vai nos interromper lá. Mas se apresse.

O comando era desnecessário. Ela nunca tivera tanta pressa na vida. Se não fizesse amor com Drew, e logo, poderia explodir de frustração.

DREW NÃO ia à velha cabana de salva-vidas desde o último verão, porém o lugar não tinha mudado nada. A construção de madeira na praia ficava numa das extremidades do píer, com uma tranca afixada à porta e uma placa que dizia: "Apenas pessoas autorizadas!"

— Você é uma pessoa autorizada? — perguntou Sara.

— Mais ou menos. Trabalhei dois anos como salva-vidas enquanto estava no ensino médio e na faculdade.

— Ele a conduziu para a janela dos fundos. — Há um truque para abrir isso. — Colocando o peso contra a moldura, senti o metal ceder o bastante para que pudesse enfiar o dedo por baixo. Um empurrão forte e a janela se abriu. Virou-se para Sara e fez uma escadinha com as mãos. — Primeiro as damas.

Ela riu, pisou nas mãos dele e entrou pela janela. Drew a seguiu.

Havia apenas a iluminação das luzes do píer, suficiente para revelar um sofá velho, uma mesa e cadeiras. Uma geladeira vazia ficava num canto.

— Que lugar é este? — perguntou ela, olhando ao redor.

— É onde os salva-vidas descansam um pouco e almoçam.

Sara foi para os braços dele.

— Então não deveríamos estar aqui?

— Não tecnicamente. Mas não teremos problemas.

— Como você sabia sobre a janela? Ele sorriu.

— Acho que os salva-vidas ainda vêm aqui para namorar. Mas, se eles nos ouvirem, irão embora.

Sara alisou-lhe os braços.

— Fazer algo às escondidas às vezes é excitante. Ele pressionou-a contra si, informando-a de sua própria excitação.

— Falando em "excitante"...

Ela o silenciou com um beijo, enquanto pressionava a coxa entre as pernas dele, massageando-o através do short. Drew ergueu-lhe a saia do vestido e mordiscou-lhe o pescoço ao mesmo tempo. O aroma de Sara era de laranja e baunilha, tão exótico quanto familiar.

Desatando o nó do vestido, Sara desnudou os seios novamente. Drew os pegou com ambas as mãos, enquanto usava os polegares para provocar os mamilos. Quando se inclinou para tocá-los com a boca, Sara gemeu, fazendo-o querer tocar cada parte do corpo dela.

Ele moveu a boca para o outro seio e deslizou as mãos por baixo da roupa. No momento em que sentiu o elástico da calcinha, tirou a pequena peça. Então, acariciou-a, sentindo a pele macia.

Sara respondeu desamarrando o nó na cintura do short dele depois deslizando uma das mãos para dentro e retornando as carícias. Drew tremeu com o toque, sentou-a gentilmente no sofá, tirou o short e jogou-o de lado.

Estava nu agora, e Sara estava coberta apenas pelo vestido ao redor da cintura. A luz rosada do caís banhava-lhe a pele. Olhou para o sexo poderoso e sorriu.

— Gosto muito do que vejo.

Drew ajoelhou-se ao seu lado no sofá e ajudou-a a tirar o vestido. Em seguida, cobriu-lhe o corpo com o seu e a beijou, roçando sua ereção no centro feminino. Ela estava úmida e excitada, e ele precisou se controlar para não penetrá-la imediatamente.

Então, Sara afastou a boca da sua e murmurou: — precisamos de um preservativo.

Ele a olhou, sentindo-se um pouco desesperado.

— Não tenho um. Ela sorriu.

— Eu tenho. Na minha bolsa.

Drew não esperou por uma explicação, mas saiu do sofá e encontrou a bolsa de Sara perto da janela.

— No zíper do meio — disse ela.

Ele achou o preservativo e, depois, viu a luz do celular dela piscando.

— Tudo bem se eu desligar seu telefone?

— Boa idéia — replicou Sara, rindo.

Assim que Drew voltou para o sofá, ela pegou o preservativo, mas ele lhe tirou da mão.

— Ainda não.

Por mais excitado que estivesse, Drew queria saborear aquele momento dos dois, torná-lo tão maravilhoso quanto possível.

Ajoelhando-se no chão, posicionou-a diante de si,

— O que você...

Sara silenciou quando ele ergueu-lhe as pernas para os ombros largos e tocou-lhe o clitóris com a boca. Então, gemeu de puro prazer.

Com as mãos no interior das coxas dela, Drew apertou-lhe mais as pernas, sentindo a tensão dos músculos de Sara aumentar com cada carícia de sua língua.

Sara entrelaçou os dedos nos cabelos de Drew e gemeu, enlouquecida de desejo, o corpo todo vibrando enquanto sussurrava o nome dele.

Após torturá-la por longos minutos, ele ergueu a cabeça e pegou o pacotinho do preservativo.

— Deixe-me fazer isso — pediu ela, abrindo o preservativo.

Drew a observou, hipnotizado pela visão dos dedos delicados movendo-se sobre seu pênis, tão excitado pela imagem quanto pelas sensações que o toque provocava. Quando ela terminou, sorriu-lhe, então abriu mais as pernas e o guiou para seu interior.

Ele fechou os olhos e gemeu com a sensação de calor e pressão, então começou a se movimentar, incapaz de agüentar mais um minuto. Sara ergueu o corpo para acompanhar o ritmo estabelecido.

Drew atingiu o orgasmo com um grito de triunfo e alegria, e diversas outras emoções que não pôde nomear. No momento em que abriu os olhos e viu Sara, ela estava sorrindo. Em seguida, ambos riram e se abraçaram.

— Isso foi incrível... — murmurou ele quando se deitaram lado a lado no sofá.

— Muito incrível — disse ela, descansando a cabeça no ombro largo.

Drew acariciou os cabelos dela, enquanto refletia. Conhecia Sara há menos de dois dias. Entretanto, o sexo com ela havia sido mais intenso do que com qualquer outra mulher. Era simplesmente uma questão de compatibilidade física, ou havia alguma coisa a mais entre os dois?

Quando tirara a camisa no palco, reconhecera publicamente algo no qual tentava não pensar há muito tempo. Não entendia como Magellan conhecia seu segredo, mas havia acertado: alguma coisa ou alguém estava faltando em sua vida. Sara poderia preencher aquele espaço vazio... Pelo menos pelo resto da semana, enquanto estivesse lá.

SEM USO de drogas ou álcool, Sara agora conhecia a verdadeira euforia. Sem mencionar felicidade, satisfação sexual, e outras emoções que não podia nomear. Drew era simplesmente maravilhoso.

— O que Magellan quis dizer quando mencionou que você está tentando pagar um débito que não deve? — perguntou ele.

— Acho que estava falando de tio Spence. — Ela procurou uma posição mais confortável no sofá estreito.

— Mesmo que ele seja irritante às vezes, sinto que lhe devo muito. Eu estava me transformando numa delinquente juvenil quando tio Spence entrou na minha vida. Provavelmente acabaria na cadeia ou morta se ele não tivesse interferido.

— Estes são os erros sobre os quais Magellan falou? Aqueles que todos esqueceram, exceto você?

— Não importa que ninguém se lembre dos meus erros. Sei quão perto cheguei de arruinar a minha vida.

— Mas você fez muito pelo seu tio desde então — apontou Drew. — Trabalhando para ele e tudo o mais.

— Sim. — Mas algum dia poderia fazer o bastante pelo homem que salvara sua vida? — Trabalhar para meu tio foi o único emprego que tive. Ele está me dando muita responsabilidade na companhia, e não quero decepcioná-lo.

— Parece que ele a está pressionando em excesso.

Sara suspirou.

— Às vezes, me sinto pressionada. Mas gosto do meu emprego.

— Meu avô é o oposto — disse Drew. — Ainda acha que pode fazer tudo o que fazia quando tinha a minha idade... Administrar a *Surf Shack*, pegar ondas e ser um personagem local. Agora, ele conseguiu, um papel no seriado da televisão.

— Talvez tanta atividade o ajude a se manter jovem.

— Preocupar-me com ele está me fazendo envelhecer, Afinal, Gus teve dois infartos. Precisa diminuir o ritmo.

— Gus tem sorte por ter você — falou ela. — Assim como tio Spence tem sorte em me ter.

— Sei que relaxei um pouco nos últimos dois dias, passando tempo com você na praia. — Drew passou um braço ao seu redor. — Porque você só ficará uma semana aqui, e quero aproveitar o máximo de sua companhia. Desde que cheguei, dois anos atrás, tenho trabalhado longas horas. — Contudo, sabia que tinha uma vida boa. Vivia num lugar maravilhoso e surfava quase tanto quanto queria. O fato era que isso não lhe bastava, fazia-o se Mentir culpado, às vezes.

— Falando em tempo, que horas são? — perguntou Sara.

Ele consultou o relógio.

— Passa um pouco das 9h.

Sara se sentou e começou a procurar as roupas.

— Quase me esqueci do concurso de fotos. Você se importa? Prometi às minhas amigas.

— Tudo bem. Será divertido. — Drew lhe entregou a calcinha e puxou-a para um beijo. — Eu me divertiria fazendo qualquer coisa com você.

As LUZES estavam de volta quando eles passaram pela entrada do palco de Magellan, que estava fazendo sua magia com um outro casal. No palco principal, encontraram Ellie, que os apresentou para Bill, um homem com um brinco de ouro na orelha e muita sensualidade.

Candy e Matt se juntaram a eles, orgulhosamente mostrando seu troféu da dança limbo.

— Eu vi você — disse Ellie. — Estava fantástica. Não sei como se dobra daquela maneira.

— Anos de ginástica e bale — respondeu ela.

Uma mulher de biquíni prateado começou a anunciar as regras da competição: uma lista das fotos pedidas seria mostrada no telão. Todas as fotos teriam de ser enviadas ao

número do celular do concurso antes da meia-noite. O vencedor seria selecionado de acordo com critérios de qualidade, criatividade e pontualidade.

— Estão todos prontos? — perguntou ela.

— Sim! — gritou a multidão em uníssono.

— Então, vamos lá! — A lista dos itens que eles deveriam fotografar surgiu no telão atrás do palco, e um caos foi instalado quando cada equipe começou a se organizar.

Todos prepararam os celulares com câmera e saíram à procura dos itens da lista.

— Onde vamos encontrar uma mulher chupando um picolé e uma mulher de fio-dental que nos deixe fotografar o traseiro? — perguntou Drew.

— Sem mencionar a tatuagem de uma mulher nua e uma mulher de camiseta molhada — apontou Sara.

— Sei onde podemos achar a tatuagem.

— Aonde?

— Big Richard, da Tatuagens Tiny, tem uma no peito. Uma mulher nua numa prancha de surfe.

Sara riu e eles se dirigiram para o salão de tatuagens, o qual era localizado a uma quadra do píer. Quando chegaram, um homem musculoso de peito nu estava posando para um grupo de espectadores.

Eles entraram na fila, tiraram a foto e saíram apressados, esbarrando em diversos fotógrafos no caminho.

— Parece que muita gente sabe sobre Big Richard — comentou Sara.

— Sim.

— E agora?

Drew consultou a lista.

— Uma mulher chupando picolé, uma mulher de camiseta molhada e uma de fio-dental.

— Picolés são vendidos no festival — disse ela. — E procure uma mulher de fio-dental.

Eles foram para a barraca de picolés e quase colidiram com dois homens e uma mulher aconchegados sob um holofote.

Um dos homens estava segurando um celular com câmera, enquanto a mulher estava curvada sobre o traseiro nu do segundo homem, com uma caneta colorida na mão. Assim que passaram pelo casal, Sara sussurrou para Drew:

— Acho que ela estava *desenhando* uma marca de nascença no traseiro do homem.

— Por que ela faria isso?

— É um dos itens na lista de fotos. Lembro-me de ter visto isso.

Ele deu de ombros.

— Uma boa idéia.

— Drew! Isso é roubar. Ele riu.

— É só uma competição boba.

— Não gosto disso. Roubar tira toda a graça de uma brincadeira como esta.

Ele pôs o braço ao seu redor e a puxou para mais perto.

— Adoro sua honestidade. Prometo que não vamos roubar e ganharemos de qualquer forma.

Chegaram à barraca dos picolés.

— Esta é fácil. Eu fotografo você com o picolé.

— Certo. — O telefone de Sara tocou e ela olhou para a tela, aliviada ao ver que não era Spence. — É Candy com algumas de suas fotos. — Sara riu e entregou o celular a ele.

Drew admirou as fotos de Candy, depois deu um picolé a Sara.

— Aqui está.

Dando seu sorriso mais sexy, Sara removeu o papel e começou a lamber o sorvete com sensualidade.

— Minha nossa! — exclamou Drew, tirando em seguida a foto. — Eu poderia passar a noite vendo você fazer isso.

Ela riu e jogou o sorvete na lata de lixo mais próxima.

— Ainda temos muitas fotos para tirar. Ele conferiu a lista no telefone.

— Uma mulher de fio-dental e uma de camiseta molhada. Não estou vendo nada disso.

— Eu poderia vestir sua camiseta — sugeriu Sara. — Isto é, se você não se importar em molhá-la.

— É claro que não. — Ele olhou ao redor. — Onde tiraríamos a foto?

— Vamos encontrar um lugar na praia que não esteja muito cheio. Não quero me despir na frente de todos.

— Certo. — Drew pegou-lhe o braço, e eles foram para a parte da praia onde haviam surfado naquela manhã.

O barulho e as luzes do festival desapareceram conforme andavam, sendo substituído pelo brilho da lua na areia e pelo som das ondas. Sara tirou as sandálias e as guardou na bolsa, enquanto Drew carregava as suas em uma das mãos, passando o outro braço ao redor dela.

— Isso é tão lindo! — murmurou ela, descansando a cabeça no ombro dele. — Tão pacífico...

— Concordo. — Drew parou e a virou para si.—Aqui é privado o bastante para sua foto?

Ela assentiu. O local estava deserto.

— Tire sua camiseta. Vou vesti-la. Então, você cuida do vestido de Candy enquanto entro no mar. Depois você tira a foto.

Ele colocou as sandálias na areia e fez o que ela pediu. Sara vestiu a camiseta, parando para sentir o aroma delicioso de Drew impregnado no tecido, e lembrou-se do maravilhoso ato de amor na cabana dos salva-vidas.

Sorrindo, abriu o laço do vestido, deslizou-o pelos quadris e lhe entregou.

Ele riu.

— Você poderia usar minha camiseta como vestido. Ela olhou para baixo. A camiseta batia no meio de suas coxas.

— Não muito charmoso — murmurou Sara. Então, se virou e entrou no mar, que estava calmo, as ondas batendo preguiçosamente na areia.

Ela andou até que a água cobrisse a bainha da camiseta, então, abaixou-se até o pescoço. A água estava morna e, quando se levantou, a brisa fria arrepiou-lhe os ma-milos.

— Que tal? — perguntou.

— Maravilhosa. — Drew se aproximou alguns passos e bateu a foto.

— Você não pegou meu rosto, não é? Tire outra. — Sara cobriu o rosto com as mãos.

Ele riu e o flash piscou de novo.

Sara começou a sair da água, mas ele a deteve.

— Espere. Vou entrar com você. — Voltou para a areia, deixou o celular e o vestido perto da bolsa e das sandálias e correu para o mar.

— Seu louco! Agora estamos ambos molhados!

— E daí? — Ele lhe deu um beijo demorado.

Sara envolveu os braços ao redor do pescoço de Drew e correspondeu ao beijo. Toda a noção de tempo desapareceu enquanto se beijavam com paixão, explorando mordiscando e provando um ao outro.

Com lábios ainda unidos, Drew colocou as pernas de Sara ao redor de sua cintura e caminhou para o fundo do mar.

— O que você está fazendo? — perguntou ela.

— Quero fazer amor com você. Aqui e agora.

CAPITULO SEIS

— Sim — disse Sara.

Era o que ela queria também. Ali, naquele mundo de céu e água, apenas com o murmúrio das ondas e do vento, eles podiam ser as únicas duas pessoas da Terra. Horários e obrigações pareciam uma memória distante. Nada importava senão o presente e o desejo que sentiam um pelo outro.

Mantendo as pernas de Sara ao seu redor e sustentando-a com uma das mãos, Drew deslizou a outra mão entre os dois e afastou a calcinha para o lado, expondo o ponto sensível à água morna e a seus dedos exploradores. Ela jogou a cabeça para trás e gemeu.

— Você está tão molhada! — sussurrou ele no seu ouvido, mordiscando-lhe a orelha.

O gesto enviou um arrepio pela coluna de Sara, e ela apertou mais as pernas ao redor dele. Parando de tocá-la por um minuto, Drew desfez o nó na cintura do short e o desceu até os joelhos.

— Não temos um preservativo — observou Sara antes que ele pudesse continuar.

— Isso pode ser um problema. — Drew ficou imóvel, olhando-a, esperando por uma solução.

— Ou não. — Ela tirou as pernas da cintura dele e deixou os pés tocarem a areia. — Isso significa que teremos de ser criativos. — Envolvendo o membro ereto na mão, massageou-o. Drew sorriu.

— Gosto de criatividade.

Eles se tocaram e se acariciaram em todos os lugares, de todas as maneiras possíveis, até que Sara pode sentir os músculos da vagina se contraindo, o corpo arqueado contra o dele numa súplica silenciosa.

— Eu gostaria que você estivesse dentro de mim — sussurrou ela.

— Eu também gostaria. — Então, ele a penetrou, não com o sexo, mas com os dedos. Enlouquecida de prazer, Sara devolveu o favor, massageando o membro de Drew mais uma vez. Pressionou a testa contra a dele, sentindo o aroma natural do mar. Estava flutuando agora... Flutuando num mar de desejos, ancorada por braços firmes.

Suas pernas começaram a tremer com o esforço de ficar em pé, e sua mão parou, enquanto todo seu corpo era tomado pela iminência do êxtase.

Quando o clímax veio, atingiu-a com a força de uma onda violenta. Seus gemidos foram perdidos nos sons do oceano, e a mão começou a se mover novamente. Queria que Drew tivesse a mesma sensação de flutuar, de liberdade.

Ele apertou-lhe os ombros e atingiu o orgasmo com um grito que parecia vir da alma. Depois, beijou-lhe a testa, os olhos, os lábios.

— É difícil me controlar perto de você.

— Conheço a sensação. — Sara sorriu. — É boa demais. Geralmente sou *muito* controlada. Pelo menos é o que Candy e Ellie acham. Por isso me convenceram a fazer esta viagem.

— Fico feliz que você tenha vindo, independentemente do motivo.

— Sim, eu também. — Ela não ia começar a pensar sobre o que aconteceria quando a semana acabasse. Viveria apenas o presente, disse a si mesma.

O SOL MAL tinha nascido quando Sara entrou no chalé na ponta dos pés com as sandálias na mão. Ainda estava usando a camiseta de Drew e não tinha dúvida de que seus cabelos estavam bagunçados e a maquiagem borrada. Mas não se importava. Jamais tinha se sentido tão maravilhosa. Tão viva.

Ela e Drew haviam passado a noite andando na praia e conversando. Discutiram desde suas comidas favoritas até os melhores presentes de Natal de infância... O dele, uma prancha de surfe, o de Sara, um diário de couro com cadeado. Riram e se beijaram bastante, e não pensaram em nada além dos dois durante a noite.

Ela estava colocando a chave na fechadura quando Candy subiu os degraus para a varanda.

— Parece que você teve uma noite interessante — disse ela, olhando para a camiseta molhada. — Drew não estava usando isto ontem à noite?

Sara corou e abriu a porta.

— Sim, é dele. — Tirou o vestido de seda da bolsa. — Obrigada. Vou mandar lavá-lo para você.

— Não precisa. — Candy pegou o vestido e guardou na própria bolsa. — Conte-me o que aconteceu.

— É uma longa história.

— Tenho tempo.

— E eu tenho café. — Ellie apareceu na sala. Temos roscas quentinhas, também.

Pouco depois, as três amigas estavam sentadas à mesa da cozinha, tomando café e comendo roscas.

— O que vocês duas fizeram a noite toda?

— Quem ganhou o concurso de fotos? — perguntou Sara.

— Não foi a gente. — Ellie fez uma careta. — Dois rapazes e uma garota. Não sei como conseguiram tudo.

— Acho que Drew e eu os encontramos. A mulher estava desenhando uma marca de nascença no traseiro de um dos homens.

— Desculpe por não termos ganhado — disse Candy, — Na verdade, Matt e eu... Hum... Nos distraímos.

— O mesmo aconteceu aqui — confessou Sara. As duas mulheres a olharam.

— Você está usando a camiseta de Drew? — perguntou Ellie.

— E você entrou no mar. — Candy tocou-lhe o ombro. — A camiseta ainda está úmida.

— Sim. E sim. — Sara comeu uma rosquinha e deu um gole no café. — Precisávamos de uma foto de uma mulher de camiseta molhada... Para o concurso, certo? Então, vesti a de Drew, entrei no mar e...

— E uma coisa levou a outra — concluiu Candy, mastigando.

Ellie se inclinou para frente.

— Foi excitante? Maravilhoso? Divertido?

— Todas essas coisas. — *E mais.*

— Hum, sexo no mar. — Ellie lambeu açúcar dos dedos — Que primeira vez fantástica!

Sara não a corrigiu. Não queria admitir que fizera sexo duas vezes numa noite com um homem que conhecera no dia anterior.

Candy a abraçou.

— Estou tão orgulhosa de você! Finalmente está agindo de modo diferente.

— Falando em diferente, agora é a sua vez — falou Ellie — Conte-nos sobre Matt.

Candy olhou para a rosca em sua mão.

— Apenas acrescentamos sexo ao nosso... Acordo. Na verdade, agora vou trabalhar num plano de marketing que prometi mostrar a ele mais tarde. — Ela mudou de assunto: — É sua vez, El. Como foi com Bill?

— Nós namoramos na roda-gigante. Foi tão sexy e romântico!

— Isso foi tudo o que fizeram? Namoraram?

— Sim. — Ela adicionou mais leite ao café e sorriu. — E quem sabe o que acontecerá esta noite, depois da filmagem? Vamos nos encontrar.

— Vamos querer detalhes, não vamos, Sara? — Candy se levantou e foi para o sofá pegar o laptop. — Preciso trabalhar agora.

Ellie protestou, mas Candy não seria persuadida. Sara as deixou discutindo e foi para o quarto. Tinha dado poucos passos quando o telefone tocou.

— Olá, tio Spence... Não, você não me acordou... É claro que posso lhe ajudar. — Estava de volta em seu território familiar agora. Não era tão encantador quanto passar a noite na praia com um homem maravilhoso, mas uma mulher não podia viver só de fantasia não é?

— COMO FOI ontem com a garota? — perguntou Conter. — Aquela que queria aulas de surfe?

— Sara? — Drew ergueu os olhos do catálogo que fingia estudar. Na verdade, não conseguira tirar Sara e os acontecimentos da noite anterior da cabeça. — Ela é maravilhosa. — Nunca se sentira tão louco por uma mulher antes. Fazia três horas que a deixara no chalé da praia e já se sentia vazio.

Seria pior quando ela partisse no fim da semana?

Reprimiu o pensamento. Devia se concentrar em viver o presente com Sara. Ter o tipo de divertimento que não vinha permitindo ultimamente em sua vida.

— Vai transformá-la numa surfista? — perguntou Cooter.

Surfista? Oh, sim. Tinha se esquecido daquilo.

— Claro. Ela tem bom equilíbrio e realmente quer aprender.

— É bonita também. — Cooter sorriu. — Você vai vê-la de novo?

— Eu a vi ontem à noite. Fomos ao festival.

A porta se abriu e Gus entrou. Drew se levantou, alarmado pela aparência de seu avô. Gus estava pálido, os cabelos despenteados, as roupas amassadas.

— O que houve, vovô?

Gus se sentou no seu costumeiro banco.

— Fiquei festejando até tarde, ontem. Ficarei bem assim que ingerir cafeína. Cooter, pegue um refrigerante para mim, por favor.

— Claro. — Cooter foi para a geladeira nos fundos da loja e voltou com um refrigerante e uma barra de cereais. — Coma isso, também.

— Obrigado. — Gus abriu a lata e deu um longo gole.

— Você ficou acordado a noite toda? — perguntou

Drew. — Pensei que fosse jogar pôquer.

— O jogo foi adiado. Encontrei uns amigos e fomos para o festival. Depois, fui para a casa de praia que eles alugaram e dormi por lá mesmo.

— Vovô! Você não pode abusar dessa forma — protestou Drew. — E precisa de um café-da-manhã decente também.

Gus abriu a barra de cereais.

— Mais tarde, vou para casa descansar. Não aja como uma velha rabugenta.

— Eu não faria isso se você agisse mais como um homem da sua idade.

— A idade está na cabeça das pessoas. Não me sinto com 70 anos, então por que agiria como um homem de 70? Drew meneou a cabeça. Aquele era o argumento que nunca vencia. Era ótimo que Gus não ficasse sentado dentro de casa, deprimido e solitário, mas poderia se cuidar um pouco melhor. O próximo infarto poderia ser o último.

Gus mordeu a barra de cereais.

— Você saiu com aquela garota ontem? Aquela que veio aqui de tarde?

— Sim, saí com Sara. — Ele fechou o catálogo, desistindo de fingir interesse no mesmo.

— Eles foram para o festival — esclareceu Cooter. Gus fixou o olhar no neto e sorriu.

— Acho que eu o vi lá. Vocês dois estavam indo em direção à cabana dos salva-vidas.

Cooter deu um tapa no braço de Drew.

— Não perdeu tempo, não é?

— Cale a boca. — Era verdade que eles não estavam levando as coisas num ritmo lento. Mas a noção de que Sara partiria em breve não saía de sua mente. Não queria desperdiçar um único minuto.

Então, o que estava fazendo lá quando podia estar na praia com ela? Olhou para Gus, pretendendo lhe pedir para cuidar da loja. Mas seu avô ainda estava pálido.

— Vovô, por que não vai para casa e descansa? Eu cuido de tudo por aqui.

— Estou bem, que coisa! — Gus bateu a lata vazia sobre o balcão e se levantou. — Preciso estar no cenário de *Pecado na praia* em uma hora. Vou para casa tomar um banho.

Drew observou o avô partindo e suspirou.

— O que vou fazer, Cooter? Ele se recusa a cuidar de si.

Antes que Cooter pudesse responder, o telefone tocou.

— *Surf Shack* .

— Drew, querido, só liguei para saber como estão as coisas — soou a voz de sua mãe, cheia de energia e entusiasmo.

— Oi, mãe. Estou bem. Como estão as coisas no Arizona?

— Quente! — Ela riu. — Mas você sabe que adoramos este lugar. O restaurante está tão movimentado que teremos de contratar ajuda.

— Isso é ótimo.

— Como está seu avô?

— Bem. Há um festival de praia aqui esta semana, daquele seriado de televisão, *Pecado na praia*. Eles estão filmando alguns episódios e vovô foi contratado como figurante.

Sua mãe riu.

— Oh, ele deve estar adorando isso!

— Sim, está. Só espero que eles não o cansem demais.

— Confio em você para se certificar de que ele descanse o bastante. E como estão as coisas na *Surf Shack*?

— Movimentadas, principalmente agora com o festival.

— Graças a Deus você está aí para ajudar Gus — disse ela.

Sua mãe continuou fazendo perguntas, interessada em todos os detalhes da loja.

— Você não perguntou o que eu tenho feito — interrompeu Drew.

— Imagino que esteja cuidando de seu avô, administrando a loja e surfando. Há mais alguma coisa?

Não, esta é a minha vida, pensou ele. Ou tinha sido até dois dias atrás.

— Conheci uma mulher.

— Verdade? Uma surfista?

— Estou dando aulas para ela.

— Conte mais. Como se conheceram? Há quanto tempo estão saindo juntos?

— Nós nos conhecemos na praia, dois dias atrás. Drew sentiu o interesse da mãe desaparecer assim que percebeu que o romance era muito recente.

— Isso é ótimo, querido. Fico feliz que esteja saindo e conhecendo pessoas. Seu avô está aí? Eu queria falar com ele.

— Ele foi para casa tomar um banho.

— Falo com ele mais tarde. Preciso ir agora. Cuide-se

— Você também, mãe.

Drew desligou o telefone e pensou em sua mãe, cuja vida sempre fora a *Surf Shack* e a família, mas que agora parecia adorar o Arizona. Parecia feliz ligando com frequência para perguntar sobre a *Surf Shack* e também sobre eles.

Drew ficaria mais satisfeito se ela perguntasse primeiro sobre ele e depois sobre a loja.

Ele saiu de trás do balcão.

— Vou dar uma volta — falou para Cooter.

— Sem problemas. Mande lembranças a Sara.

— O que o faz pensar que vou encontrar Sara? — perguntou ele, irritado.

Cooter riu.

— Não posso pensar em uma outra razão pela qual você largaria a loja no meio do dia.

— Só preciso sair um pouco daqui. — Se a caminhada o levasse até certo chalé na praia, talvez parasse para dar um olá. Mas, principalmente, precisava de tempo para pensar no que faria com o avô.

Se Gus não começasse a se preocupar com o futuro, talvez não tivesse um. E Drew tinha ciência de que estava desistindo de uma grande parte de sua liberdade ao se preocupar com Gus.

— SARA, PRECISO que você ligue para Phil Metterly imediatamente e explique por que o fechamento dele foi adiado para a próxima sexta-feira. — Tio Spence parecia frenético.

— Foi adiado porque a apólice de seguros não pode ser emitida a tempo — disse ela. — Você poderia ter-lhe dito isso.

— Mas ele quer ouvir de você. Disse que, a menos que tenha respostas imediatas, vai achar uma outra pessoa para cuidar de seus negócios. — Tio Spence parecia cada vez mais sem fôlego.

— Vou ligar para ele, tio. Acalme-se.

— Obrigado. — Ele respirou fundo e exalou. — Eu sabia que podia contar com você.

Aquela era Sara. Confiável e calma em qualquer crise. Exceto pelo fato de agora se sentir irritada. Tio Spence poderia ter dado a informação se quisesse. Afinal, dirigira o negócio por anos antes de ela chegar.

— Falarei com o sr. Metterly. — Ela sabia como lidar com aquele tipo de homem. Permanecendo calma, se desculpando e elogiando, se necessário.

— Sinto falta dos velhos tempos — murmurou Spence. — Quando eu não precisava lidar com pessoas como ele. Eu cuidava de casos residenciais na época. Não havia tanto dinheiro envolvido, mas as pessoas eram mais gentis. Meus clientes eram quase meus amigos. Nunca sinto isso quando estou lidando com uma grande corporação.

A onda de culpa familiar a assolou.

— Pensei que gostasse das novas contas que consegui. — Tinha sido idéia de Sara procurar clientes corporativos.

— Eu gosto! — disse ele. — Você fez um trabalho maravilhoso, me deixou rico. Eu jamais teria crescido tanto sem você. Mas, agora que estou velho, às vezes sinto falta de lidar com contas menores.

— Podemos considerar abrir uma divisão para contas pequenas — falou ela. Aquilo não daria muito dinheiro, mas talvez deixasse Spence mais feliz e mais ocupado.

— Não sei — replicou ele. — Apenas ligue para Metterly e o acalme.

— Farei isso. — Sara estava prestes a se despedir mas a próxima pergunta do tio a surpreendeu.

— Como estão suas férias?

— Ótimas. Estou aprendendo a surfar. — *E conheci um homem incrível.*

— Lembro-me de quando você costumava sair com aqueles surfistas de County Line. Não eram boas companhias. Sua mãe e eu nos preocupávamos muito.

— Malibu não é como County Line — respondeu ela. — As pessoas aqui não são como as pessoas com quem eu saía. — *Drew não é como nenhum homem que já conheci* — E não sou mais daquele jeito. Você me ajudou a mudar de vida.

— Você não precisava de muita ajuda — murmurou Spence. — Apenas de um pouco de orientação.

— Nunca esquecerei o que fez por mim, tio. Eu lhe devo isso.

— Ligue para Metterly, querida. Preciso ir agora. Tenho uma reserva no campo de golfe ao meio-dia.

— Amo você, tio Spence.

— Eu também amo você, querida.

Sara ligou para Phil Metterly e conseguiu acalmá-lo. No final da conversa, ele estava rindo e brincando. Ela desligou e suspirou. Se todos os seus problemas fossem tão fáceis de resolver...

Tomou um banho, retocou a maquiagem, vestiu short e camiseta e pensou em ir à cozinha comer um lanche.

— Sara! Você tem visita — chamou Candy.

Ela foi para a sala e encontrou Drew parado na porta.

— Pronta para uma outra aula de surfe? — perguntou ele.

— Espere eu pôr o biquíni e estarei pronta.

Em poucos minutos, ela vestiu um biquíni florido, uma canga, guardou o telefone na bolsa e o encontrou na varanda.

Assim que se afastaram do chalé, Drew parou e a puxou para seus braços.

— Eu estava louco para beijá-la de novo.

— E eu estava esperando ser beijada.

Eles se beijaram com tanta paixão que Sara ficou tentada a sugerir que esquecessem a aula de surfe e passassem a tarde na cama, mas precisava se preparar para o torneio. Candy e Ellie contavam com seus pontos.

— É melhor irmos para a aula, Drew.

Eles pararam na *Surf Shack* para pegar duas pranchas Cooter os saudou de trás do balcão, onde atendia a um cliente.

— Onde está seu avô? — perguntou Sara quando saíram da loja.



— No cenário do programa de televisão. — Drew franziu o cenho. — Ele passou a noite fora e, quando chegou esta manhã, estava muito pálido. Deveria estar na cama, descansando.

— Seu avô é incrível! — comentou ela. — Tenho certeza de que, quando se cansar demais, vai parar um pouco — tentou assegurá-lo.

Drew meneou a cabeça.

— Não tenho tanta certeza disso. Temo que vovô sofra outro infarto se não diminuir o ritmo logo.

Sara apertou-lhe o braço.

— É duro se sentir responsável. Acredite, eu sei disso.

Eles se entreolharam.

— Você sabe. Acho que essa é uma das coisas que mais amo em você. Não apenas fala que entende... Mas realmente *entende*.

O coração de Sara disparou com aquelas palavras. Ele falara em *amor*? Drew a amava? Era possível amar alguém que tinha acabado de conhecer?

Oh Deus! Ela *nem* queria pensar nisso. Aquele devia um caso de férias. Alguns dias de divertimento. Será que não podia fazer *nada* sem transformar o ato em algo sério?

CAPITULO SETE

— HOJE você vai tentar ficar mais em pé sobre a prancha -- disse Drew quando eles chegaram à beira da água -- Depois, praticaremos as manobras. Se você angular ao longo da face da onda, paralela à praia, conseguirá ficar mais tempo sobre a prancha e se divertirá mais, Ela assentiu.

— Tudo bem.

Eles entraram no mar e remaram para as ondas. Drew escolheu uma área com ondas pequenas e pouca gente e ajudou-a a praticar, repetidamente, ficar em pé na prancha.

Não demorou muito para que Sara parasse de cair e conseguisse ficar sobre a prancha por longos períodos Então, foram para ondas maiores, e começaram a praticar as manobras.

— Primeiro, você tem de decidir para que direção quer ir... Direita ou esquerda — explicou Drew.

— Certo. Mas como viro a prancha?

— Esta é a parte mais fácil. Você escolhe a direção que quer ir e inclina-se bem de leve para esse lado. Não incline demais, caso contrário vai cair. Mantenha sempre o corpo centrado na prancha. E lembre-se: no surfe, a velocidade é sua amiga. Quanto mais rápido se mover mais fácil fica.

— Fácil para você — brincou ela. Mas virou a prancha e começou a remar, esperando as próximas ondas.

Ele a observou pegar a onda. Sara começou a manobrar cedo demais, porém, estava bom para uma primeira tentativa. Já encontrava o equilíbrio instintivamente.

Quando ela se aproximou, Drew disse:

— Mais alguns dias de prática e você estará pronta para a competição.

— Quero vencer mesmo... — murmurou Sara. — Candy já ganhou muitos pontos na dança e no karatê. Ela é incrível. Sabe como se divertir.

— Eu me divirto muito com você. — Ele arqueou as sobrancelhas numa expressão exagerada.

Ela riu.

— Também me divirto com você, mas Candy pode se divertir com qualquer pessoa. E Ellie está no programa de tevê. Ela tem muito *estilo*. É tão amável! Está sempre cuidando de todo mundo.

— Suas amigas parecem ótimas — falou ele. — Mas você também é ótima, e parece não se valorizar muito. Você é carinhosa, divertida e sexy. — Drew a abraçou. — E está se transformando numa boa surfista.

Ela riu, então o beijou. Logo, estavam namorando na água novamente, e ele se perguntou se repetiriam a dose da noite anterior.

Porém, o barulho de um barco a motor os interrompeu. Sara olhou em volta e Drew olhou para cima.

— Um pára-quedas puxado por barco — disse ele.

Sara ergueu a cabeça e viu o pára-quedas colorido se aproximando. Quando desceu mais, puderam avistar uma mulher usando um biquíni amarelo sob o colete salva-vidas.

— É Candy! — Sara acenou, mas o barco já tinha virado. — Candy e Matt. — Sombreado os olhos, observou o brilhante pára-quedas desaparecer de visão, então se virou para Drew, os olhos brilhando. — Eu lhe disse! Candy consegue fazer qualquer coisa!

— Quer andar num pára-quedas puxado por barco — perguntou ele.

Sara meneou a cabeça.

— Eu nunca faria algo tão ousado.

— Por que não? Para surfar também é preciso coragem — argumentou Drew.

— Não sou muito corajosa. — Ela deu de ombros. Eu costumava ser, mas descobri que correr riscos pode nos colocar em apuros.

— Não acredito que você foi uma garota tão rebelde. Sara desviou o olhar.

— Acho que poderia ter sido pior. Mas fiz coisas estúpidas... Andei com gangues e traficantes de drogas pessoas que abandonaram os estudos e viviam nas ruas. Faltei muito às aulas, experimentei drogas e bebi muito. Considerava-me muito madura e independente. Dei a minha mãe um sofrimento que ela não merecia.

Drew ergueu-lhe o queixo até que ela o encarasse.

— Mas você tomou jeito e endireitou sua vida. Sua mãe deve ter muito orgulho de você por isso.

— Eu nunca teria conseguido sem tio Spence — disse ela. — Ele se cansou de ouvir minha mãe reclamar sobre os meus problemas, então, um dia, foi à minha procura na praia. Levou-me para sua casa e, literalmente, me trancou num quarto, avisando que estava no comando dali em diante. Eu não podia sair sem ele, não podia falar ao telefone ou ver meus amigos. Tio Spence contratou professor particular para que eu pudesse recuperar as notas e acompanhar a escola e, durante as tardes, eu tinha de trabalhar no escritório dele. — Isso é amor verdadeiro — comentou Drew.

Ela assentiu.

— No começo, eu o odiei. Gritei, esperneeiei e ameacei chamar a polícia, dizendo que eu tinha sido seqüestrada. Então, ele me mostrou um documento que minha mãe escrevera, dando-lhe permissão para cuidar de mim. — Sara sorriu. — Mais tarde, descobri que não era um documento legal, mas foi o bastante para me convencer a obedecer. E, mesmo na época, quando eu estava revoltada, parte de mim se sentia agradecida. Ele me tirou daquele cenário que, apesar de excitante, no fundo eu sabia que era perigoso.

— Então a abordagem de seu tio funcionou. — Drew tentou imaginá-la como uma adolescente assustada. No princípio, não conseguiu. A mulher à sua frente era tão calma, tão equilibrada! Mas, quando fitou os olhos verdes, pôde ver o medo e a insegurança que os anos ainda não haviam apagado por completo.

Sara assentiu.

— Após alguns meses, parei de me revoltar e comecei a me divertir. Fiz amigos no bairro, e realmente gostava de trabalhar para tio Spence. Na época, a Anderson Title era uma pequena firma especializada em transações imobiliárias residenciais. Após o ensino médio, fiz faculdade à noite e me formei em Administração de Empresas. Sugeri que tentássemos contratos maiores. Desde então, os negócios vêm prosperando.

— O homem forte que a tirou das ruas não me parece incapaz de cuidar dos próprios negócios — observou Drew.

— Não exatamente. Mas espera muito de mim, e não quero desapontá-lo. E, pelo fato de estar envelhecendo, acho que ele não lida bem com mudanças.

— Talvez isso seja parte do problema de meu avô. Não gosta da idéia de trocar seu estilo de vida pela saúde

— Talvez. — Sara o abraçou. — Falar sobre isso me faz sentir melhor. Obrigada.

— Sei o que você quer dizer, Sara. Tudo parece melhor quando estou com você. — Ele a beijou na testa não querendo começar mais nada naquele momento. Era o bastante estar com Sara daquela forma, compartilhar do um amor pelo oceano e a intimidade de trocar confidencias.

— Vamos fazer um intervalo — murmurou Drew — Nenhum de nós dormiu muito ontem e não quero exagerar.

Ela bocejou.

— Não sei por que você acha que estou cansada. Rindo, eles remaram de volta para a praia. Assim que pisaram na areia, Drew ouviu pequenas notas do "Bolero".

— Este é seu telefone?

Sara pegou o celular e meneou a cabeça.

— É tio Spence. Vou ligar para ele mais tarde. — Ela o fitou. — Acho melhor eu voltar ao chalé e trabalhar um pouco.

— Também preciso voltar à loja e ajudar Cooter. Que tal eu levá-la para jantar depois que a loja fechar? Você gosta de frutos do mar?

— Adoro.

— Ótimo. Passo no seu chalé por volta das 18h30, tudo bem? —Excelente. — Eles andaram pela praia em direção ao chalé de Sara.

— Levo sua prancha para a loja — disse ele. — Até mais tarde.

Sara o beijou nos lábios e teve de se conter para não puxá-lo para mais perto.

— Mal posso esperar — sussurrou com um olhar ardente.

NÃO QUERENDO pedir uma roupa emprestada a Candy outra vez, Sara usou o único vestido bom que tinha levado Era branco e simples. Combinou-o com um colar de corais que comprara numa loja de souvenir na praia. Quando saiu do quarto, Ellie e Candy assobiaram.

— Você está linda — elogiou Ellie. — Vai a algum lugar especial?

— Drew vai me levar para comer frutos do mar. Candy estava pintando as unhas dos pés e olhou para cima.

— Isso parece sério.

— Não é sério. É apenas um romance de férias.

— Às vezes, um romance de férias pode se transformar em algo mais sério — observou Ellie.

— Não vim para cá à procura de nada sério — disse Sara. — Só quero me divertir. Provar que não tenho de pensar em trabalho o tempo todo.

— Então divirta-se... — murmurou Candy.

— Gosto muito de Drew. — Sara se sentou na ponta do sofá, as mãos unidas no colo. — Ele entende sobre meu trabalho, sobre tio Spence e tudo o mais. Tem até problemas parecidos, cuidando da loja e do avô.

— Se for o seu destino, você vai descobrir uma saída — afirmou Ellie.

Ellie era muito otimista, mas Sara tinha suas dúvidas. No momento, estava tendo dificuldade de imaginar sua vida sem Drew. Mas era a idéia de voltar a ser solitária que a entristecia? Ou o fato de se separar de um homem que passara a significar muito para ela?

O som de uma buzina fez Sara se levantar e olhar pela janela. Drew estava num Mustang conversível vermelho. Parou em frente à casa e desceu. Ela foi encontrá-lo à porta, seguida por suas amigas curiosas.

— Adorei o carro — falou Candy.

— Olá — cumprimentou Sara, notando como ele estava lindo de camisa esporte, calça de algodão e sandálias de couro. — Lembra-se de Candy e Ellie?

— É claro. — Ele sorriu-lhes, então se voltou para Sara. — Pronta para irmos?

Ele a conduziu para o Mustang e abriu a porta de passageiro.

— É um carro muito bonito — murmurou ela, alisando o banco de couro.

— Foi um presente de Gus quando me formei na faculdade.

— Ele tem bom gosto.

— Isso é verdade. Gus gosta de você, afinal de contas.

A informação a surpreendeu.

— Mas ele nem me conhece. Conversamos apenas por poucos minutos.

— Vovô diz que é um bom juiz de caráter. — Drew a fitou — Ou talvez esteja se baseando em como me sinto em relação a você.

E como você se sente em relação a mim? Mas Sara Dão era corajosa o bastante para perguntar.

Eles ficaram em silêncio. Alguns minutos depois, Drew parou o Mustang diante de uma velha casa azul, a pintura toda descascada. Uma placa desbotada indicava o nome do restaurante: Balde de Ostras. Sara olhou, tentando encontrar um comentário apropriado.

— Sei que parece um barraco velho — disse Drew. — Mas a comida é excelente. E os donos são meus amigos.

O interior do lugar parecia mais promissor, com mesas de madeira clara e cadeiras de vinil. Uma mulher grande ruiva cumprimentou Drew pelo nome e os levou para uma mesa perto da janela.

— Sou Marge e conheço esse rapaz desde que ele usava fraldas — disse ela para Sara. — Se ele a incomodar, me chame — brincou, entregando um cardápio de plástico para cada um. — O caranguejo é o especial da noite. Estamos sem ostras.

Quando ficaram sozinhos outra vez, Sara se inclinou sobre a mesa.

— Marge é a dona do restaurante?

— Sim, ela e o marido, Del. Trabalhei aqui quando estava no ensino médio até a metade da faculdade.

Entre camarões, caranguejos e escalopes, Sara descobriu tudo sobre os anos de faculdade de Drew e a curta carreira em uma corretora de seguros.

— E onde entra o surfe em tudo isso? — perguntou ela.

— Surfo praticamente desde que comecei a andar — replicou Drew. — Gus era dono da *Surf Shack* e meus pais ajudaram a administrar a loja até se aposentarem e se mudarem para o Arizona. Literalmente cresci naquela loja. Gus era meu herói. Ensinou-me a surfar e deu minha primeira prancha.

— No Natal, lembro que você me contou.

— Mesmo enquanto freqüentei a faculdade, eu surfava nos fins de semana e nas férias — continuou ele. — Mas então, minha avó faleceu, e vovô estava administrando a loja sozinho. No meu segundo ano de faculdade, ele sofreu o primeiro infarto, mas meus pais o ajudaram na *Surf Shack*. Quando Gus se recuperou, eles se mudaram para o Arizona.

Drew deu um gole na água.

— Então, um dia, enquanto eu estava trabalhando na corretora de seguros, minha mãe ligou e disse que ele estava no hospital. O médico a avisou, e ela e meu pai estavam vindo do Arizona, mas eu poderia chegar a Gus muito mais rápido.

— Deve ter sido assustador — disse Sara, notando as emoções brincarem no rosto dele.

— Eu não podia acreditar. Como aquele homem abatido vestido numa camisola de hospital podia ser vovô Gus? Sempre o vi como uma pessoa jovem e invencível. Vê-lo tão pálido e tão... *silencioso* foi como descobrira verdade sobre o Papai Noel.

— Foi quando você decidiu deixar seu emprego e trabalhar na *Surf Shack*?

— Não imediatamente. — Ele deu um longo gole no chá gelado. — Um dia, minha mãe me disse que, se eu não assumisse, Gus teria de vender a loja. Era muita coisa para ele lidar sozinho, mas não admitia isso. E eu sabia que, se Gus tivesse de desistir da *Surf Shack*, morreria. Então, me ofereci para gerenciar a loja, de modo que ele pudesse

diminuir o ritmo. — Drew suspirou. — O problema é que Gus não sabe o significado de *diminuir o ritmo*.

— Somos muito parecidos — comentou ela. — Pessoas que amamos dependem de nós e não queremos decepcioná-las.

— Sim, mas ultimamente tenho pensado que alguma coisa tem de mudar.

O jeito que ele a olhou, como se estivesse tentando ler sua alma, a fez tremer.

— Por quê?

— Porque parece que minha vida se resume a surfar, cuidar da loja e de Gus. — Drew a olhou fixamente, a expressão perturbada. — Quando eu era criança, tudo girava em torno do surfe e da loja. Eu dizia que minha vida ia ser diferente... Eu sempre surfaria, mas faria outras coisas também. Quero aproveitar minha vida e quero aproveitá-la com alguém.

Sara pensou no que a levaria àquelas férias... O desejo de redescobrir a garota forte e impulsiva que fora um dia.

— Eu também gostaria de mais divertimento. É uma das razões pelas quais vim para cá. E não quero passar o resto da vida sozinha. — Ela engoliu em seco. — Mas não sei como combinar isso tudo... Os negócios, tio Spence e minha própria felicidade.

— Então é isso que precisamos descobrir — falou Drew. — E logo, enquanto ainda somos jovens para aproveitar a vida.

Eles acabaram de comer em silêncio. Quando estavam de volta no carro, Drew pôs a chave na ignição, mas não ligou o motor.

— Vamos para minha casa... — murmurou.

— E quanto a Gus?

— Vai passar a noite fora. — Drew pegou a mão de Sara. — Quero passar a noite com você. A noite inteira.

Ela assentiu.

— Eu gostaria disso também.

A casa de Drew era simples, com janelas grandes, varanda e vista para a praia.

— Gus tem um apartamento onde costumava ser a garagem — explicou Drew depois que parou o carro. — Moro no andar de cima, e nós compartilhamos a cozinha e a sala no andar de baixo.

Dentro, tudo era mais organizado do que ela esperaria de dois solteiros, com móveis confortáveis e pôsteres emoldurados em todas as paredes.

— Quer um drinque? — ofereceu ele, jogando as chaves do carro sobre o bar da saleta de cima.

— Não. — Sara colocou a bolsa sobre a mesa e se virou para ele. — Tudo o que quero é você.

— Gosto de uma mulher que sabe o que quer. — Ele a puxou para seus braços e beijou-a, dizendo o quanto a queria, também.

Toda a conversa que haviam tido sobre o passado lembrara Sara não apenas das coisas ruins que deixara para trás, mas também das coisas boas que abandonara no meio do caminho. Agora, queria abandonar, pelo menos por aquela noite, a mulher madura sobrecarregada de responsabilidades, e redescobrir a jovem ousada que morava em seu interior.

Ela se afastou do beijo e perguntou:

— Onde é o seu quarto?

— Por aqui. — Drew a conduziu pelo corredor até um quarto que continha somente uma cama de casal, uma cômoda e uma televisão.

Sara abriu-lhe o primeiro botão da camisa. Ele começou a ajudá-la, mas ela lhe afastou as mãos.

— Sente-se na beira da cama. Estou no controle agora.

Drew hesitou por um momento, mas fez o que ela pediu, olhando-a fixamente.

Ela sorriu de modo travesso. Então, começou a abrir os botões da camisa dele, um por um, roçando-lhe a pele com as unhas. Depois, beijou cada parte do peito exposto, provando a textura dos pêlos dourados, passando a língua ao redor dos mamilos e sentindo-os enrijecer sob seu toque.

Depois do último botão aberto, inclinou-se e lhe beijou o umbigo, circulando-o com a língua, deixando uma trilha úmida ao longo da linha de pêlos que desaparecia dentro da calça. Enquanto fazia isso, Drew se inclinou para frente e abriu-lhe o zíper do vestido, deslizando-o pelos ombros.

Sara endireitou o corpo e se afastou.

— Você não é muito paciente.

— Quero vê-la nua. — Os olhos dele a percorreram e ela sentiu calor em cada parte do corpo que Drew fitava. Enganchou os polegares no cós da calça.

— Quer que eu tire isso também?

— Oh, sim!

Sara meneou a cabeça.

— Você terá de esperar um pouco mais. — Então aproximou-se novamente, tirou-lhe a camisa e abriu o botão da calça de Drew. Deslizando a mão para dentro sentiu a ponta do membro ereto roçando-lhe os dedos. Ergueu a cabeça e estudou-lhe a expressão. Os olhos dele estavam escuros, as pupilas dilatadas, as pálpebras pesadas.

— Nunca levei tanto tempo para ficar despido — murmurou ele.

— Algumas coisas devem ser saboreadas lentamente — Sara abaixou o zíper da calça dele, bem devagar, enquanto o encarava o tempo todo, a tensão aumentando em seu interior.

Finalmente, tirou-lhe a calça e a cueca ao mesmo tempo e se agachou diante dele.

Enlouqueceu-o com a boca, acariciando-o com uma ousadia que não sabia possuir, enquanto Drew entrelaçava os dedos em seus cabelos e gemia, encorajando-a.

No momento em que percebeu que ele estava perto de um orgasmo, o prazer dela aumentou. Sentia-se poderosa e ligada a ele de uma maneira intensa que transcendia palavras.

Drew atingiu o orgasmo como a explosão de uma onda na praia, fazendo-a gemer de puro prazer ao testemunhar aquilo. Em seguida, eles se deitaram lado a lado na cama, entreolhando-se.

— Sinto coisas com você que nunca senti com ninguém antes — confessou ele. — É mais do que sexo, é...

— Psiu. — Ela o silenciou com um dedo em seus lábios então lhe puxou a cabeça para um de seus seios. Não queria analisar sentimentos naquele momento. Queria apenas experimentá-los.

Eles fizeram amor então, e, quando Sara atingiu o clímax, Drew a abraçou forte, aninhando-a gentilmente enquanto ela retornava à realidade.

Sorriram um para o outro, sentindo-se saciados e plenos.

— Você com certeza sabe como despir um homem — murmurou Drew.

— Notei que você estava lutando para não perder o controle. — Ela se aconchegou mais ao corpo forte. Não a ria que aquela semana acabasse nunca mais. Não queria passar mais nenhuma noite sem ele. Era assim sensação de estar apaixonada?, questionou-se. Mas como podia ter se apaixonado em um período de tempo tão curto? Alguma coisa nela havia reconhecido que Drew era o homem de sua vida?

A idéia quase lhe tirou o fôlego. Se pelo menos soubesse quais eram os sentimentos de Drew... Umedecendo os lábios, esforçou-se para formar as palavras:

— Estes dias têm sido... Realmente especiais.

— Sim. — Drew a apertou mais contra si. — Muito especiais. — Virando-se, levou os lábios para os dela.

Conforme se beijavam, Sara sentiu que poderia decolar até o teto se ele não a estivesse segurando firme. *Continue me segurando*, teria dito se pudesse falar. *Continue me segurando e não ouse me deixar*.

CAPÍTULO OITO

PELA primeira vez desde que podia lembrar, Sara acordou na manhã seguinte sem uma lista de "coisas para fazer" na cabeça. Ela e Drew haviam feito amor a noite toda, finalmente adormecendo nas primeiras horas da manhã. Espreguiçou-se com uma profunda satisfação que não conhecia.

Ao seu lado, Drew dormia placidamente. Sara ficou tentada a acordá-lo, mas decidiu deixá-lo descansar mais um pouco. Movendo-se em silêncio, saiu da cama e foi para o banheiro.

Vestindo a roupa que usara na noite anterior, desceu a escada e se dirigiu à cozinha.

Gus estava diante do fogão, um avental amarrado na cintura.

— Espero que você esteja com fome — disse ele com um cumprimento. — Estou fazendo panquecas. O café está ao lado da pia.

Ele agia como se encontrá-la ali pela manhã fosse a coisa mais natural do mundo. Então, Sara aceitou a dica e ficou à vontade. Achou uma xícara, serviu-se de café e se sentou à mesa.

— Posso fazer algo para ajudar? — ofereceu.

— Não. Sou eu que cozinho por aqui e prefiro fazer tudo sozinho. — Gus girou duas panquecas no ar com habilidade. — Meu neto ainda está dormindo?

— Sim. Não tive coragem de acordá-lo.

— Quando eu tinha a idade dele, acordava cedo todos os dias. As melhores ondas são pela manhã. — Gus se virou e pôs um prato de panquecas diante dela. — Sirva-se de manteiga e geléia. E não me diga que está de dieta. Se vai passar o dia na praia, precisa se alimentar.

— Sim, senhor. — Sorrindo, Sara passou manteiga e geléia na panqueca. Quando pegou o garfo, Gus se sentou com o próprio prato.

Eles comeram em silêncio por um momento, Sara olhando ao redor e observando que era tudo muito limpo e organizado.

— Não se engane pela limpeza — falou Gus depois de esvaziar o prato. — Temos uma faxineira uma vez por semana. Ela veio ontem.

— O senhor mora nesta casa há muito tempo?

— Nada de "senhor" — disse ele antes de responder; — Desde 1974. Depois que minha esposa faleceu, me mudei para o andar de baixo. Pareceu-me mais confortável. Após meu segundo infarto, Drew começou a trabalhar na *Surf Shack* e se mudou para o andar

de cima. Disse que dessa forma ficaria mais perto da loja e economizaria o aluguel. Mas sei que é porque quer ficar de olho em mim.

— Ele o ama muito — murmurou Sara.

— Eu sei. Você nunca pode ganhar uma discussão com alguém que o ama tanto, sabia? Eles irão sempre convencê-lo que estão pensando no seu bem. Não há espaço para acordos com esse tipo de amor.

— Você faz parecer que isso é algo ruim.

Gus se levantou e levou os pratos para a pia.

— Não é algo ruim. É o que é. Verdades absolutas de qualquer tipo são difíceis de lidar. Amor ilimitado, ódio ilimitado, devoção ilimitada a um ideal...

— Drew não me contou que você era filósofo.

— Sou surfista. — Ele começou a pôr os pratos na máquina de lavar louça. — Você tem muito tempo para pensar quando está na água.

— Tudo o que posso pensar quando estou lá é tentar ficar sobre a prancha — confessou Sara.

Ele riu.

— Como vão suas aulas de surfe?

— Às vezes acho que peguei o jeito. Outras, acho que nunca serei boa.

Gus fechou a máquina e se virou.

— Meu neto diz que você está indo bem. Possuí equilíbrio e não tem medo.

Se apenas aquelas palavras se aplicassem à vida real! Não era muito equilibrada no dia-a-dia, uma vez que trabalhava em excesso. Quanto ao medo... Talvez fosse o que verdadeiramente a conduzisse. Medo de desapontar alguém.

— Tem idéia de quem serão meus competidores? — perguntou Sara.

— Espero que você não esteja tentando influenciar o juiz. — Gus pareceu sério, mas a risada nos olhos o entregou.

— Eu não pensaria nisso — murmurou ela, então mudou de assunto. — Drew me contou que trabalhou numa corretora de seguros antes da *Surf Shack*.

— Por que ele aceitou um emprego daquele, eu nunca entendi. Drew nasceu para viver ao ar livre, na água, não num cubículo fechado, preso a uma mesa.

Ela assentiu.

— É verdade. Não acho que ele ficaria feliz num escritório.

— Surfar está no sangue dele — acrescentou Gus. — A *Surf Shack* será do meu neto quando eu me for, mas fico feliz que Drew esteja tendo a chance de conhecer o negócio enquanto ainda estou aqui para responder às perguntas dele.

— Ele comentou que trabalha muitas horas. Gus franziu o cenho.

— Tentei convencê-lo a contratar alguém para fazer a contabilidade, mas não quer. Preocupa-se com a loja o tempo todo, quando deveria se preocupar com a própria vida.

— Precisamos trabalhar para ter uma vida — apontou Sara. — E Drew se sente obrigado a ajudá-lo.

— Não quero que ele se sinta *obrigado*. Fico satisfeito que meu neto assumiu a loja, mas não cedera *<yje sof^* por causa disso. Se contratar ajuda significa um pouco menos de lucro, o que importa? Ele poderia passar mais tempo surfando ou com uma mulher bonita.

— Ele a olhou de modo significativo.

— Está contando todos os meus segredos a ela, vovô? — Drew entrou na cozinha, cabelos e roupas amassados. Deu a Sara um sorriso discreto e apertou-lhe o ombro quando passou, causando-lhe um arrepio de prazer.

— Todos — replicou Gus. — Você vai ficar indefeso, Drew se serviu de café.

— Guardou panquecas para mim?

— Estão no forno. — Gus consultou o relógio. — Preciso estar no cenário de filmagem em vinte minutos. — Com isso, se despediu com um aceno de mão e partiu.

Drew se sentou à mesa com seu prato de panquecas e olhou para Sara.

— Como se sente esta manhã?

— Excelente. — Sem graça, ela abaixou a cabeça.

— Foi muita gentileza de seu avô me fazer o café-da-manhã.

— Eu disse que ele gosta de você. Vovô não faz suas panquecas para qualquer um. — Drew deu um gole do café. — Sobre o que vocês conversaram antes de eu descer?

— Sobre você, é claro. — Ela riu da expressão preocupada de Drew. — Ele acha que deveria contratar alguém para lidar com a contabilidade, de modo que você pudesse se divertir mais.

— Suponho que Gus acha que, se você me dissesse isso, eu ouviria.

Sara deu de ombros.

— Acho que você deve fazer o que quiser. Estou apenas reportando a nossa conversa.

— Ela levou o prato dele para a pia. — Quais são seus planos para esta manhã?

— Preciso estar na loja às 10h, mas temos tempo de pegar algumas ondas antes disso.

— Você quer ir surfar? — Sara teve certeza que ele iria sugerir voltar para a cama no andar de cima.

— Há outras coisas que eu preferiria fazer com você — murmurou ele com uma piscadela. — Mas, se vai competir no sábado, precisa praticar mais.

Então, depois de passar no chalé de Sara para vestir biquíni, e na loja para pegar as pranchas, eles chegaram à praia. Drew a fez treinar todos os movimentos básicos novamente, desde remar até ficar em pé na prancha. Sara caiu algumas vezes e conseguiu surfar outras.

Após meia hora de prática, Drew aproximou-se deitado de bruços sobre a prancha.

— Você está indo muito bem. Mas, agora, vamos descansar um pouco.

Sorrindo, Sara se deitou sobre a prancha também e lado a lado, eles deixaram que as ondas os levassem gradualmente para a praia.

— Imagine como eu seria boa agora se tivesse aprendido a surfar quando era jovem — comentou ela.

— Você ainda é jovem — murmurou Drew. — Tem muito tempo para aprender, se é isso que quer.

— Acha que eu poderia ser tão boa quanto você? Ele deu de ombros.

— Claro. Mas eu não sou tão bom assim. Não como os profissionais.

— Já pensou alguma vez em se tornar surfista profissional?

— Acho que vovô pensou que eu seguiria seus passos e seria campeão de surfe também, mas não deu certo.

— O que aconteceu? — perguntou Sara.

— Algo típico de adolescentes, suponho. Eu estava mais interessado em garotas e carros do que em passar um monte de horas na água, praticando os movimentos. Então, fui para a universidade, me formei e comecei a trabalhar.

— Ainda não acredito que você trabalhou numa corretora de seguros.

— Sim. — Ele riu. — Acho que, quando você cresce praia e tem pais que administram uma loja de surfe, a idéia de rebelião é trabalhar num cubículo, usando terno e gravata.

Sara meneou a cabeça.

— Não consigo imaginá-lo num cubículo.

— Fiz isso somente por alguns anos. Pensei que trabalharia duro, ganharia muito dinheiro e teria uma vida boa.

— Alguma vez pensa em voltar para aquela vida?

— Oh, nunca! Partir foi a melhor decisão que já tomei, embora não tenha enxergado isso na época.

— Então você realmente não nasceu para esse tipo de trabalho?

— Não. Quando voltei para cá e peguei minha velha prancha, a sensação de liberdade me fez entender o quanto o cubículo me sufocava. E não é apenas o fato de surfar, mas de

poder fazer o que quero, no meu ritmo, sem pressão. — Drew a olhou. — Não quero ofendê-la ou nada disso.

Sara sorriu.

— Tudo bem. Não trabalho num cubículo. Tenho um escritório amplo e agradável e, geralmente, faço meu próprio horário. — É claro, isso significava trabalhar de 10 a 12 horas por dia, seis ou sete dias por semana, mas ela nunca se importara. Adorava o trabalho, e, se este a impedia de ter uma vida social, não tinha sentido falta.

Até agora. Estar com Drew a lembrava de tudo o que estava perdendo. Boiar ao seu lado na água agora, observando a brisa desarrumar-lhe os cabelos, sentindo a pele macia quando ele a tocava com o braço. De súbito, estava totalmente consciente de Drew como homem, e de si mesma como mulher.

Como se lesse seu pensamento, ele desceu da prancha, aproximou-se dela e a tirou da prancha também. Então, puxou-a para seus braços.

— Acabo de perceber que não a beijei esta manhã.

— Sim, e senti muita falta...

Os lábios dele cobriram os de Sara antes que ela terminasse a frase. Imediatamente excitada pelo beijo, ela envolveu as pernas ao redor da cintura de Drew e o abraçou pelo pescoço.

Eles se beijaram por um longo tempo, deliciando-se nas sensações, agora mais doces do que ardentes.

Finalmente, ele se afastou.

— Agora preciso ir trabalhar.

— Eu sei. — Sara tirou as pernas de seu redor e pegou a prancha mais uma vez. — Vejo você esta noite?

— Com certeza.

Eles remaram juntos para a praia, então Drew pegou as pranchas e foi para um lado, enquanto ela se dirigia para o lado oposto.

No CHALÉ, Sara ficou surpresa ao encontrar Candy se arrumando para sair.

— Por que está se enfeitando toda? — perguntou Sara, observando a amiga acrescentar um blazer ao conjunto de seda.

— Para um almoço de negócios com Matt. Vou contar-lhe sobre minha idéia de um software para os clientes.

Naquele momento, Ellie desceu a escada.

— O que está acontecendo?

— Candy vai a um almoço de negócios com Matt — disse Sara. — Bem-vinda ao Mundo Bizarro. Candy está trabalhando o tempo todo, enquanto tudo em que posso pensar é em me divertir com Drew. — Ela não conseguiu conter o riso. No caminho de volta para o chalé, fantasiara sobre passar os dias inteiros e noites, com ele, surfando, tomando sol na praia, fazendo amor por horas, sem responsabilidades ou obrigações para nenhum dos dois.

Envolvida em sonhos felizes, perdeu parte da conversa das amigas e, quando voltou a se concentrar, elas estavam falando sobre a hipótese de Candy abrir seu próprio negócio.

— Você não quer sua própria agência, de qualquer maneira? — perguntou Ellie.

— Quando eu tiver experiência o bastante, é claro — replicou Candy. — Mas fazer isso agora seria muito excêntrico.

— Começar sua própria agência não é excêntrico — apontou Sara. — Você seria sua própria chefe, dependendo de si para obter renda. — É claro que Sara não poderia fazer uma coisa daquelas. Não com tio Spence para considerar. Mas Candy não tinha tais elos.

Ellie e Candy discutiram o assunto por mais um tempo. Sara foi para o computador. Provavelmente tinha uma centena de e-mails para responder.

Enquanto o sistema carregava, o ícone da planilha eletrônica que criara para o festival lhe chamou a atenção.

— Vamos ver como estão os nossos pontos antes que vocês saiam — chamou.

As três observaram a planilha no computador.

— Nossa maior concorrente é a equipe Santa Monica... Aqueles ladrões — disse ela. — Temos de passar na frente deles de alguma forma.

— Se você ganhar a competição de surfe, teremos grandes chances — murmurou Candy.

Sara assentiu. Aquele era um grande *se*.

— Vou encontrar alguma outra maneira de ganhar pontos. Se todas tentarmos, isso pode ajudar.

Então, Matt chegou e elas se despediram de Candy.

— Os dois formam um belo par, você não acha? — perguntou Ellie.

— Sim — concordou Sara. — E como estão as coisas entre você e Bill?

— Fantásticas.

Sara sorriu, mas, quando ia perguntar mais, seu telefone tocou. Esperando que fosse Drew, correu para atender apenas para ser cumprimentada pela voz de tio Spence.

— Sara, você tem de me ajudar. Ela fez uma careta.

— O que houve desta vez, tio? — O que quer que fosse, lidaria com aquilo. Sempre lidava. Por mais que adorasse a fantasia de passar seus dias como surfista, a realidade era

que, provavelmente, sua vida ficaria enfadonha em alguns dias. Como Drew, levava as responsabilidades a sério. Certas vezes, o trabalho *tinha* de vir em primeiro lugar. Graças a Deus ele entendia isso.

DEPOIS DE deixar Sara, Drew teve dificuldade em se concentrar no trabalho. Em vez de encerrar pranchas e atender a clientes, pegou-se lembrando-se da sensação de Sara em seus braços e do calor que sentia no peito quando ela lhe sorria.

Tê-la em sua vida o fazia ver tudo de modo diferente. Havia resistido à idéia de contratar um outro funcionário antes. Afinal, seus pais contavam com ele para conduzir loja pessoalmente. Mas, se Gus não se importava mesmo por que não pensar em contratar alguém para ajudá-lo? Especialmente se, fazendo isso, sobrasse mais tempo para passar com Sara.

Sim, ela partiria de Malibu em alguns dias, mas Los Angeles não ficava tão longe assim. Sara poderia passar os fins de semana na praia, e ele poderia fazer algumas viagens ocasionais para a cidade. Encontrariam um jeito de resolver as coisas...

Um homem com uma careca rosada e camisa havaiana entrou na loja, tirando Sara de seus pensamentos.

— Olá. Posso ajudá-lo?

O homem tirou os óculos escuros e olhou para Drew de um jeito tão autoritário que o deixou um pouco desorientado.

— Eu poderia lhe fazer a mesma pergunta — disse o homem após um momento. — Porém, uma vez que estou de folga, não farei. — Virando-se, começou a examinar uma arara com camisetas.

Drew franziu o cenho. O homem era louco? Parecia levemente familiar.

— Está procurando por, alguma coisa em particular?

— Preciso de protetor solar — replicou o homem. — Tem alguma coisa que eu possa pôr na cabeça?

— Oxido de zinco é uma boa solução. Eles vêm em cores agora. Você pode pintar o corpo na competição de "pintura corporal" do festival. — Drew andou até uma prateleira onde ficavam os protetores. — Também temos protetores próprios para esportes, fator 45. É claro, nada dura para sempre na água. É preciso reaplicá-lo com frequência, principalmente se tem a pele mais sensível.

— Sim, pode-se dizer que sou sensível. — O homem escolheu um protetor solar para esportistas e pagou. — Como vai indo com a sua garota?

— Minha garota? — Drew franziu o cenho. O que significava aquilo?

— Aquela com quem você estava no festival. Sara. Como ele sabia sobre Sara? Drew começou a ficar nervoso.

— Eu o conheço, amigo? O homem sorriu.

— Não tão bem quanto eu o conheço, obviamente. — Ele fez uma pose. — Imagine-me de turbante.

Então, Drew entendeu. A primeira noite com Sara no festival. *Verdade nua!*

— Magellan!

O homem assentiu.

— Incrível o quanto um turbante pode disfarçar uma pessoa.

— Sim. — Drew procurou algo para dizer. — Você surfa?

— Não, só vim comprar o protetor. — Ele guardou o frasco no bolso. — Como está Sara?

— Sara está bem. Magellan meneou a cabeça.

— Talvez não tão bem quanto ela pense. Ainda tem *m* problema com o tio. Ou talvez o problema maior seja com a própria Sara.

A crítica implícita sobre Sara fez Drew cerrar os dentes. Aquele louco nem a conhecia.

— Não há nada errado com Sara — defendeu ele.

— Não precisa ficar zangado. — Magellan ergueu as mãos — Afinal, você tem os seus próprios problemas para resolver.

— Meu maior problema no momento é ouvir você falar sobre coisas que não sabe.

Magellan assentiu com um gesto de cabeça.

— As pessoas não gostam de ouvir a verdade. — Acenou e saiu da loja.

Drew suspirou. Na outra noite, tinha ficado impressionado com as habilidades psíquicas de Magellan. Mas estava tão encantado com a descoberta de sua atração por Sara que tinha visto tudo por um ângulo positivo.

Agora, sem o turbante e luzes brilhantes, Magellan lhe parecera um impostor muito arrogante.

Um impostor que não sabia nada sobre ele ou sobre Sara. Claro, o tio dela era um pouco exigente, mas Sara sabia lidar com aquilo. Aquelas férias haviam lhe mostrado a importância de encontrar um tempo para si.

Os dois tinham problemas parecidos. Eram perfeitos um para o outro.

APÓS RESOLVER a crise do dia de tio Spence, Sara estudou a planilha de pontos que fizera para o concurso. Candy e Ellie haviam ganhado muitos pontos, mas ela estava atrás. Pegou o panfleto e o estudou novamente.

Dança erótica, pintura corporal, esculturas de areias Mas no que poderia ser boa?

Melhor ainda, o que poderia fazer junto com Drew. Não que precisasse de uma desculpa para vê-lo de novo mas gostava da idéia de uma atividade que envolvesse os dois, de modo que pudesse passar o máximo de tempo ao seu lado.

— Você ainda está no computador? — Ellie apareceu à porta do quarto. — Feche isso e vá se divertir.

— Eu vou. — Sara fechou o laptop. — Eu só estava olhando a planilha do concurso. Precisamos de mais pontos.

— Iremos conseguir. Pode me emprestar seu lápis de olho marrom?

— Claro. — Sara se levantou e pegou sua bolsinha de maquiagem. — Então, está gostando de sua mudança de estilo?

— Ainda não decidi — replicou Ellie. — Não quero perder totalmente meu estilo gótico. Talvez eu me torne uma gótica de praia.

Sara riu e entregou-lhe o lápis de olho.

— Gótica de praia?

— É. Um biquíni ousado preto, uma coleira, maquiagem dramática. Poderia dar certo.

— Acredito que você consiga fazer dar certo.

— Ei, dê-me alguma pintura e serei um sucesso imediato! — Ela passou o lápis embaixo dos olhos.

Pintura.

— É isso — disse Sara, pegando o panfleto mais uma vez. — Vou entrar na competição de pintura corporal. É esta tarde, na praia. Patrocinada por um criador de um protetor solar á base de zinco.

Ellie sorriu. — Você será a pintora... Ou a tela?

— Acho que vou deixar Drew ser o artista. — A idéia de ter as mãos másculas sobre si lhe enviou um arrepio de prazer. — Não acho que ele vá se opor à idéia, você acha?

— É claro que não! — Obrigada por ter me convencido a tirar estas férias, Ellie. Têm sido fantásticas.

— Mesmo com as interrupções de tio Spence?

— Mesmo assim. Tenho conseguido lidar com ele me divertir. — Ao menos a semana provara que ela podia conciliar trabalho e um relacionamento. Era tudo questão de priorizar o que era mais importante no momento. Felizmente, Drew pensava da mesma forma.

— E você conheceu um homem incrível.

— Isso também. Um homem realmente incrível. — Um que aqueceu mais do que seu corpo. Tinha tirado a sorte grande com Drew. Era o homem perfeito para ela.

CAPÍTULO NOVE

QUANDO Sara ligou para Drew, ele parecia feliz em deixar a loja aos cuidados de Cooter pela tarde, e a encontrou na praia.

— Acho que isso vai me fazer valorizar mais o protetor solar de zinco — disse ele, olhando para os tubos que haviam recebido.

— Precisamos ter uma boa idéia do que pintar — murmurou Sara. Ela vestira seu menor biquíni azul, mas começava a ficar nervosa por expor o corpo para tantas pessoas.

— Tenho algumas idéias. — A voz sexy de Drew causou-lhe um arrepio na espinha.

— Lembrem-se: vale tudo. Sejam criativos — instruiu o anunciante. — Vocês têm uma hora para completar suas obras de arte, começando a partir de agora!

Ao redor deles, outros competidores abriram tubos. Drew deu um passo atrás e estudou Sara.

— O que você está pensando em pintar? — perguntou ela.

Ele pôs a mão no bolso, tirou alguma coisa e entregou-lhe.

— Vá ao toalete feminino e ponha isso. Eu a encontro lá.

Ela olhou para os objetos em sua mão.

— Band-aids? — Eram redondos e minúsculos.

— Tire a parte de cima do biquíni e coloque-os sobre os mamilos. Então, deixe-me entrar quando eu bater à porta.

Curiosa, e um pouco excitada pela idéia, Sara apressou-se para o toalete feminino, trancou a porta, fez o que ele pediu e observou seu reflexo no espelho. Seus seios estavam brancos contra a pele bronzeada.

Houve uma batida à porta.

— Sou eu — disse Drew.

Sara abriu a porta, ele entrou rapidamente e a trancou. Depois a olhou, a expressão imediatamente desejosa.

— Você está incrível! — Drew a puxou para seus braços e beijou-a, a ereção pressionada contra a barriga de Sara.

Ela arqueou-se contra ele, tentada a esquecer o concurso e fazer amor ali mesmo, encostada na porta do banheiro.

Mas ele possuía um pouco mais de autocontrole. Afastou-a gentilmente e entregou-lhe um pequeno frasco de pasta azul.

— Passe isso sobre os seios. Finja que está desenhando sobre o sutiã de um biquíni. Um daqueles biquínis sem alças.

— Um tomara-que-caia. — Ela olhou para a pasta azul. — Isso não foi o que eles nos deram para usar.

— É a mesma coisa, só que é da minha loja. E mais fácil para cobrir uma área grande do que o tubo.

Ela pareceu cética.

— Isso não é uma trapaça?

— Nas regras não diz que somos limitados a usar o que eles nos ofereceram. E isto é óxido de zinco.

— Deixe-me entender direito. Vou sair na praia usando apenas dois band-aids e pintura?

— E a calcinha do biquíni. Agora se apresse e espalhe isso.

— É uma idéia louca — disse Sara, mas começou a passar a pasta azul sobre o peito.

— Não é como estar de topless — assegurou ele. — Quando estiver pronto, ninguém saberá se é pintura ou um biquíni, a menos que olhe de perto.

— Se você diz. — Ela colocou mais protetor na mão. — Esta pasta é grossa e difícil de espalhar.

— Vou ajudar — murmurou ele. — Ou você vai levar o dia todo.

Drew começou a aplicar o protetor solar, usando os dedos para espalhar generosamente sobre a pele. Enquanto fazia isso, Sara se contorcia e lutava para reprimir um gemido.

— Fique parada. Estou tentando igualar a pasta.

— É difícil ficar parada quando você está me tocando assim.

Ele ergueu a cabeça, encontrou-lhe o olhar, e ela viu seu próprio desejo refletido ali.

— Assim? — perguntou ele, usando, de propósito, o polegar para circular o mamilo coberto.

— Sim — sussurrou ela e o puxou para mais perto.

— Temos de fazer isso direito se queremos vencer o concurso — disse ele, fingindo ignorar o movimento. Mas seus toques se tornaram mais deliberados, esfregando-lhe os mamilos até que Sara teve de se segurar na pia a fim de se equilibrar.

Drew deu um passo atrás e estudou seu trabalho. Então apontou para o espelho.

— Dê uma olhada.

Ela se virou e ficou surpresa com o que viu. A pintura se parecia muito com um tomara-que-caia, a pasta grossa efetivamente escondendo os band-aids. Ele tinha deixado as laterais dos seios brancas, e agora as traçava com os dedos, a ereção pressionada firmemente contra as nádegas.

— Muito sexy — sussurrou, beijando-lhe a nuca.

No momento em que ela se inclinou para trás, Drew pôs as mãos nas curvas do quadril e massageou a área.

— Você se importa se seu biquíni manchar de tinta? Não posso garantir que sai lavando.

— É por uma boa causa — respondeu Sara. Embora o e realmente quisesse fosse tirar a calcinha do biquíni,

junto com o short de Drew. Ele a virou novamente de frente.

— É melhor continuarmos com a pintura. Fique imóvel enquanto eu trabalho.

— O que você vai pintar? — perguntou ela, enquanto Drew abria diversos frascos e tubos e os organizava sobre a pedra da pia.

— Logo verá.

— Você já pintou antes? — Sara tentou ignorar o tremor no interior das coxas quando ele começou a cobri-las com mais tinta azul.

— Fiz um curso de pintura a óleo. — Ele sorriu. — Queria aprender a desenhar o nu, mas não havia mais vagas na classe. De qualquer forma, aprendi alguma coisa.

Drew estava passando o protetor colorido no interior de suas coxas quando houve uma batida à porta.

Sara o olhou, sem saber o que fazer. Ele gesticulou para que ela entrasse em um dos compartimentos.

— Sente-se e erga os pés para que não possa ser vista — sussurrou. — Vou me livrar deles.

Contendo uma risada pelo absurdo da situação, Sara fez o que ele pediu, ouvindo quando Drew abriu a porta e falou:

— Desculpem, senhoras, este banheiro está em manutenção. Sou o encanador e estou desentupindo os vasos. Há um outro banheiro a meia quadra daqui.

Sem discussão, as mulheres partiram. Drew fechou a porta e a chamou.

— Pode sair agora.

— Encanador? — Sara riu. — Desde quando encanadores usam shorts modernos e camisetas?

— Ei, sou um encanador de Malibu. — Ele rasgou um pedaço de papel toalha, pegou o tubo de zinco e escreveu em letras grandes: Em manutenção. Uma outra pitada do protetor serviu como cola para pregar o papel na porta. — Isso evitará que sejamos interrompidos.

Então, voltou-se para Sara, sorrindo.

— Bem, onde estávamos?

— Você estava me deixando completamente azul.

— Oh, sim.

Drew ajoelhou-se diante dela e pegou um segundo frasco azul. Cobriu-lhe a barriga e as pernas, depois a virou e trabalhou nos quadris e nádegas. Finalmente, cobriu a frente da calcinha do biquíni com pasta azul.

— Quanto tempo nos resta?

Sara pegou o celular da bolsa e conferiu o horário. — Ainda temos trinta minutos.

— Ótimo.

Drew pegou um dos tubos verdes e começou a espalhar ao longo das pernas dela, fazendo-a gemer.

— Você gosta disso?

— Hum. — Sara movimentou o corpo, imaginando quanto tempo suportaria ficar parada ali, pensando em todas as coisas que gostaria que Drew fizesse.

Ele mudou para a tinta preta, fazendo círculos, massageando-a, concentrado no trabalho. Quando as cores azui verde e preto estavam misturadas ao seu gosto, alcançou a branca. Aplicou-a nas pernas, no abdome e ao redor do umbigo.

— O que você está fazendo? — perguntou Sara. Daquele ângulo, a pintura parecia totalmente abstrata.

— Você vai ver. — Drew colocou mais pasta branca e se levantou para estudar o efeito. — Vire-se e se olhe no espelho.

Sara obedeceu e ficou impressionada. 1 — Parece que estou em pé dentro do mar — disse ela. A mistura de cores dava a nítida impressão de ondas em movimento.

— Você é Vênus erguendo-se do mar — murmurou ele. Então, começou a acrescentar mais verde, preto e branco nas costas de Sara. — O que achou?

— Está lindo. Simples, mas eficaz.

— É muito sexy. Se o juiz olhar de perto e perceber que você está nua da cintura para cima, eu diria que a vitória é certa.

— Porque somos muito ousados?

— Porque você está maravilhosa. Dê-me um pedaço de papel toalha.

Ela deu-lhe o papel e Drew limpou as mãos. Sara ia se virar quando ele segurou-a pelos quadris.

— Espere. Tenho de consertar uma coisa aqui.

Ele esfregou a tinta ao longo das nádegas de Sara deslizando uma das mãos para dentro do biquíni, alcançando o clitóris e fazendo pressão ali.

— Isso é... Gostoso. — Ela balançou o corpo, querendo mais.

— Vire-se.

Ela se virou e Drew a olhou.

— Não quero estragar minha obra de arte.

— Você pode refazê-la. — Ela não se importava com a obra de arte no momento. Precisava que ele a tocasse

— Talvez possamos conseguir. — Ele usou um dedo para afastar a calcinha do biquíni de lado, revelando-lhe o sexo. A pele rosada contrastava lindamente com a tinta escura.

— Meus dedos ainda podem estar sujos de protetor!

— Então lave.

— Tenho uma idéia melhor.

Drew se inclinou para frente e tocou-a com a língua. Os joelhos de Sara enfraqueceram de imediato, e ela teve de segurar-se na extremidade da pia mais uma vez.

Ele começou traçando a língua ao redor da abertura feminina, depois explorou o local de todas as maneiras possíveis, enquanto Sara fechava os olhos e ofegava, quase delirando de prazer.

Queria pedir que ele a penetrasse, e abriu a boca para dizer isso, mas uma nova onda de desejo lhe roubou a fala quando Drew lhe provocou o ponto mais sensível de todos.

Sara atingiu o orgasmo segurando-se na borda da pia.

Estava tremendo inteira, porém ainda queria mais. Abaixou a cabeça e olhou para Drew.

— Quero você dentro de mim. — Vamos estragar a pintura.

— Não me importo com a pintura. Quero você. Drew se levantou.

— Então, vire-se de novo.

— O quê?

— Vire-se. Dobre o corpo e coloque as mãos sobre a pia. Entendendo o que ele pretendia, Sara obedeceu. Na posição correta, deixou escapar um gemido quando os dedos quentes afastaram-lhe o biquíni mais uma vez. Ouviu o barulho do short de Drew caindo no chão, e o sussurro do pacote de alumínio sendo rasgado. Depois, ele a penetrou por trás. Sara curvou mais o corpo, permitindo-lhe melhor acesso.

Toda a gratificação adiada nos 45 minutos de preliminares foi exercitada com pura paixão, todo o desejo contido foi cristalizado numa necessidade intensa e liberado de forma.

Sara teve de morder o lábio para não gritar o nome dele quando mais um clímax a abalou.

Drew atingiu o orgasmo com um gemido primitivo, e ela comprimiu os músculos dentre as pernas, querendo lhe dar o máximo de prazer possível.

Quando finalmente se separaram, Drew estava ofegante e suado.

— Isso foi incrível — murmurou Sara virando-se querendo abraçá-lo, mas se contentando em inclinar-se para beijá-lo.

O beijo foi longo e profundo, um final perfeito para um momento perfeito.

— Preciso checar a pintura — disse ele.

Após alguns retoques, consultaram o relógio e descobriram que tinham cinco minutos.

— Perfeito. — Drew a fitou. — Tem certeza de que pode lidar com isso?

Ela assentiu. Com toda aquela pintura, não se sentia tão nua. E Drew estaria com ela. Com Drew ao seu lado Sara podia fazer qualquer coisa.

— ONDE VOCÊS dois estavam? — perguntou um dos membros da equipe Santa Monica quando Drew e Sara se juntaram aos concorrentes.

— Tive de ir ao toalete — replicou Sara.

— Ela não está usando a parte de cima do biquíni — apontou um outro membro da equipe.

Sara enrubesceu, mas manteve a compostura.

— É claro que estou. Não seja ridículo.

— Pessoal, hora de começar o julgamento — o apresentador os interrompeu. — Assumam seus lugares.

Um reggae soou dos alto-falantes e os espectadores aplaudiram enquanto um dos atores de *Pecado na praia* acompanhado do representante do protetor solar e do dono de uma clínica de bronzeamento, observava a fila de competidores.

Enquanto os juízes tomavam notas e confabulavam entre si, Drew analisou as pinturas. A equipe Santa Monica tinha o tema de uma garota grafite, com a mulher do grupo literalmente coberta com palavras escritas com tintas coloridas. Ela dançava e soprava beijos para a multidão enquanto esperava pela aprovação dos juízes.

Um outro grupo havia pintado uma mulher de sereia, completa com um sutiã em forma de concha e um sarotigue verde para a cauda. Eles ganhariam pontos por criatividade, pensou ele, mas não tinham usado muito do produto.

Uma outra mulher estava pintada com bolinhas coloridas. O efeito era pobre e pouco criativo.

— Talvez a coisa do topless seja mais óbvia do que pensávamos — sussurrou Sara no seu ouvido.

— Não importa. Os juízes irão adorar. Afinal, você não está realmente nua. Apenas a *idéia* é excitante.

Os juízes se aproximaram de Sara e o ator baixou os óculos para lhe dar uma boa olhada.

— Você está praticamente nua sob essa tinta, não está? — perguntou ele.

— Somente para provar que este produto protege até as partes mais sensíveis — replicou Sara com um sorriso.

O representante do protetor solar pareceu gostar da idéia. Sorriu e escreveu alguma coisa em sua prancheta.

— Você fez a pintura? — O dono do salão de bronzamento perguntou a Drew.

— Sim. Quis fazer Vênus se erguendo das ondas.

— Interessante.

Os juízes foram ver outros grupos.

— Espero que isso acabe logo — disse Sara. — minha pele está começando a cocar.

— Sai na água. Podemos ir nadar depois que ganharmos o troféu.

— Você está muito confiante de que vamos ganhar não é?

— Minha arte é criativa e usamos muito do produto o que conta na classificação. Além disso, você é a mulher mais linda daqui, e com três juízes homens...

— Muito bem, pessoal, parece que temos um vencedor. — O apresentador silenciou a multidão. — Primeiro, vamos chamar os três finalistas. Casais número seis nove e dois, aproximem-se, por favor.

— Somos nós! — Sara bateu palmas, e ela e Drew se juntaram à sereia e à garota grafite ao lado dos juízes.

— Os juízes votaram, mas o público vai participar — continuou o apresentador. — Vamos ver se vocês concordam com os juízes. Sinalizem para sua favorita quando eu apontar. Primeiro temos, da equipe número nove, Beach Bums, uma sereia de Malibu.

Assobios e aplausos cumprimentaram a sereia, que sorriu e acenou para os fãs.

— A seguir, equipe número dois, Santa Monica Marvels, a garota grafite.

A mulher em questão deu alguns passos de dança e sorriu.

— Finalmente, da equipe número seis, Java Mamas temos a travessa Vênus. Olhem bem, amigos, e digam o que *não* está aí. — O comentário fez Sara enrubescer e aumentou a resposta entusiasta da multidão.

O apresentador sorriu.

— Parece que o público concorda com nossos juízes.

Senhoras e senhores, por quinhentos pontos e este adorável troféu, a vencedora é nossa travessa Vênus!

Drew gritou e puxou Sara para seus braços, cuidando para não estragar a pintura. Eles aceitaram o troféu e o cupom de pontos e, depois, posaram para diversas fotos.

Em seguida, foram para a parte mais vazia da praia.

— Entre no mar que estou indo em seguida — disse Drew. Enquanto Sara se abaixava na água, Drew pegou o biquíni da bolsa dela e a alcançou. — Obrigada. — Sara estendeu a mão para pegar o biquíni.

— Ainda não. — Ele lhe tirou a peça do alcance. — Acho que você ainda não tirou todo o protetor. — Aproximando-se, esfregou as manchas ao redor dos seios. Então, puxou-a para si, excitado com a perspectiva de fazer amor no oceano novamente.

— É Gus ali?

A menção de seu avô o fez parar imediatamente.

— Onde?

— Naquela prancha. — Sara apontou.

Drew olhou para a figura familiar de cabelos brancos e short vermelho.

— Gus! — gritou, mas as ondas engoliram sua voz. O medo fez seu estômago se revolver.

— Ele não deveria estar surfando. E se tiver um outro infarto?

— Dará tudo certo. — Sara lhe segurou o braço. — Ele parece bem.

— Gus me prometeu que não faria isso. — Drew se virou em direção à praia. — Vou falar com ele acrescentou e colocou o sutiã do biquíni na mão dela.

— Quer que eu vá com você? Ele meneou a cabeça.

— Preciso falar com ele sozinho. — Desta vez, faria seu avô entender a importância de não correr riscos.

— Verei você na festa esta noite? — perguntou Sara

— Se vovô estiver bem, sim. Caso contrário, eu ligo telefone.

Sara aproximou-se e deu-lhe um beijo no rosto.

— Vai dar tudo certo, Drew.

— Espero que sim — murmurou ele, rezando para que Sara estivesse certa.

CAPÍTULO DEZ

No momento em que Drew alcançou o avô, Gus estava rodeado por diversos jovens admiradores, respondendo a perguntas e sorrindo amplamente. Mas Drew pôde ver que o avô estava ofegante e um pouco pálido sob a pele bronzeada. No mínimo, devia estar exausto pelo esforço de surfar. Ele segurou o braço de Gus. — Desculpem, pessoal, preciso levar este sujeito de volta para casa.

Houve diversos murmúrios de desapontamento.

Drew pôs a prancha embaixo do braço e impulsionou Gus. Assim que se afastaram um pouco, soltou-lhe o braço.

— Por que você fez isso? Está com inveja? — *Enlouqueceu?* — Drew virou-se para olhá-lo. — O que pensa que estava fazendo no mar?

— Mostrando alguns movimentos para o pessoal da filmagem. Eles passaram a semana inteira me pedindo uma demonstração.

— O que você não podia fazer. Quer arriscar outro infarto? Gus dispensou a idéia com um aceno de cabeça.

— Eu poderia pegar ondas pequenas assim até dormindo.

— Então por que está sem fôlego?

— Você está imaginando coisas. Estou ótimo. Drew parou e encarou o avô.

— Eu quase tive um ataque quando o vi lá! Prometa-me que não vai mais correr riscos.

Gus desviou o olhar.

— Surfo desde que tinha 15 anos. Sempre disse que faria isso até morrer.

Drew sentiu um nó na garganta.

— Quero que este dia seja num futuro distante.

— Já prometi aos organizadores do festival que darei uma demonstração antes da competição de sábado.

— E quanto ao que prometeu a mim? Disse que, se eu participasse do festival, você iria se comportar e diminuir o ritmo.

Gus finalmente o olhou, a expressão surpreendentemente carinhosa.

— Você se preocupa demais. Nada vai me acontecer. Sinto-me ótimo.

— Sente-se ótimo agora. Mas não pode fingir que os ataques cardíacos não aconteceram.

— Sua preocupação não muda o passado ou o futuro — disse Gus. — A vida é como o surfe... A chave é o equilíbrio. Se você se inclinar muito para um dos lados vai cair.

Drew suspirou. Detestava quando Gus bancava o filósofo.

— O que isso significa?

— Significa que, se eu tiver de passar o resto da vida sem fazer o que amo, estarei me inclinando em direção à segurança e vou sofrer muito. — Ele deu um tapinha no braço do neto. — Preciso viver. Posso não fazer as coisas do seu jeito, mas sei que você me ama de qualquer forma. _ Sorrindo, tirou a prancha de Drew e seguiu para a *Surf Shack*.

Drew o olhou, os punhos cerrados de frustração. Amava muito o avô. Não queria interferir na sua vida, mas a idéia de que poderia perdê-lo era quase demais para suportar. Por que Gus tinha de ser tão teimoso?

SARA VIU as luzes e ouviu a música do festival antes de chegar ao lugar. Uma das pontas da praia tinha sido transformada num lugar de festa, com bares, pista de dança, jogos e competições para ganhar pontos. Ela e Drew deveriam se inscrever para alguma coisa... Uma dança erótica, quem sabe?

Sorriu com a idéia de esfregar o corpo contra o dele, num ritmo sensual. Estava usando um vestido curto e sexy que comprara perto da *Surf Shack*. Era provocativo o bastante para uma dança erótica.

Percebendo que encontrar Drew na areia seria um desafio, colocou-se na ponta dos pés para ver sobre as centenas de cabeças. Então, seu celular tocou. Imaginando que pudesse ser Drew ligando para cancelar, atendeu imediatamente.

— Sara! Você precisa voltar para casa neste instante. — A voz de tio Spence soou alta e clara.

— O que aconteceu? — perguntou ela alarmada.

— Os negócios estão desmoronando sem você aqui — disse ele. — Clientes estão ligando e não estou dando conta de fazer tudo sozinho. — A voz começou a soar frenética.

— Acalme-se — murmurou Sara. — Do que precisa especificamente? Posso ajudá-lo pelo telefone.

— O que preciso é de você aqui. Já não aproveitou praia o bastante?

— Estou aqui há quatro dias apenas. — Os quatro dias mais maravilhosos de sua vida. E tinha mais dois antes de partir. Pretendia aproveitar cada segundo.

— Quatro dias é muito tempo no mundo dos negócios. — Houve um suspiro exasperado. — Preciso de você aqui para falar com essas pessoas.

— Que pessoas?

— Nossos clientes ricos. Eles querem muito mimo K espero que você lhes dê isso.

— Se não quer falar com eles, adie — disse ela. — Voltarei na próxima semana. Daí, resolvo tudo.

— Se nós os aborrecermos, eles podem procurar outra firma.

— Não acho que farão isso, tio. Seja gentil e os assegure de que tudo será resolvido em breve.

— Volte para casa — falou seu tio em tom autoritário — Preciso de você.

Sara viu Drew se aproximando, numa camisa havaiana e calça larga. O coração disparou imediatamente.

— Falamos sobre isso depois, tio Spence. Tenho de ir agora. — Ela jogou o telefone dentro da bolsa, determinada a ignorar se tocasse de novo.

— Aí está você. — Drew sorriu e se inclinou para beijá-la. O aroma de xampu de ervas era delicioso. Sara enterrou o nariz no pescoço dele e aspirou, instantaneamente lembrando-se da última noite nos braços dele.

Ele afastou-se e a olhou de cima a baixo.

— Bonito vestido. Faz com que eu queira tirá-lo.

Sara riu.

— Devemos ficar na festa pelo menos por um tempo.

— Tem razão. — Drew olhou ao redor. — E eu tomaria um drinque.

— Boa idéia. — No bar mais próximo, eles pediram margueritas. Enquanto esperavam pelos drinques, Sara perguntou:

— Como está Gus?

— Fisicamente bem. Por enquanto. Mentalmente, com certeza está desequilibrado.

— O que houve esta tarde?

— Ele estava se exibindo para o pessoal da tevê. — Drew meneou a cabeça. — Gus ainda gosta de impressionar as mulheres.

Sara pegou o drinque que ele lhe entregou.

— Gus tem certo charme. É de família.

— Aparentemente, bom-senso não é de família. Ele está determinado a surfar sábado de novo antes da competição. O pessoal do festival o convidou para uma demonstração.

— Vai dar tudo certo. Seu avô não faria isso se não estivesse se sentindo bem.

Drew meneou a cabeça.

— Vovô é muito teimoso. Mas não vim aqui para falarmos sobre ele. Vamos nos divertir.

Eles começaram a andar, espremendo-se entre grupos de dançarinos, passando por um bufê completo de esculturas de gelo e elaborados arranjos de frutas. Um homem tentava recrutar pessoas para um jogo de cultura inútil, enquanto um outro queria completar o concurso de dança.

— O que é isso? — perguntou Drew. — Mais concursos?

— Tudo com a finalidade de acumular pontos para a competição.

— Sua equipe deve estar bem depois desta tarde — disse ele.

— Acho que sim — concordou Sara. — Mas a equipe Santa Monica está muito perto de nós.

Drew terminou o drinque e jogou o copo de plástico no lixo mais próximo.

— Então vamos ganhar mais pontos. Cultura inútil ou dança?

Sara jogou fora o copo vazio.

— Nunca fui boa em jogo de cultura inútil, então acho que resta a dança.

Drew pegou-lhe a mão.

— Vamos.

Quando se aproximaram da mesa de inscrição perto da pista de dança, Sara reconheceu o profeta Magellan.

— Magellan?

— O próprio. — Magellan fez uma reverência.

— Viemos nos inscrever para o concurso de dança — disse Drew.

— É claro, eu sabia disso. — Ele entregou-lhes um formulário. Observou enquanto Sara preenchia as informações e passava o papel para Drew. — Escolha interessante.

Sara o olhou.

— O concurso de dança?

O sorriso dele foi enigmático.

— Isso e outras coisas. A vida nos oferece opções. Devemos escolher com sabedoria.



Drew pôs o formulário sobre a mesa e pegou o braço de Sara.

— Vamos.

Ela o seguiu para o canto da pista de dança, o mais longe possível de Magellan.

— Aquele sujeito me dá arrepios... — murmurou

Drew. Sara riu.

— É tudo representação.

— Ele foi à loja esta manhã. Começou a fazer perguntas pessoais. Como se minha vida fosse de sua conta.

O desconforto de Drew a divertiu.

— Vamos dançar. Aquecer para o concurso.

Ela o puxou para o meio da pista, onde diversos casais estavam dançando. Então, a música parou e a voz de um homem soou dos alto-falantes:

— Os dançarinos estão prontos para enlouquecer? A multidão gritou e a música recomeçou.

— Vamos lá! A dança erótica do *Pecado na praia*! Drew olhou para Sara.

— Este é um concurso de dança erótica?

— Suponho que sim.

Ela olhou para os outros casais, que já estavam se esfregando de uma maneira bastante sexual.

— Você sabe como fazer isso? Sara fez que não com a cabeça.

— Mas imagino que seja uma questão de deixar acontecer naturalmente.

Drew estudou o casal ao lado. A mulher estava pressionada contra o sexo do homem, enquanto ele massageava-lhe os seios.

— Isso é como fazer sexo em público.

— Porém com roupas. — A idéia a excitava. Em poucos dias, teria de retornar à sua vida comum e tediosa. Agora, queria liberar a mulher e desinibida. Pousou as mãos sobre os ombros largos e o fitou enquanto esfregava os seios contra o peito dele, dizendo-lhe com os olhos exatamente o que queria.

A expressão de Drew era ardente quando posicionou a coxa entre as pernas dela, tocando-lhe o sexo com o joelho. O vestido de contas subiu, revelando uma parte da pele nua. Drew segurou as nádegas arredondadas e apertou-as, causando uma onda de desejo pelo corpo de Sara.

Eles se moveram com sensualidade ao ritmo da música, enquanto se tocavam e se olhavam com desejo verdadeiro. O fato de não estarem sozinhos ali, e de não poderem ir mais longe do que aquilo, de alguma maneira dava mais excitação ao momento.

A música mudou de ritmo e Drew a girou, de modo que Sara ficasse de costas para ele. Ela podia sentir a ereção poderosa pressionada contra si, o calor que penetrava pelo tecido de seu vestido. Balançou o traseiro no ritmo hipnótico da música e cobriu os seios com as mãos, tentando aliviar a dor do desejo reprimido. Então viu um homem ao lado, observando-a. Devia ser o juiz, Estaria gostando dos movimentos?

As mãos de Drew cobriram as suas. — permita-me — disse ele inclinando-se para sussurrar no ouvido dela. Então, acariciou-lhe os seios, os mamilos eretos sob o tecido. Sara engoliu em seco, esforçando-se para manter a expressão serena no rosto. Fazer aquilo em público era insano.

E excitante ao mesmo tempo. Erótico e anti-convencional. Todas as coisas que queria ser.

Drew pegou-a pelos braços e a virou para si.

— Se continuarmos com isso, não vou conseguir me conter — sussurrou no ouvido dela. — No minuto em que ficarmos sozinhos, vou tirar esse vestidinho e possuí-la-

— Sim. — Foi mais um gemido do que uma palavra.

Eles tinham praticamente parado de dançar agora, os corpos colados, cada terminação nervosa alerta ao próximo movimento, ao próximo roçar de mãos.

Sara estava tão focada no momento que emitia um gritinho quando alguém tocou em seu ombro. Um homem com uma prancheta estava ao seu lado.

— Vocês podem ir agora — falou ele. — Já escolhemos os nossos finalistas.

— Quer dizer que nem ficamos entre os finalistas? — perguntou ela. Obviamente, paixão verdadeira não estava nos critérios de julgamento. Ela e Drew tinham gerado eletricidade o bastante para iluminar uma cidade.

— Lamento, mas não. — O homem olhou para a prancheta. — Obrigado pela participação.

Sara começou a argumentar, mas Drew pegou-lhe o braço e a afastou dali.

— Como não chegamos nem aos finalistas? Achei que estávamos indo bem.

— Também achei — concordou Drew. — Mas estávamos fazendo amor. Os que venceram estavam apenas dançando.

— Oh!

— Vamos sair daqui. — Ele passou o braço ao redor de Sara e conduziu-a para fora da pista de dança.

A parte da praia não dedicada à festa estava escura e deserta. Drew parou e a puxou para um beijo arrasador. Sara correspondeu com fervor, pressionando-se mais contra o corpo forte num apelo silencioso.

Quando finalmente se separaram, ela estava zonzinha e sem fôlego.

— Vamos para minha casa — murmurou Drew. — Agora.

— Sim.

Eles praticamente correram para o carro dele. No curto trajeto, Sara olhou pela janela, deixando o ar úmido da noite acariciar seu rosto, imaginando como seria a sensação em sua pele nua. Nunca tinha se sentido tão sensual tão *feminina*. Cada farol parecia mais brilhante, cada buzina mais alta, amplificados por um filtro de desejo.

Na casa de Drew, eles correram para o quarto e fecharam a porta. Então, ele a pressionou contra a parede e beijou-a de modo sedento e exigente.

Sara respondeu com o mesmo ardor, deslizando as mãos por baixo da camisa dele e enterrando as unhas nas costas largas. Era uma mulher insaciável e Drew respondeu do seu peculiar jeito primitivo.

Com um único movimento, rasgou-lhe a calcinha e jogou-a do outro lado do quarto, então ergueu o vestido acima dos quadris. Em seguida, usou uma das mãos para abrir e descer a própria calça, convidando-a a acariciar-lhe o sexo. Ela fez isso, deleitando-se de prazer.

Em segundos, estavam se amando na cama. Sara gemeu no momento em que ele a preencheu completamente.

— Olhe para mim — disse Drew.

Ela olhou, emocionada pelo desejo franco que leu nos olhos dele.

— Quero vê-la quando atingir o orgasmo, Sara. E quero que você me veja.

Ela assentiu, e eles continuaram se amando, estabelecendo um ritmo louco e quase desesperado. Cada movimento era um pouco mais rápido que o anterior, um pouco mais forte, enquanto o polegar de Drew sobre o clitóris de Sara imitava o ritmo das investidas. A combinação roubou qualquer possibilidade de fala ou de raciocínio.

Sara manteve os olhos abertos, observando-o controlar a própria vontade a favor do prazer dela. O carinho daquele gesto a levou a um clímax ainda mais espetacular, enquanto lágrimas de alegria escorriam por seu rosto.

— Eu sei — murmurou ele, secando-lhe as lágrimas. — Eu sei. — Então, seguiu-a com sua própria vontade, o rosto se contorcendo numa expressão de força e vulnerabilidade.

Como um só ser, eles rolaram de lado, mantendo a conexão por um tempo, apenas sentindo o elo profundo que os envolvia, um elo que era muito mais do que físico. Quando Drew finalmente saiu de dentro dela para remover o preservativo, Sara lhe acariciou as costas. Nunca se sentira tão íntima de alguém antes. Adorava como Drew a aceitava em

qualquer humor, independentemente de estar resolvendo problemas de tio Spence caindo da prancha de surfe ou brincando de mulher na pista de dança. Podia ser ela mesma com Drew, uma idéia que era tão excitante quanto fazer amor com ele.

Ele se virou novamente e a abraçou.

— Você não se importa por termos perdido a maior parte da festa?

— Prefiro estar com você a qualquer festa.

— Eu gostaria que tivéssemos passado mais tempo juntos enquanto você esteve aqui.

— Fizemos o possível, considerando que ambos temos negócios para cuidar. — Ela lhe alisou o peito. — Além disso, se tivéssemos passado mais tempo juntos, talvez eu não conseguisse andar.

Drew riu e a puxou para mais perto.

— Você tem sido uma boa influência para mim.

— Tenho?

— Acho que vou contratar alguém para cuidar da contabilidade da *Surf Shack*.

— Isso seria bom — murmurou Sara. — Você teria mais tempo para surfar.

— E para outras coisas. — Ele acariciou-lhe o braço, — Na manhã em que nos conhecemos, senti como se minha vida estivesse parada. O tempo estava passando, mas eu não estava indo a nenhum lugar.

Sara recordou-se das palavras de Magellan.

— Você tinha um vazio na sua vida que estava tentando preencher.

Drew assentiu.

— Sei agora o que eu estava procurando e acho que encontrei isso em você.

Um nó se formou na garganta de Sara, impedindo-a de falar. Em vez disso, beijou-o. Quando os lábios deles finalmente se separaram, ele pediu:

— Passe a noite comigo de novo.

— Sim — respondeu ela sem hesitar. Estava apaixonada por Drew, admitiu para si. A idéia emocionava e apavorava ao mesmo tempo. Ainda era muito cedo para fazer a declaração, mas tinha certeza de que ele se sentia da mesma maneira, Drew demonstrava isso com cada ato, mesmo não tendo dito as palavras ainda.

Ela adormeceu com esse pensamento feliz e acordou horas depois com as notas de "Bolero".

— É seu telefone? — murmurou Drew com voz sonolenta.

— Sim. — Ela se sentou e tentou sair de baixo das cobertas.

Drew pôs o braço ao seu redor e a puxou para baixo.

— Não atenda.

Ela olhou para a mesa perto da porta, onde tinha deixado a bolsa na noite anterior. Podia quase sentir a bolsa vibrando com cada toque insistente.

— Preciso atender — disse. — É muito cedo. Alguma coisa pode ter acontecido.

Ele a liberou então. Sara afastou as cobertas e se apressou para pegar o celular. — Alô.

— Sara! Acabei de receber um telefonema de Diego Martin. Ele quer fechar o negócio da propriedade Cummings na próxima semana, em vez de no fim do mês. Ele está planejando uma viagem ou algo assim.

Ela piscou e tentou lembrar de que cliente seu tio estava falando... Não era uma tarefa fácil, considerando que eram 6h30 e ainda estava sentada no chão, nua, enquanto Drew a observava da cama.

— Ele ligou a esta hora para falar sobre isso?

— Sim. Você pode mudar a data do fechamento?

— Diga-lhe que o fechamento está programado para o fim do mês e que não pode ser antecipado.

— Mas se ele não fechar o negócio agora o banco vai aumentar a taxa de juros. Certamente você pode apressar as coisas. Se vier para casa...

— Tio Spence, estou de férias.—Ela olhou para Drew. Ele estava sentado na cama, as cobertas até a cintura.

— A conta do sr. Martin é uma parte significativa de nosso negócio. Não é algo que você possa negligenciar.

— Não estou negligenciando — respondeu ela, magoada. Então, olhou para Drew, que estava meneando a cabeça. — Vou ligar para o sr. Martin agora e veremos o que pode ser feito. No mínimo, ele pode esperar até que eu volte de viagem.

— Mas...

— Prometo cuidar disso, tio Spence. — Sara desligou antes que ele pudesse protestar mais e se levantou. — Preciso ir — falou para Drew, enquanto procurava as roupas. — Desculpe...

— Se você continuar correndo cada vez que ele liga, nunca terá paz.

— É meu trabalho cuidar dessas coisas. — Ela localizou a calcinha rasgada, então, jogou-a de lado e colocou o vestido.

— Você está de férias. Seu tio não pode lidar com isso só uma vez?

— Ele espera que eu lide. — Acabando de se vestir Sara o olhou. — Você não daria as costas para Gus, daria?

— Gus nunca seria tão irracional. Pelo menos ele me deixa ter uma vida.



— Tenho uma vida — retrucou ela. — Uma vida boa.

— Mas, mesmo enquanto dizia as palavras, percebia a contradição com seus sentimentos durante a última semana. Tinha uma vida produtiva. Uma vida de responsabilidades e obrigações.

Mas era uma vida *boa*! Onde havia espaço para sonhos, tranquilidade... e amor?

— Você poderia ter uma vida melhor se o enfrentasse e parasse de mimá-lo — disse Drew.

Era isso que ele pensara sobre ela o tempo todo? Que era uma tola que deixava o tio conduzir sua vida?

— Eu lhe disse o quanto amo tio Spence. Pensei que tivesse entendido.

— Você não deve mais nada a ele.

A dor a percorreu quando o fitou. Aquele era o mesmo homem carinhoso que a amara na noite anterior?

— O que está errado com você? — perguntou Sara.

— Deveria compreender, melhor que ninguém, como é ter responsabilidades, obrigações familiares.

— Mas estou disposto a mudar isso, a diminuir o ritmo para passar mais tempo com você. Disse-lhe que vou contratar alguém para que possamos passar mais tempo juntos.

— Eu nunca lhe pedi que mudasse por mim.

— Então mude por você mesma.

— Pensei que entendesse que você e tio Spence são *ambos* importantes para mim. — Ela não podia acreditar que aquilo estava acontecendo. Não agora, quando tudo parecia tão perfeito. — Tenho orgulho do meu emprego *Gosto* do meu trabalho. Não é justo que você me peça para desistir disso.

— Não ponha palavras na minha boca. — Drew se levantou. — Não estou lhe pedindo que desista de seu emprego. Só estou lhe pedindo que encontre algum equilíbrio.

— Estou tentando encontrar equilíbrio — replicou ela, irritada. Como pudera se enganar tanto a respeito de Drew?

— Sua vida está desequilibrada. — Ele se aproximou um pouco. — Preciso saber que você estará do meu lado e está deixando claro que não pode estar.

O que tinha a ver o fato de ela ajudar tio Spence e não estar ao lado de Drew? Aquilo estava saindo de controle.

— Não posso conversar sobre isso agora — disse Sara, pegou a bolsa e virou-se. — Tenho de ir.

— Vá então. Volte para Los Angeles que não dou a mínima.

Voltar para Los Angeles? Sara o olhou, boquiaberta. Era isso então? Todas as emoções entre os dois não significavam nada se Drew não conseguisse as coisas de seu jeito? Fechando a boca, Sara correu para a escada.

Parou à porta, esperando que ele aparecesse, que a chamasse de volta. Mas o silêncio foi como uma parede de gelo entre eles. De cabeça baixa para conter as lágrimas ela partiu. Foi uma longa caminhada para o chalé da praia, mas talvez fosse isso que precisava... Colocar alguma distância entre ela e o homem que arruinara sua vida... E lhe roubara o coração.

CAPÍTULO ONZE

— ENTÃO ela partiu?

Drew estava sentado à mesa da cozinha, a cabeça apoiada nas mãos, tentando encontrar energia para se levantar e pegar uma outra xícara de café quando Gus entrou.

Drew levantou a cabeça e olhou para o avô.

— Do que você está falando?

— Acha que não ouvi a discussão de vocês? — Gus se serviu de café e sentou-se diante do neto. — Pensei que estivesse louco por Sara. Por que a deixou partir?

— Eu não a deixei partir. Ela escolheu partir. — O conhecimento ainda doía. Sara preferira correr para ajudar o tio a ficar com ele.

— Você foi tolo de qualquer maneira. Quer conversar sobre isso?

— Não. — Então, Drew acrescentou: — Ela partiu para ir trabalhar. Alguma crise com o tio. — Sara não dissera que voltaria para Los Angeles, mas não refutara quando ele sugerira isso.

Tinha sido estupidez discutir por causa de um telefonema. Mas não era um simples telefonema. Era Sara sempre pondo o tio em primeiro lugar.

— A empresa é do homem, mas ele não pode fazer nada sem Sara lá para lhe segurar a mão — continuou Drew. — Ela o está deixando arruinar sua vida, mas não consegue ver isso.

— E você não pode fazê-la ver. — Gus meneou a cabeça. — As pessoas têm de viver a própria vida, Drew. Cometer seus erros. Você não pode ser responsável por elas o tempo todo.

— Não consigo evitar. Sou do tipo responsável.

— Talvez Sara também seja.

Drew suspirou. Não era preciso ser um gênio para ver que ele e Sara eram parecidos. Talvez ela tivesse de ajudar Spence da mesma maneira que ele precisava se preocupar com Gus. Admirava a lealdade dela ao tio, mas sabia que sempre seria assim... Tio Spence os interrompendo para sempre, Sara sempre correndo para atendê-lo.

— Se ela vai voltar ao trabalho, suponho que não vai participar do torneio de surfe amanhã — murmurou Gus.

Ele tinha se esquecido da competição.

— Suponho que não. — Olhou para o avô. — Você ainda está planejando dar aquela demonstração?

— É claro. — Gus se levantou. — As pessoas querem ver o tri-campeão mundial surfando.

— Eu preferiria que não fizesse isso, vovô. É muito arriscado.

— A vida é arriscada, filho. — Gus inclinou-se em direção a ele, as mãos sobre a mesa. — Sei que você não gosta de ouvir isso, mas eu prefiro morrer numa prancha de surfe, fazendo o que amo, a ficar sentado numa cadeira assistindo às outras pessoas viverem.

Parte de Drew podia entender aquilo... Porém, outra parte não podia aceitar a decisão de seu avô. Se alguém que amasse estava prestes a cometer um grande erro, o mínimo que podia fazer era tentar impedir.

Drew fechou os olhos e a imagem de Sara lhe veio à mente. Ainda podia sentir a pele macia na sua, o aroma de laranja e baunilha no ar. Ela era a melhor coisa que já tinha lhe acontecido, e agora se fora.

Gus podia considerá-lo um tolo por deixá-la partir, mas Drew não via como poderia prender alguém que não queria ficar.

No MOMENTO em que Sara chegou ao chalé, seus cabelos estavam embaraçados pelo vento, os sapatos cheios de areia e a cabeça começava a doer. É claro que tio Spence ligou enquanto ela subia os degraus, perguntando por que ainda não telefonara para o sr. Martin. Sara o assegurou de que faria isso e desligou.

Ficou surpresa ao encontrar Candy no sofá-cama da sala com um homem enterrado embaixo das cobertas ao seu lado.

— Matt? — sussurrou Sara.

Candy pôs um dedo sobre a boca e meneou a cabeça. Em seguida, se levantou e gesticulou para que fossem à cozinha. Uma vez lá, confessou que ela e Matt tinham terminado, e recontou brevemente o resto de sua noite.

— Vem cá, você pode me emprestar o seu laptop? Candy havia passado a noite na cama com um homem que não era Matt e tudo o que queria era o laptop emprestado? Como podia estar preocupada com trabalho num momento como aquele?

Sara não gostava de emprestar seu laptop, mas Candy parecia desesperada. Além disso, agora que a relação com Drew acabara, poderia voltar a Los Angeles, onde tinha acesso a computadores no escritório.

— Claro, eu o deixarei aqui. — Uma súbita tristeza a assolou. — Olha, tenho de ir...

— Espere. O que aconteceu?

Antes que Sara pudesse pensar numa desculpa qualquer, Ellie entrou na cozinha.

— Olá. O que houve com vocês duas?

Candy contou sua história novamente, explicando a Ellie que não tinha feito nada para precipitar o rompimento. *Depois, prometeu participar do concurso de redação e ganhar mais pontos para elas.*

Mesmo querendo que as amigas ganhassem, Sara sabia que nunca usaria a casa da praia. Se fizesse isso, arriscaria encontrar Drew, e era melhor não vê-lo nunca mais.

Candy começou a preparar algo para curar a ressaca e Sara foi para seu quarto fazer as malas. Agora que se decidira, estava ansiosa para partir o quanto antes. Cada minuto que ficasse na praia iria lembrá-la dos momentos maravilhosos que passara com Drew, e da maneira terrível como tinham se separado.

Abrindo a mala sobre a cama, jogou as roupas ali, então começou a reunir os itens do banheiro. Quando saiu do quarto alguns minutos depois, Ellie gesticulou para a mala em sua mão.

— Aonde você vai?

— Vai se mudar para a casa de Drew? — perguntou Candy.

Sara meneou a cabeça.

— Vou voltar para casa.

— Para casa? — Ellie pareceu alarmada. — Por quê? Aconteceu alguma coisa?

— Preciso cuidar de uma emergência no trabalho.

— Tio Spence conseguiu estragar suas férias — disse Candy.

— Ele estava muito nervoso quando ligou. Acha que sem minha presença lá, a companhia vai entrar em colapso. Preciso ir. — Sara passou por elas, mas Ellie a deteve.

— Querida, você está de férias. Não pode ir embora antes. E quanto a Drew?

— Já nos despedimos. Candy e Ellie trocaram olhares.

— O que aconteceu? — insistiu Candy. — Pensei que vocês dois estivessem se dando bem.

— Nós estávamos. — Sara olhou para o chão, tentando encontrar palavras para descrever algo que ainda não entendia. — Estava tudo ótimo, mas esta manhã, quando tio Spence ligou... Não sei o que aconteceu. Eu disse a Drew que precisava partir para ajudar tio Spence e ele entendeu que eu o estava abandonando, então uma coisa levou a outra... Pensei que Drew compreendesse. Afinal, cuida do avô e dos negócios dele. Mas era quase como se estivesse com *ciúme* de tio Spence.

— Oh, querida! — Ellie se aproximou e tocou-lhe o ombro. — Talvez Drew *estivesse* com ciúme. Talvez tenha pensado que você escolheu Spence a ele.

— Mas isso é ridículo! Amo Spence, mas de um jeito diferente do que amo Drew.

— Então você o ama?" — perguntou Candy. Sara assentiu, lutando contra as lágrimas.

— Foi horrível, Ele falou que provei que não posso estar do lado dele. — Ela endireitou os ombros. — Acho melhor eu ir. Tio Spence está me esperando.

— Não vá — disse Ellie. — Sei que você quer ajudá-lo, mas, às vezes, a melhor forma de ajudar alguém não é correndo ao socorro desta pessoa e fazendo-a perceber que pode se virar sozinha.

Sara e Candy olharam intrigadas para Ellie.

— Eu sei, estou sempre cuidando das pessoas. Mas agora é hora de cuidar de mim. Talvez seja a sua hora de fazer isso também, Sara.

— Sara, você precisa dessas férias mais do que nós — disse Candy. — Se partir agora, vai perder tanta coisa... Não apenas Drew.

— A competição de surfe não é amanhã? — perguntou Ellie.

— Sim. Sei que vocês estavam contando comigo para ganhar mais pontos, mas não sei se posso conseguir sem a ajuda de Drew.

— Você pode — afirmou Candy. — Vá lá e mostre o quanto é boa. Prove a ele que é uma mulher forte que pode fazer as próprias escolhas.

— E realmente precisamos dos pontos — acrescentou Ellie.

Sara olhou para sua mala. Se voltasse para casa agora, tio Spence ficaria grato, e ela evitaria a culpa que já estava sentindo. Por outro lado, iria questionar o que aconteceria se tivesse ficado. Teria ganhado a competição de surfe? Teria decepcionado suas amigas?

Olhou para Candy e Ellie, que a observavam com expressão esperançosa.

— Tudo bem. Vou ficar. Pelo menos até a competição de surfe. Não quero deixá-las na mão.

— Ótimo. — Ellie a abraçou. — E certo surfista bonitão pode estar lá.

— Não sei se quero vê-lo de novo. — Mesmo enquanto dizia as palavras, uma voz interior sussurrava em seu ouvido: *Mentirosa!* Mais do que qualquer coisa, desejava que ainda pudesse estar feliz com Drew. Mas sabia que um desejo unilateral não mudava nada.

Necessitava tanto de Drew quanto de tio Spence em sua vida, mas Drew não podia aceitar isso.

— Eu nunca deveria ter me apaixonado — disse ela. — Quem, hoje em dia, tem tempo para trabalho, família e um homem?

— Não seja tão dura consigo mesma — murmurou Candy. — Às vezes, essas coisas acontecem. Veja meu caso. Eu certamente não pretendia me apaixonar por Matt. Ele é meu chefe... O que poderia ser mais inconveniente?

Inconveniente. Sim. Para a maioria das pessoas, o fato de tio Spence precisar dela numa crise de trabalho seria inconveniente. Para Drew, era impossível.

— Acho que o que sentíamos um pelo outro não poderia sobreviver no mundo real — disse Sara.

Ellie a abraçou de novo.

— Sei que você está magoada, mas fico feliz que vai ficar. Mais tarde conversamos. Agora preciso ir para o local de filmagem.

— E vou tomar um banho antes de trabalhar — anunciou Candy.

— Acho que vou alugar uma prancha de surfe e praticar um pouco. — Sara precisava sair de casa, ficar longe do telefone e dos apelos de tio Spence. Também necessitava se ocupar para parar de pensar sobre a última meia hora com Drew. O que poderia ter feito de diferente? Que outras coisas poderia ter falado? Tais perguntas eram inúteis.

Levou a mala de volta para o quarto e vestiu um biquíni. Havia uma outra loja de surfe perto da praia. Alugaria uma prancha e praticaria os movimentos que Drew lhe ensinara, fazendo o possível para não recordar os bons momentos que tinha passado com ele na água.

Seu celular tocou.

— Olá, tio.

— Sara, já ligou para Martin?

Ela respirou fundo, lembrando-se de sua conversa com Candy e Ellie.

— Não. Preciso que você ligue. Se ele reclamar, diga-lhe que estou de férias. Todos têm direito a férias.

Silêncio. Sara nunca falava com ele daquela maneira. percebeu que o tio estava perplexo.

— Sara — começou ele finalmente —, responsabilidades vêm antes do prazer pessoal.

Ela conteve um suspiro.

— Tio Spence, você me ensinou a ser responsável. Prometi às minhas amigas que eu as ajudaria num grande projeto e não posso decepcioná-las.

— E quanto a Martin?



— Diga-lhe para contatar o banco e pedir uma extensão da taxa de juros, então deseje a ele uma boa viagem e confirme que fecharemos o negócio quando ele voltar.

Sara pensou ter ouvido uma risadinha.

— Você é muito inteligente.

Um profundo alívio a fez relaxar os ombros. Estava determinada a não ceder desta vez, mas ficou aliviada por ele não estar zangado.

— Aprendi com o melhor. Spence hesitou, então acrescentou:

— Você merece essas férias. Sei que trabalha duro Talvez duro demais. Sempre me deu tanta chance para depender de você que acho que me aproveito disso às vezes.

Ela sorriu. Se ele estivesse lá, teria lhe dado um abraço apertado.

— Eu ligo mais tarde para saber como foi tudo.

— Tudo bem, querida. Aproveite o resto das férias.

Sara desligou, emocionada. Tio Spence era tão querido, tão doce! Ajudara-a a recuperar a auto-confiança numa época de sua vida na qual estava perdida.

Quanto a aproveitar o resto das férias, não parecia possível sem Drew. Mas ainda tinha Candy e Ellie para torcer por ela. Iria para a competição do dia seguinte e daria o melhor de si, estando Drew lá ou não.

DREW FORÇOU-SE a ir para o trabalho, dizendo a si mesmo que ocupar-se era a melhor maneira de suportar a dor de perder Sara. Mas, mesmo na *Surf Shack*, foi torturado por emoções. A casa repleta de pranchas e equipamentos de surfe não era apenas um local de trabalho para ele... Era parte da história de sua família.

Tudo na sua família, desde quando jantavam ou comemoravam um feriado, girava em torno da *Surf Shack*.

Houvera momentos em que Drew se sentira a criança mais feliz do mundo por crescer ali, e, em outros, detestara aquilo.

Estudou as fotos na parede ao lado da porta e focou em uma onde posava com sua mãe, seu pai e Gus, todos usando um gorro de Papai Noel.

Não fora completamente honesto com Sara quando lhe dissera que trabalhara num escritório como um meio de se rebelar. Fizera aquilo para chamar a atenção de seus pais. A *Surf Shack* era o orgulho e alegria deles, o foco de suas vidas. Drew acreditara que, mudando de vida, forçaria a família a vê-lo individualmente.

E reconhecessem que ele era mais importante do que um empreendimento.

Então, Gus sofrerá o infarto, e Drew percebera que, embora sua família amasse a *Surf Shack*, amavam-se mais ainda entre si. Seus pais estavam dispostos a desistir do negócio, se isso fosse para o bem de Gus.

Drew desviou os olhos das fotografias e andou para a janela a fim de ver o mar. Quando Sara dissera que ia sair para ajudar tio Spence, ele agira de modo imaturo exigindo que ela largasse tudo para ficar ao seu lado.

Por que só podia enxergar isso quando era tarde demais?

E agora ela havia partido para Los Angeles. Drew suspirou. Precisava de Sara desesperadamente. E fora necessário que ela partisse para fazê-lo entender isso.

SARA SE surpreendeu com o quanto se sentiu melhor uma vez que estava dentro da água. O ritmo das ondas e o esforço de se lembrar de tudo que tinha de fazer para surfar pareceu ter um efeito calmante.

Acabara de completar uma tentativa bem-sucedida de pegar uma onda quando um homem musculoso de pele bronzeada, cabelos louros e uma tatuagem no peito aproximou-se em sua prancha.

— Você foi muito bem naquela onda — disse ele.

— Obrigada. — Ela subiu na prancha novamente.

— Estou aprendendo.

— Posso lhe dar algumas dicas se você quiser. — Ele sorriu e Sara não pôde deixar de notar o olhar focado em seus seios.

— Obrigada, mas não quero tomar seu tempo — murmurou ela, tentando não ser rude.

— Não tem problema. — Ele remou para mais perto.

— Você precisa colocar o pé direito um pouco mais para frente. Isso ajuda manter o equilíbrio.

Certo, então talvez ele entendesse alguma coisa sobre surfe. O conselho fazia sentido.

— Obrigada. Vou tentar.

— E não tenha medo de ser agressiva. Você quer resistir à água, não apenas deixar a onda jogá-la.

Sara assentiu.

— Está bem.

— Meu nome é Garth — apresentou-se ele, dando outro sorriso brilhante.

— Sara.

— Você mora por aqui? Ela meneou a cabeça.



— E você?

— Não, só vim passar o fim de semana, visitar uns amigos. Sou de Santa Monica.

— Eu sou de Los Angeles.

— Então, somos praticamente vizinhos.

Aquela não era a abordagem de aproximação mais original que ela já ouvira, mas Garth parecia um bom sujeito, provavelmente uma companhia divertida. O tipo de homem que *deveria* ter procurado para um romance de férias, em vez de alguém como Drew, que fizera seu coração disparar no momento que o vira.

Infelizmente, agora não estava no humor de flertar com ninguém.

— Foi um prazer conhecê-lo, Garth. E obrigada pela dica, mas agora vou praticar. Estou na competição de surfe de amanhã.

— Verdade? — Ele sorriu. — Eu também. Meus amigos estão tentando acumular pontos para ganhar uma estadia grátis numa casa de praia aqui, e me convenceram a ajudá-los.

Ele tinha dito que era de Santa Monica?

— Então você só está aqui para o torneio de surfe? — perguntou ela.

— Isso mesmo. Eles acham que, para ganhar, têm de colocar alguém que realmente sabe o que está fazendo.

— Certo. — Sara remou, afastando-se. — Vou indo. Até mais.

— Até mais.

Ela mergulhou embaixo da onda seguinte e continuou remando. Santa Monica. Apostava que Garth estava ajudando a equipe dos três maiores concorrentes da Java Mamas.

É claro, nada nas regras dizia que uma equipe não podia acrescentar membros no último minuto. Mas aquilo era trapaça. Durante toda a semana, a equipe Santa Monica vinha provando que faria qualquer coisa para vencer.

Vendo uma onda se aproximar, Sara assumiu a posição, fazendo tudo o que sabia e seguindo também a sugestão de Garth. Podia sentir a onda impulsionando a prancha, erguendo-a, então estendeu os braços para equilíbrio e pensou na idéia de resistir ao impulso da água. Mudando levemente a posição do corpo, conseguiu manobrar a prancha ao longo da onda, o barulho do mar em seus ouvidos, o vento soprando seus cabelos para trás. Sentiu-se mais leve que o ar, livre e poderosa. Queria gritar de alegria, então fez exatamente isso.

Por que não podia ser livre em sua vida diária? Ela surfou a onda, então mergulhou na água e boiou por um longo tempo, usando a prancha como uma jangada. Olhou para o céu e pensou em tio Spence. Passara tantos anos aceitando tudo para provar que era digna da chance que ele lhe dera e, no final, nenhum dos dois tinha ficado muito feliz com os

resultados. Sara se sentia sobrecarregada pelas exigências do tio e Spence parecia tão estressado quanto ela.

E tinha a coragem de dizer que a equipe Santa Monica estava trapaceando. Todos aqueles anos, ela trapaceara a si mesma e ao tio. Enganara-se negando-se a vida completa que deveria estar levando.

Ainda estava zangada pela maneira que Drew a tratara no momento da discussão, mas podia admitir agora que ele tinha razão quando argumentara que ela mimava muito tio Spence. Sua vida *estava* desequilibrada. Assim como a vida de Spence.

Então, o que ia fazer a respeito disso? Até agora, deixara as coisas acontecerem em vez de fazê-las acontecer.

Uma onda de excitação a percorreu quando começou a remar para a praia. Tinha tentado muitas coisas novas naquela semana: surfe, dança erótica, pintura corporal. Hora de usar aquele espírito aventureiro da praia em sua vida real. Hora de parar de ser levada pela correnteza e de se tornar mais dinâmica.

CAPÍTULO DOZE

DREW pensou em ficar longe da praia no sábado de manhã. Podia usar a desculpa de que precisava cuidar da loja, mas a verdade era que não tinha coragem de ver seu avô arriscando a saúde, ou de ficar procurando Sara entre a multidão. Sim, ela dissera que partiria, mas talvez ainda estivesse lá. Parecera séria sobre querer ganhar pontos para sua equipe e se esforçara para melhorar a técnica. Jogaria mesmo tudo fora para lidar com um assunto de trabalho?

No fim, Drew não conseguiu ficar longe. Deixou Cooter atrás do balcão, juntou-se à multidão na arquibancada que fora montada na praia e andou para a área onde ficavam os fiscais da competição. Quando um homem forte de cabelos curtos tentou impedi-lo, Drew bateu-lhe no ombro.

— Moose, sou eu, Drew. Gus já fez alguma coisa?

Morris "Moose" Gibson, um assíduo na cena do surfe local, meneou a cabeça.

— Ainda não. Mas eleja está na água, então suponho que logo vai começar.

Drew sombreou os olhos com uma das mãos e olhou para as ondas. O vento tinha aumentado, o mar estava um pouco agitado. Diversos surfistas com pranchas boiavam na água, mas daquela distância ele não podia dizer qual era seu avô.

— Pessoal, antes de nossa competição de surfe *Pecado na praia*, temos algo especial para vocês. — O apresentador interrompeu a música e silenciou a multidão temporariamente. — Gus Jamison, tri-campeão mundial em surfe, concordou em sair de

sua aposentadoria para nos mostrar alguns de seus movimentos vencedores. Então, uma salva de palmas para o vovô Gus!

A multidão aplaudiu entusiasmada enquanto uma música de abertura preenchia o ar. O estômago de Drew se contraiu quando avistou um surfista solitário remando em direção às ondas. Gus usava um calção laranja brilhante e estava com sua prancha favorita, azul e branca.

— Ele parece bem lá — comentou Moose. — Muito forte para 70 anos.

Drew assentiu e tentou relaxar, mas sentia frio apesar do suor que lhe escorria pelas costas.

Gus esperou por um conjunto de ondas, então por outro. A multidão gritava irrequieta.

— Ele está esperando pela melhor onda para demonstrar — disse Drew.

— Lá vem uma agora — falou Moose.

Uma onda maior do que as anteriores estava vindo a distância. Drew observou quando Gus posicionou-se à frente da onda e foi erguido por ela com perfeição. Então, ficou em pé, joelhos dobrados, mãos nos quadris, e surfou lindamente, fazendo diversos movimentos em ziguezague, a prancha afundando e mergulhando. A multidão torceu animada, e Drew percebeu que estava gritando com eles. Por mais que temesse pelo avô, reconhecia o momento de alegria, também. Surfar era pane de Gus... Assim como o bigode e a costeleta. Talvez não fosse justo lhe pedir que desistisse de uma parte essencial de si mesmo.

— Vá, Gus! — gritou ele, batendo palmas.

Gus surfou a onda até o raso e desceu da prancha com a habilidade e o estilo que o haviam ajudado a tornar-se campeão no passado. Enquanto a platéia continuava aplaudindo, Drew correu para encontrá-lo.

Os dois homens se abraçaram dentro do mar, a água batendo na altura de suas coxas. Gus estava ofegante, mas a cor do rosto estava boa e irradiava felicidade.

— Ainda posso surfar ou não?

— Você ainda pode surfar, vovô — disse Drew. — Ainda é o melhor.

Gus assentiu satisfeito e se abaixou para desatar o velcro do tornozelo.

Drew se adiantou e fez isso para o avô. Em seguida, pegou a prancha e colocou-a embaixo do braço.

— Gus, podemos tirar uma foto? — Uma dúzia de repórteres chamou da beira da água.

— Claro. — Gus passou o braço ao redor de Drew. — Tirem uma foto de mim com o meu neto. Ele é surfista, também.

Diversas fotos foram tiradas, então eles se dirigiram à bancada dos juízes, de onde Gus assistiria a competição. Alguém lhe deu uma garrafa de água e uma outra pessoa colocou uma toalha sobre seus ombros.

Garotas pediram autógrafos e fotos ao seu lado. Gus sorria alegremente. Drew não podia se lembrar de quando tinha visto seu avô tão feliz.

— Perdoe-me por ter tentando impedi-lo de fazer isso

— disse Drew quando eles chegaram à mesa dos juízes.

— Sei o quanto significa para você. Gus deu-lhe um tapinha no ombro.

— Entendo por que você tentou me impedir. E talvez até estivesse certo. Mas eu não trocaria a alegria que sinto em estar sobre uma prancha na água por um número infinito de horas que me restam sentado em uma cadeira.

Drew assentiu.

Gus aceitou uma prancheta e um par de binóculos de um dos organizadores do evento.

— Vá agora e me deixe fazer meu trabalho. — Ele olhou para a prancheta. — A primeira competição será a de amadores. Diz aqui que Sara é a quarta da fila.

O coração de Drew disparou violentamente.

— Sara está aqui? Gus confirmou.

— É melhor você voltar para a praia.

Entorpecido, Drew desceu a escada e se juntou à multidão. O apresentador estava falando sobre as regras da competição, mas ele nem ouvia. Sua mente estava totalmente focada em Sara, na sensação maravilhosa de tê-la em seus braços, no seu sorriso, na risada alegre. E nos olhos magoados quando ela o deixara na manhã anterior.

Drew estava errado sobre seu avô... E sobre Sara, também. A decisão de ter colocado o tio em primeiro lugar não era diferente de seu próprio comprometimento com Gus. Isso não significava que não havia lugar para ele na vida de Sara.

Ainda havia uma chance de resolver aquela situação... Se ele não tivesse estragado tudo e ela ainda quisesse vê-lo.

QUANDO SARA assinou seu nome no balcão destinado aos competidores, recebeu um crachá com o número quatro, uma camiseta de *Pecado na praia*, uma sacola contendo protetor solar, creme para lábios, adesivos e outros brindes dos patrocinadores da competição.

— O torneio de amadores é o primeiro — avisou o organizador. — Fique por perto e lhe direi quando deve entrar na água. Em aproximadamente vinte ou trinta minutos. — Distraído, o homem olhou para a água. — Olhe aquilo! Você acredita que ele tem 70 anos?

Sara percebeu que era Gus quem estava surfando. E dando um verdadeiro show!

— Vá, Gus! — incentivou ela, acompanhando a multidão. Observá-lo se divertir ali a fez se sentir melhor.

Esperou que Drew estivesse lá, assistindo ao avô. Assim que Gus terminou de surfar, foi cercado por diversas pessoas, e Sara o perdeu de vista. Em seguida, procurou por Drew, mas também não teve sucesso. Havia muita gente no local.

A idéia de tantas pessoas a observando surfar, e possivelmente a vendo cair da prancha ou fracassar lhe causou dor no estômago. Também precisava ir ao banheiro. Olhando ao redor, viu banheiros químicos perto do estacionamento.

— Posso deixar minha prancha aqui por um minuto? — pediu para o homem atrás da mesa de registro.

— Claro.

Sara apoiou a prancha contra uma pilha de cadeiras e foi para o local dos banheiros. Alguns minutos depois, após enfrentar uma fila, saiu da portinha e quase colidiu com um homem de calção laranja.

— Gus!

— Sara! — Ele sorriu-lhe. — Está pronta para surfar?

— Espero que sim. — Nervosa, ela rapidamente mudou de assunto: — Eu o vi no mar. Você estava fantástico.

— Obrigado. — Ele franziu o cenho. — Ei, você não devia estar com os outros competidores?

— Tive de vir ao banheiro. — Ela pôs uma das mãos sobre o estômago. — Nervos, sabe?

Ele assentiu.

— Você se sairá bem. Mas estou dizendo isso como amigo, não como juiz. Lá — ele apontou para a bancada dos juízes —, tenho de ser imparcial.

— Eu sei.

— Foi bom vê-la. Drew falou que você estava em Los Angeles. Algo sobre uma emergência com seu tio.

Sara enrubesceu. Então Drew se abriu com o avô. Era natural, supôs.

— Tio Spence estava aborrecido com algumas coisas, mas consegui acalmá-lo. Eu não poderia desperdiçar todas as aulas de surfe que tive.

— Estou feliz que tenha ficado. — Gus sorriu. — Você tem feito muito bem ao meu neto. Ele está muito mais relaxado desde que a conheceu.

As palavras a intrigaram.

Drew *não* contara ao avô sobre a briga deles?

— Fico feliz que pense assim. Mas Drew e eu tivemos um... desentendimento ontem de manhã. Nós... Acho que dissemos coisas erradas um para o outro.

— Eu diria que a raiva de Drew é um bom sinal. Ela o fitou.

— Por quê? Ele estava realmente aborrecido.

— Drew não fica aborrecido sobre coisas sem importância — disse Gus. — Por exemplo, não fica nervoso se perde ordens de pedido da *Surf Shack*, mas quase entrou em crise com a idéia que eu surfaria de novo.

— Sim, ele me contou que vocês discutiram por causa disso.

— É porque Drew me ama e se importa com o que me acontece. Talvez esteja zangado com você pela mesma razão.

— Competidores do torneio de amadores, por favor, entrem na água — foi anunciado pelos alto-falantes.

— Vá... — murmurou Gus. — Boa sorte.

Sara apressou-se para pegar a prancha e entrou na água com os outros quatro competidores iniciantes. Mas, o tempo todo, as palavras de Gus ecoavam em sua mente.

Drew a amava.

Sim, ele dissera isso, mas somente depois que tinham feito amor, ainda envolvido pela paixão do momento. Ouvir aquilo de Gus a fizera acreditar nas palavras pela primeira vez.

O coordenador havia explicado que cada um teria a chance de pegar uma onda e mostrar suas habilidades para os juízes e a platéia. Na categoria de amadores, seriam julgados por habilidade e estilo, mas não era esperado que executassem manobras sofisticadas.

O primeiro competidor, um jovem, começou entusiasmado, remando furiosamente em direção à onda, mas levantando-se cedo demais e caindo antes que pudesse encontrar o equilíbrio. A multidão vaiou, humilhando o pobre rapaz.

O segundo surfista, que Sara reconheceu como Garth assim que viu a tatuagem no peito, não era um iniciante, mas estava fingindo ser um naquele dia, sem dúvida para o benefício da equipe dos amigos.

Garth entrou na onda suavemente e, em instantes, estava de pé sobre a prancha. Até mesmo acenou para a platéia enquanto surfava e foi recompensado com muitos aplausos e gritos de aprovação. Sara irritou-se. Os juízes não podiam ver que aquilo não era coisa de amador?

O terceiro surfista se saiu bem, embora não tão bem quanto Garth. Assim que chegou a vez de Sara, ela respirou fundo para tentar se acalmar. Como a primeira mulher

na competição até então, recebeu um encorajamento animado da multidão. Então, fechou a mente para o barulho, virou-se de costas para a platéia e remou em direção às ondas.

Tudo o que Drew lhe falara sobre surfe lhe veio à mente. Podia quase ouvir a voz dele em sua cabeça, dizendo como julgar o peso e a velocidade da onda, quando se virar, o momento certo de fazer o movimento.

Sara balançou um pouco para subir na prancha e teve de lutar por equilíbrio, mas, num milésimo de segundo, endireitou-se. Uma grande euforia a dominou enquanto pegava a onda. Sentiu-se no topo do mundo, jovem, livre e confiante.

A performance acabou muito rapidamente. Logo, estava afundando na água, empurrando a prancha e deixando-a deslizar atrás de si. Mergulhou a cabeça e emergiu novamente. A água estava morna, abraçando-a. Queria ficar ali um pouco mais, saboreando a sensação de liberdade.

E pensar que, quando chegara a Malibu, tinha sido mais atraente ficar diante do computador do que na água!

Sentia-se uma mulher diferente agora, com mais experiência e com a habilidade, até mesmo sabedoria, de fazer as próprias escolhas.

Pensou sobre a tarde em que se recusara a andar de pára-quedas com Drew porque queria evitar riscos. Como isso parecia tolo agora! Por que não havia enxergado a diferença entre os riscos que correria quando adolescente, usando drogas, saindo com as pessoas erradas, e os riscos que tornavam a vida mais divertida e mais excitante? Riscos como pára-quedas, surfe... E permitir a si mesma se apaixonar.

O próximo e último competidor começaria em minutos, e Sara teve de sair da água e juntar-se aos outros na praia. Os cinco participantes ficaram em pé sobre a areia, esperando o veredicto de Gus e dos outros juízes.

— Você foi muito bem — disse o primeiro surfista para Garth. — Certamente já surfou antes.

— Não — mentiu Garth. — Comecei esta semana.

— Não foi o que você me disse ontem. — Sara se aproximou de Garth, que teve a coragem de se fingir de tímido.

— Bem, eu estava mentindo. Tentando impressionar uma garota bonita. — Ele desviou o olhar e se afastou.

Finalmente, um dos coordenadores começou a vir na direção deles. Sara ficou perplexa ao ver Drew andando com o homem.

— Este é Drew Jamison, da *Surf Shack*, um de nossos patrocinadores — o coordenador apresentou. — Ele está aqui para entregar os prêmios.

Drew evitou o olhar de Sara, mas ela o olhou fixamente. Tudo o que queria era se atirar em seus braços. Em vez disso, respirou fundo e tentou manter o equilíbrio.

O primeiro lugar foi para Garth. Nenhuma surpresa ali, pensou Sara. Os amigos dele comemoraram, oferecendo-lhe os parabéns. Eram todos membros da equipe Santa Monica. Sara pensou se deveria vociferar sua suspeita de que Garth não era amador. Mas como poderia provar?

O segundo lugar foi para o surfista número cinco. Sara estivera tão voltada para si mesma depois de surfar que não prestara muita atenção no homem. Mas não pôde evitar o desapontamento que sentiu por não ter conseguido o segundo lugar.

— Ganhando trezentos pontos, o terceiro lugar é de Sara Montgomery — leu o coordenador em sua prancheta.

Sara deu um gritinho de alegria, mas logo ficou séria quando Drew se aproximou e lhe entregou um envelope com o certificado de vencedora.

— Olá, Drew.

— Olá, Sara. Meus parabéns. Você estava ótima.

— Você assistiu? — O elogio aqueceu a alma de Sara.

Ele assentiu.

— Você parecia estar se divertindo muito.

— Sim. — Ela respirou fundo e acrescentou: — Eu estava me lembrando de todos os momentos que vivemos juntos, quando você estava me ensinando.

Drew desviou o olhar.

— Sim.

O silêncio se estendeu. Os outros surfistas e o coordenador já haviam partido.

— Eu...

— Nós podemos... Ambos riram nervosamente.

— Fale você primeiro — murmurou Drew.

— Eu ia perguntar se podemos ir a algum lugar e conversar. Sozinhos.

— Claro — respondeu ele. — Eu adoraria.

CAPÍTULO TREZE

DREW gesticulou para a beira da água.

— Vamos dar uma caminhada. — Sem esperar resposta, pegou a prancha e eles saíram.

— Eu vi Gus surfando — murmurou ela após um momento. — Ele parecia ótimo.

Drew a olhou.

— Fiquei muito zangado por ele ter concordado. Achei que estivesse correndo um risco estúpido.

— E agora, o que você acha?

— Quando o vi, tudo o que *eu* sinto quando estou surfando veio à tona. E pensei como seria se alguém me dissesse que eu nunca mais poderia experimentar aquela sensação. — Drew meneou a cabeça. — Acho que fui muito arrogante ao pensar que, como Gus é mais velho, não sentiria a perda de algo que ama. Agora, estou feliz por ele não ter me ouvido. Pelo menos por enquanto.

— Sou apenas iniciante, mas sei um pouco sobre o que você está falando — disse Sara. — Esta manhã, quando eu estava na água, era como se não houvesse um único problema no mundo. Eu era verdadeiramente livre. — Ela riu. — E não queria sair da água.

Drew a olhou.

— Quando você partiu ontem, pensei que tivesse voltado para Los Angeles. O que aconteceu?

— Voltei ao chalé e fiz as malas. Ellie e Candy me mostraram todas as razões pelas quais eu devia ficar.

— Então, elas a convenceram. — A voz dele era tensa como se quisesse dizer: *Você não ficou quando eu pedi.*

— Não foram somente elas — falou Sara. — Minhas amigas me lembraram por que vim para Malibu.

— E por que você veio?

— Elas me convenceram que minha vida estava enfadonha. Se eu quisesse realmente viver um dia, tinha de largar o computador por uma semana e redescobrir minha jovem rebelde interior.

— E você a encontrou?

— Encontrei algo melhor. — Sara hesitou, então, segurou-lhe o braço e se inclinou para mais perto. — Encontrei uma mulher corajosa que realizou o antigo sonho de aprender a surfar e que se apaixonou por um homem maravilhoso.

Drew tropeçou, então parou e virou-se para encará-la.

— Ontem você parecia disposta a dar as costas para tudo isso e voltar para Los Angeles, como se nada tivesse mudado.

Ela assentiu.

— Eu estava. Então, me dei conta de que, se fizesse isso, teria desperdiçado as férias. Amo tio Spence e sempre me sentirei em débito com ele. Mas, após nossa discussão de ontem, finalmente entendi algo que você provavelmente estava tentando me dizer o tempo todo.

— E o que é?

— Eu tinha medo de tomar decisões na vida porque fiz muita besteira no passado. Era fácil usar tio Spence como uma desculpa. Fingia me sentir bem por ajudá-lo, quando, na verdade, eu estava evitando viver minha própria vida. — Ela sorriu. — Obrigada por me fazer enxergar isso.

— Eu estava errado também — murmurou Drew. — Reorganizei toda minha vida para cuidar de vovô, mas tive a coragem de reclamar sobre você querer ajudar seu tio.

— Sei que você fez isso porque viu que eu queria ajudar um homem que, no fundo, precisava de minha recusa para que pudesse aprender a cuidar de si mesmo.

— Isso não é inteiramente verdade.

— Como assim?

— Fiquei realmente ressentido por sua devoção ao trabalho e a Spence. Lembrei-me de quando estava crescendo. A *Surf Shack* sempre vinha em primeiro lugar para minha família. Quando você falou que ia embora para trabalhar, me senti um garotinho novamente, ressentindo ficar sempre em segundo lugar.

— Oh, Drew! Eu não pretendia isso.

— Eu sei que não. E me senti estúpido quando percebi o que estava acontecendo. Pode me perdoar por ter sido tolo?

— Se você me perdoar por ter sido covarde.

— Não há nada para perdoar. — Ele a puxou para mais perto.

— Somos um casal ou não? — Sara o olhou fixamente.

— Eu diria que somos um casal perfeito. — Então, Drew a beijou, e ela queria gritar de alívio, mesmo enquanto se derretia contra o corpo forte. Sem deixar seus lábios por um minuto, ele largou a prancha na areia e a abraçou, como se nunca mais quisesse deixá-la partir. Após um longo tempo, eles se separaram.

— Sempre senti que pertencço aos seus braços — murmurou Sara. — Desde o começo.

— Eu também — falou ele. — Nunca acreditei em destino, mas talvez nós tenhamos nascido um para o outro.

— Você sabe que tenho de voltar para Los Angeles na próxima semana.

Drew assentiu.

— Eu sei. Irei visitá-la lá e você virá para cá. Daremos um jeito, Sara.

— Tenho algumas idéias para facilitar as coisas para nós. — Ela apertou-lhe a mão. — Não quero falar por enquanto. Prefiro ter certeza de que vai dar certo, antes.

— Não vejo a hora de saber. Enquanto isso... — Drew deslizou as mãos para as nádegas de Sara e a pressionou contra si. — Quer ir para minha casa?

— E a minha prancha?

Eles deixaram a prancha com Gus, na bancada dos juízes, e foram para a casa de Drew.

A urgência que antes caracterizara o ato de amor deles foi substituída por languidez, como se seus corpos também entendessem que teriam todo o tempo do mundo para se apreciarem.

Despiram-se lentamente, observando a luz brincar em suas peles. Drew colocou música romântica, e eles dançaram nus em volta do quarto, saboreando o roçar das coxas, dos seios no peito largo.

— Conheço um lugar onde podemos ir nadar nus um dia desses... — murmurou Drew.

Ela adorava a idéia de planejar coisas para o futuro.

— Iremos surfar em County Line, qualquer hora.

O telefone de Sara tocou então. Drew ficou tenso instantaneamente e se afastou.

— Atenda — disse ele. — Eu espero.

— Não. — Ela tirou o celular da bolsa e desligou-o.

— De agora em diante, as pessoas podem me deixar um recado. Vou atender quando for conveniente para mim.

Ele sorriu.

— Você está virando a página mesmo.

— Estou tentando. — Ela voltou para os braços dele.

— Onde estávamos?

Eles se deitaram na cama, um de frente para o outro, e se amaram vagarosamente, saboreando cada gesto, cada toque, até que alcançaram o ápice como um só ser.

Quando ficaram felizes e saciados, aconchegaram os corpos deliciosamente e permaneceram em silêncio. Sara fechou os olhos e sorriu, Eles fariam o relacionamento dar certo. Acreditava com todo seu coração que realmente haviam nascido um para o outro.

O FINAL DO festival *Pecado na praia* aquela noite prometia ser o evento mais quente da semana. Fogueiras estavam acesas e diversas tendas alinhadas ao longo da praia. Havia música ao vivo em dois palcos, e todas as estrelas do programa de televisão estavam

presentes para sessões de autógrafo. Patrocinadores entregavam brindes e muitas barracas vendendo drinques e cervejas estavam montadas.

No centro do evento, um grande palco fora erguido, com um telão que exibia cenas do seriado *Pecado na praia*, incluindo algumas do episódio filmado aquela semana. Sara e Drew se reuniram com Candy, Matt, Ellie e Bill, e as mulheres abraçaram Ellie quando ela apareceu na breve cena. Aplaudiram quando Gus apareceu, cercado de bonitas garotas de biquíni.

— Você estava linda lá — disse Candy para Ellie quando o telão mudou para um vídeo musical,

— Você deixou o programa mais interessante — acrescentou Bill, puxando-a para um abraço. Ele e Ellie já tinham planos de compartilhar um escritório no leste de Los Angeles. Ellie abriria um novo café no estilo gótico, enquanto Bill perseguiria seus sonhos de produzir filmes independentes.

Quanto a Matt e Candy, eram definitivamente um casal. Declarando que preferia tê-lo como namorado em vez de chefe, Candy pretendia dedicar sua criatividade e energia para abrir a própria empresa de marketing.

— E agora, o momento que vocês estão esperando. — ' - O telão ficou preto e a música parou quando um dos organizadores do festival andou para o centro do palco. — Iremos anunciar o vencedor do grande prêmio da semana.

A multidão gritou e aplaudiu. Sara apertou o braço de Drew. Candy cruzou os dedos de ambas as mãos.

— Nós vamos ganhar — disse ela. — Sei disso.

Sara não estava tão confiante. Depois de rever sua planilha, tomara a decisão de não entregar Garth. Ela e suas amigas tinham pontos suficientes para vencer a equipe Santa Monica... Pontos que tinham ganhado honestamente. E havia a redação a considerar. Candy entregara naquela manhã, e Sara e Ellie haviam concluído que a composição tinha potencial para ser a vencedora. Entretanto, aquelas coisas eram tão subjetivas...

— Um pacote de roupas de banho da Ocean Bay e um fim de semana na Pousada Malibu é o prêmio para o terceiro colocado, e vai para a equipe Jerry, de Torrance.

Um quarteto feliz foi para frente receber os prêmios e os cumprimentos dos organizadores.

— Segundo lugar... Pranchas de surfe e equipamentos da *Surf Shack*... Vai para Macacos de Praia de Bayside.

Um trio de rapazes, todos usando máscaras de borracha de *Planeta dos macacos*, foram receber seus prêmios.

— Isso está demorando muito — reclamou Ellie.



— O primeiro prêmio vai para uma equipe que conseguiu acumular 3.421 pontos — continuou o locutor. — Levando um jet-ski Wave Runners e uma máquina para preparar marguerita, da Dave's Party House, o vencedor é Santa Monica Marvels.

Enquanto todos ao redor aplaudiam, Candy inclinou-se sobre Sara.

— Os Marvels? Eles não podiam ter arranjado um nome melhor?

As três amigas se deram as mãos, enquanto esperavam o pronunciamento final.

— Os Marvels tiveram o maior número de pontos — continuou o apresentador. — Mas, como todos sabem, o vencedor do grande prêmio não é determinado somente pelos pontos. Os participantes também fizeram uma redação, explicando por que deveriam ser escolhidos para o grande prêmio de uma semana de estadia, durante todos os verões, nesta fabulosa casa de praia em Malibu.

Imagens de uma casa verdadeiramente luxuosa apareceram no telão, toda cercada de vidro, com vista para o mar, uma sala de jogos completa com mesa de sinuca e bar, e uma piscina de hidromassagem enorme num terraço alto acima do mar. A multidão comemorou enlouquecida.

— Vocês não podem visualizar todas nós lá? — murmurou Candy, ansiosa.

O apresentador olhou para sua prancheta.

— Aqui vai uma parte da redação dos vencedores:

"A MAGIA de Malibu não se encontra apenas nas águas azuis brilhantes e na areia branca e macia, mas em seu status de lugar único. Aqui, três amigas vieram juntas para passar uma semana, a fim de escaparem da rotina e se divertir. Porém, a magia de Malibu fez mais do que ajudá-las a relaxar. A magia de Malibu as transformou. Em uma semana espetacular, elas descobriram o amor, expandiram seus horizontes e planejaram um novo rumo para suas vidas. Ganhar o grande prêmio lhes permitiria retornar todos os anos para comemorar esta primeira semana de mudança de vida, reforçar sua amizade e celebrar o lugar que sempre será especial para elas."

O APRESENTADOR ERGUEU os olhos da prancheta.

— O grande prêmio... As férias na casa de Malibu... Vai para Java Mamas!

Sara e as outras conseguiram ficar silenciosas até o fim, então gritaram e se abraçaram, depois correram para o palco a fim de receber o prêmio. Posaram para fotos, então chamaram seus amores para dividir o momento.

Enquanto se abraçavam e se cumprimentavam, Sara os interrompeu:

— Tenho mais uma boa notícia.

— O que é? — quis saber Candy.



Sara olhou para Drew, que lhe sorriu de volta.

— Eu já contei a Drew, mas, em alguns meses, espero me mudar para Malibu permanentemente.

— Você não vai mais trabalhar para tio Spence? — perguntou Ellie.

— Sim, mas meu tio e eu tivemos uma longa conversa esta tarde. Decidimos abrir uma filial. Ficarei com os clientes corporativos e os transferirei para Malibu, enquanto Spence vai voltar a fazer o que gosta, ou seja, trabalhar com clientes residenciais em Los Angeles.

— Isso é perfeito! — exclamou Ellie. — Vocês dois podem fazer o que gostam.

— E posso ficar com o homem que amo. — Ela olhou para Drew.

Alguém trouxe uma garrafa de champanhe, e eles encheram copos de plásticos e brindaram.

— À amizade — disse Candy.

— Ao romance — acrescentou Sara.

— Ao Pecado na praia... — murmurou Ellie. — E às férias perfeitas de Malibu!
